

Adiante!

Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0870-1865

30 de Dezembro de 1993

Preço: 120\$00
(IVA incluído)

N.º 1046

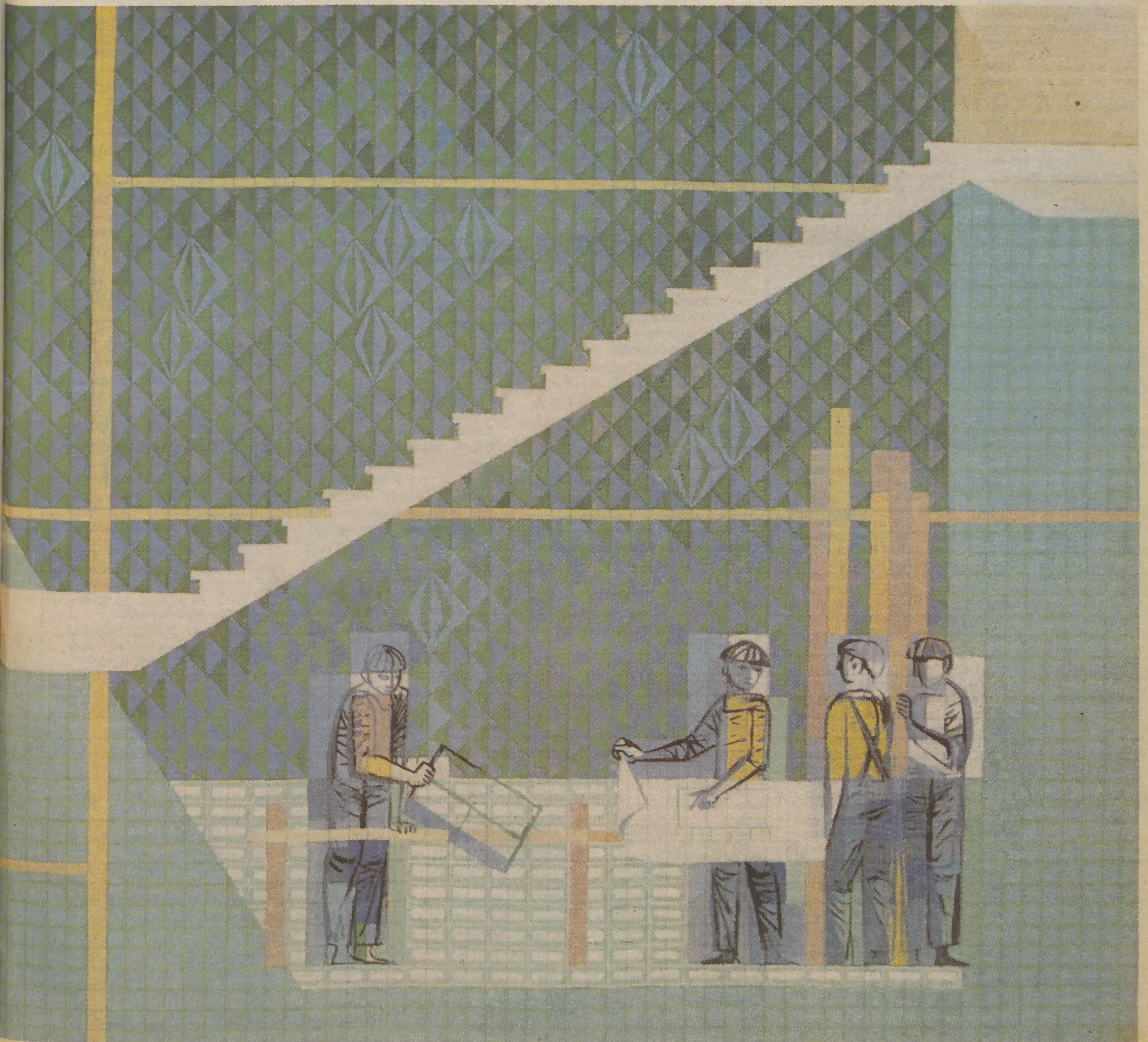
Director:
Carlos Brito

Nós, por cá,
objectivamente...

Páginas centrais

Com o trabalho e a luta, com os trabalhadores e com o povo

Vamos construir um ano melhor!



EDITORIAL

O Partido

Falemos do Partido. Neste dobrar de ano, nestes dias em que nos habituámos a fazer balanços e a enumerar desejos e esperanças, lancemos um olhar sobre o Partido que somos. Um olhar de balanço que dê corpo a desejos e esperanças.

Inevitavelmente, a abrir tal balanço, haverá a dizer que, uma vez mais, se enganaram os profetas da desgraça, os arautos do «declínio irreversível», das «mortes anunciadas», quantos, enfim, vaticinaram que 93 seria para o PCP pouco mais do que uma agonia anunciando o fim.

Enganaram-se. Mas bem loucos seríamos contudo se nos contentássemos com tal engano, se não refletíssemos sobre tudo quanto se passou e, acima de tudo, as razões por que se passou.

Os fracassados profetas e arautos, se davam sobretudo voz a desejos, não deixavam de invocar dados reais que comprovariam as suas previsões. Acima de tudo, apontavam para Leste, para a derrocada do campo socialista, para a tragédia de guerras, conflitos e miséria que dela nasceu. O ano que chega ao fim empapou em mais sangue a escalada da restauração do capitalismo na Europa de Leste, varreu definitivamente os véus hipócritas que a haviam baptizado de «democracia». O brutal assalto a tiro de canhão do parlamento russo pelas tropas fiéis a Ieltsin desenganou quantos pensavam ainda poder tapar o sol com uma peneira, quantos pretendiam fazer do regime ditatorial surgido na Rússia algo que remotamente se possa parecer com uma democracia.

O ano passado foi, na verdade, para muitos, o fim das ilusões e o fracasso das propagandas. Na Alemanha, o desemprego e a pobreza vieram revelar a verdadeira face da anexação, a imposição brutal da ordem do capital ao território da antiga RDA. No panorama de crise económica e frenético anticomunismo, perante o falhanço de todos os horizontes traçados, a extrema-direita mais violenta faz campear bandeiras antigas de racismo e xenofobia.

O nazismo ressurgiu aqui e ali neste caldo de cultura gerado por um capitalismo que se declara triunfante ao mesmo tempo que se revela totalmente incapaz de resolver as suas contradições, incapaz mesmo de descolar de uma crise das mais graves da sua história.

De mãos livres, sem a contenção que lhe impunha a existência do campo socialista, o imperialismo cresce em arrogância e intervencionismo na vida dos povos.

Mas as próprias contradições, a própria crise, os falhanços das promessas feitas, despertam os povos. Ante o pasmo dos que declaravam morto o sonho de uma sociedade mais justa, nos próprios países de Leste, num processo eivado de contradições e dificuldades, mas nem por isso menos significativo, assiste-se ao recrudescimento do apoio popular a partidos que se reclamam do socialismo, que se reclamam do muito, do muitíssimo que de válido e correcto o esforço dos trabalhadores e dos povos construiu nos antigos países socialistas europeus.

Por todo o mundo se reclama a necessidade de uma resposta de esquerda a anos de ofensiva económica, social, política e ideológica

Chegamos assim ao fim de 93 com razões para dizer que a vida nos deu razão.

do capitalismo e, muito especialmente, do mais desenfreado liberalismo. Os tempos de Thatcher e Reagan desaguaram em fracasso e crise, em desemprego e avassaladores problemas sociais, urge a alternativa que não será seguramente dada pelos que se reclamam seus continuadores.

Muitos dos que acreditavam que a Paz estava mais defendida com o fim da guerra-fria verificam que hoje, afinal, vivemos um mundo menos seguro, mais armado, mais violento e mais ameaçador. A «nova ordem» do capitalismo impõe a consciência de que a luta pela paz continua na ordem do dia e talvez hoje revelando de forma mais clara do que nunca de onde sempre veio o perigo da guerra.

Os tempos vieram, afinal, dar razão aos comunistas portugueses.

Dissemos que era na defesa do carácter revolucionário e de classe dos partidos comunistas que residia a sua razão de ser e a sua capacidade de resistência. Dissemos que nos sítios onde tivessem desaparecido os partidos comunistas, os trabalhadores e os povos se encarregariam de os reconstruir.

O PCP manteve-se fiel a si próprio, solidamente implantado nas suas raízes, na classe operária e nos trabalhadores. Manteve o seu carácter de classe, o seu programa de defesa intransigente dos interesses de quem trabalha. A necessidade de tal partido, a sua indispensabilidade no quadro da democracia portuguesa impôs-se por si própria.

O crescimento da votação nas últimas autárquicas, a capacidade de mobilização revelada pelo PCP na luta contra a política cavaquista, o iniludível e crescente reconhecimento da justa das posições dos comunistas portugueses ganha expressão nas mais variadas camadas da população e em áreas tão diversificadas quanto a política europeia ou a política de saúde, a agricultura ou a situação da indústria têxtil.

Chegamos assim ao fim de 93 com razões para dizer que a vida nos deu razão.

Mas não basta que a vida dê razão: a razão e a vida também se fazem e constroem. Poderiam as nossas posições ser justas e corresponderem à realidade que, mesmo assim, poderiam falecer-nos meios para delas fazermos força de intervenção quotidiana, factor de ânimo e luta, de resistência e transformação.

Poderiam as nossas ideias ser razoáveis e faltarem-nos, em organização, em quadros, em meios materiais, as condições para delas fazermos a força material que muda a realidade.

Mas tal não sucedeu.

Completo-se há pouco um ano, no seu XIV Congresso, o Partido tomou as medidas de direcção e de organização que a vida e as exigências do trabalho aconselhavam. Enfrentámos as novas realidades do mundo e do País, rejuvenescemos a direcção do Partido, mantendo simultaneamente o carácter de classe que é identidade do PCP.

Ao longo de 93 enfrentámos corajosamente os problemas e dificuldades criadas nomeadamente pela crise económica, conseguindo assegurar que as batalhas a travar - e muito especialmente as sempre dispendiosas e complexas campanhas eleitorais - pudessem contar com os meios técnicos e humanos que a luta impunha.

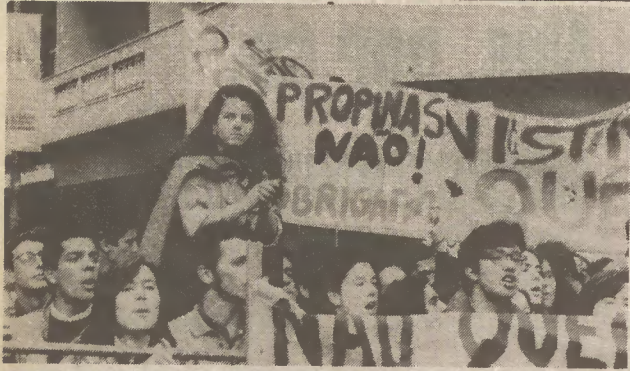
Pela quarta vez realizámos na Atalaia a Festa do «Avante!», atingindo em 93 um majestoso êxito de massas.

No dia-a-dia da luta, nas universidades ou na metalurgia, na defesa de uma saúde justa ou na luta contra a governamentalização da administração, na gestão autárquica ou nos sindicatos, os comunistas desempenharam com coragem, determinação e competência as suas tarefas.

O Partido definiu orientações políticas justas, dirigiu o trabalho, coordenou a luta.

Falemos, pois, do Partido. Neste dobrar de ano, nestes dias em que nos habituámos a fazer balanços e a enumerar desejos e esperanças, lancemos um olhar sobre o Partido que somos.

E é um olhar que dá corpo a vontade, desejos e esperanças.



A luta das propinas continua

RESUMO

22 Quarta-feira

Representantes das Associações de Estudantes, reunidos em Aveiro, decidem concertar posições para encontrarem uma proposta comum alternativa ao decreto-lei sobre as propinas vetado pelo Presidente da República ■ Cavaco Silva, em mensagem natalícia, diz que as previsões das organizações internacionais são positivas quanto à recuperação da economia portuguesa ■ O plenário de sindicatos da CGTP-IN decide dinamizar a luta contra o que classifica de ofensiva do Governo e do patronato ■ Isaltino Morais confirma recandidatura à presidência da distrital de Lisboa do PSD ■ O PS anuncia o seu propósito de pedir a suspensão da Lei das Propinas ■ Ieltsin reafirma em conferência de imprensa a sua confiança em Gaidar à frente da pasta da Economia e anuncia a criação de um partido presidencialista ■ Muçulmanos recusam proposta conjunta servo-croata para a resolução do conflito na Bósnia ■ Parlamento sul-africano aprova por larga maioria a nova Constituição que instituiu pela primeira vez um Estado de direito não racial após 341 anos de domínio da minoria branca ■ Inundações em vários países da Europa Central provocam quatro mortos e elevados prejuízos materiais.

23 Quinta-feira

O Governo apresenta-se em peso em Belém para os tradicionais cumprimentos de Boas-Festas ao Presidente da República ■ Um Relatório Mundial da UNESCO revela que o analfabetismo estagnou no Mundo; no que se refere a Portugal, o estudo indica que neste capítulo, com uma taxa de 15 por cento, o nosso país está na cauda da Europa ■ Um Acórdão do Tribunal Constitucional garante que os cidadãos a cumprir pena de prisão passam a ter direito ao voto nas eleições legislativas, presidenciais, autárquicas e regionais ■ Silvio Berlusconi, magnata da comunicação social e presidente do Milão, manifesta-se disponível para se envolver na cena política e protagonizar o que considera um combate às forças de esquerda nas legislativas ■ Quatro homens armados, numa cidade russa, tomam como reféns uma professora e os seus alunos e exigem dez milhões de dólares pela sua libertação.

24 Sexta-feira

Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira, prevê que o ano de 1994 venha a ser «turbulento» ■ A mensagem de Natal do cardeal patriarca de Lisboa e dos bispos portugueses é dominada pela preocupação relativamente à crise económica e aos problemas sociais ■ A bandeira palestina é hasteada no edifício da câmara municipal de Belém ■ Patford Shuma, assistente do Secretário-Geral do ANC, é assassinado numa estação de autocarros em Joanesburgo ■ Hanói classifica de «positiva» a atitude dos EUA de reduzirem o embargo comercial ao Vietnam ■ Os Estados da CEI terminam a XII Cimeira sem chegarem a acordo quanto aos mais importantes *dossiers*, designadamente a União Económica e os direitos das minorias.

25 Sábado

O «Posat-1», primeiro satélite português, entra oficialmente em operação três meses depois de ter sido lançado no espaço ■ Butros Ghali encontra-se em Pyonyang com o Presidente da Coreia do Norte, Kim Il Sung, com quem analisa a questão nuclear, que tem motivado um agravamento das tensões entre aquele país e os EUA ■ Combates em Sarajevo violam as tréguas de Natal e provocam dez mortos e trinta feridos ■ Bill Clinton, em mensagem natalícia, apela ao fim da violência nas ruas dos EUA e expressa a sua preocupação pelo desemprego crescente ■ Fortes tempestades e inundações continuam a afectar a Europa Central, atingindo com particular violência a França onde aumenta o número de estradas bloqueadas.

26 Domingo

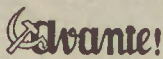
Pela terceira vez, a população de Vila Boa do Mondego, concelho de Celorico da Beira, boicota as eleições autárquicas ■ Responsável militar indonésio anuncia que a polícia passará a vigiar o território de Timor-Leste ■ Um atentado na catedral de Davao, nas Filipinas, provoca nove mortos e 130 feridos ■ Um novo cessar-fogo é acordado entre as duas facções rivais que desde há dois meses travam violentos combates no Afeganistão ■ Autoridades francesas vedam, ao público por motivos de segurança, o acesso às praias atlânticas onde flutuam centenas de engenhos explosivos provenientes de um cargueiro naufragado.

27 Segunda-feira

Pela segunda vez, em poucos dias, são suspensas na Bolsa as acções da Sonae Investimentos ■ A tróica de países observadores do processo de paz em Angola apela para uma solução rápida da crise ■ Augusto Pinochet, chefe do Estado-Maior do Exército chileno, afirma que permanecerá no cargo até 1997 ■ Arafat e Rabin encontram-se no Cairo para tentarem de novo chegar a um compromisso sobre as questões de segurança no quadro do acordo de autonomia palestiniana.

28 Terça-feira

Através de uma nota do Ministério da Administração Interna (MAI), o governo ameaça os estrangeiros que não legalizaram a sua situação de residência em Portugal, afirmando que não podem fugir «às consequências do seu desrespeito» pela lei ■ O Provedor de Justiça entrega ao ministro da Saúde uma recomendação sobre as indemnizações devidas pelo Estado aos contaminados pelo vírus da sida em estabelecimentos públicos de saúde ■ Entra em vigor a Convenção para a Biodiversidade, 18 meses após a assinatura na Cimeira da Terra, a Eco-92, tomando-se assim uma lei do direito internacional ■ As negociações israelo-palestinianas prosseguem no Cairo ■ Igor Gaidar, responsável pela política económica na Rússia, reconhece que esta política está a provocar um «enorme risco social».



Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1899 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1899 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matricula: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A, 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição.

Sede: Rua do Norte, 115, 1.ª, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra Telef. (039) 71 35 77

Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guilhões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.ª-A 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e impresso na Heka Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.700\$00
REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.788\$00
ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00
MACAU — 50 números: 13.042\$00
GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.056\$00
EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00
EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.780\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Telef. _____
Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

TRABALHADORES

A acção de massas e as eleições autárquicas

«A intensa acção sindical desenvolvida no período que mediou entre a realização do nosso VII Congresso e o momento actual provou, mais uma vez, que a luta reivindicativa e de massas é o factor determinante para a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores.»

As inúmeras acções que o movimento sindical desenvolveu a nível das empresas, dos sectores e das regiões, bem como as lutas de âmbito nacional (jornada nacional de luta em 5 de Junho, estafeta da solidariedade em Setembro e o dia nacional em 18 de Novembro) obrigaram o patronato e o Governo a recuar em diversas áreas e fizeram fracassar objectivos que consideraram essenciais como é o caso do «Acordo Social para 94», permitindo, assim, defender direitos fundamentais dos trabalhadores.

A luta, a denúncia e a resistência que centenas de milhares de trabalhadores e o seu movimento sindical têm desenvolvido, contribuiu para a crescente oposição à política do Governo e, consequentemente, para os resultados eleitorais.»

(...)

«O resultado das eleições autárquicas representam uma clara derrota política para o PSD e o Governo, reflectindo a condenação popular da política que é responsável pela grave situação de crise e recessão económica em que o país se encontra. E representa a confirmação da justiça das lutas pelos trabalhadores e pelo movimento sindical.»

(...)

«A CGTP-IN entende que a grande lição a retirar destas eleições, é a de que só será possível construir uma alternativa viável à política do Governo se ela tiver credibilidade e um largo apoio social, alicerçando-se na resolução dos problemas dos trabalhadores, das populações e do país.»

O GATT e a posição portuguesa

«O Governo Cavaco Silva tem sido um fiel seguidor e um zeloso cumpridor das teses mais conservadoras que se manifestam no seio da CE, sem acautelar os interesses nacionais.»

A contribuição portuguesa para a elaboração do «Livro Branco Comunitário» e a conduta assumida nas negociações do GATT, onde à última hora o Governo procura aparecer com uma ilusória posição de força que é desmentida pelas cedências feitas, são a prova mais cabal da sua subordinação aos interesses predominantes na Comunidade.

Em termos gerais, o acordo do GATT, agora negociado, trouxe vantagens evidentes para as cerca de 500 empresas transnacionais que dominam cerca de 2/3 do comércio mundial. Inversamente, perdem os países em vias de desenvolvimento ao acentuar-se uma ordem económica internacional que lhes é totalmente adversa, que prossegue a destruição ambiental, a delapidação dos recursos naturais e a manutenção de condições de vida e de trabalho situada abaixo dos mínimos elementares e das próprias normas da OIT.

O Acordo do GATT vem levantar legítimas preocupações sobre o futuro de muitas empresas e sectores de actividade em Portugal.

(...)

«Na lógica de concorrência capitalista, que este Acordo do GATT tão bem reflecte, o aumento da concorrência irá traduzir-se em pressões adicionais sobre as condições de vida e de trabalho.»

O «não-acordo social»

«O Governo e o patronato tentaram fabricar um «acordo social» para 1994 que, além da contenção salarial pretendida, procurava penalizar os trabalhadores através de alterações legislativas que visavam o enfraquecimento da contratação colectiva, a polivalência no exercício de funções, o reforço da flexibilidade dos horários e a incentivação do emprego a tempo parcial; o aumento da intensificação do trabalho, por via da eliminação de pausas; o aumento da precariedade do emprego, o agravamento do desemprego com a declaração imediata da falência de empresas com salários em atraso; a redução do direito ao pagamento de faltas justificadas.»

(...)

«A CGTP-IN teve um papel determinante na denúncia dos objectivos visados pelo Governo e patronato»

(...)

«A não assinatura do "acordo" traduziu-se numa vitória para os trabalhadores por ter conseguido, de imediato, travar as pretensões do patronato e do Governo.»

Mas isso, não significa que os perigos não se mantenham. O patronato e o Governo vão procurar, por outros meios, atingir os seus objectivos.

A não assinatura do «acordo» trouxe, também, implicações imediatas que não podem deixar de ser consideradas:

1º Deixou claro que os trabalhadores e os seus sindicatos não podem ser corresponsabilizados pelo fracasso da política do Governo;

2º Ganha maior importância a necessidade de promover na sociedade portuguesa um debate sério para encontrar alternativas não só à política de emprego, como a toda a política económica e social do Governo;

3º A negociação colectiva vai desenvolver-se em termos mais exigentes, mas que também são potencializadores de um envolvimento pleno dos trabalhadores, podendo proporcionar soluções mais ajustadas à realidade vivida sector a sector, empresa a empresa.»

(Extractos da resolução político-sindical aprovada pelo plenário nacional de sindicatos)



A luta dos trabalhadores e do movimento sindical foi determinante para travar os objectivos do Governo e do patronato, sublinha a resolução aprovada no plenário nacional de sindicatos da CGTP (foto da manifestação de 18 de Novembro, «dia nacional de luta», em Lisboa)

Intensificar a luta em 1994

A CGTP prepara uma «acção global» e acentua a importância da contratação colectiva e das lutas reivindicativas

O plenário nacional de sindicatos da CGTP-IN debateu na semana passada as perspectivas para a actividade no próximo ano. Na resolução político-sindical ali aprovada afirma-se que «face às ameaças que continuam a pesar sobre os trabalhadores, a luta de massas e a acção reivindicativa terão, inevitavelmente, de prosseguir e intensificar-se», assumindo «uma importância determinante, em particular nos próximos meses» a contratação colectiva e outras reivindicações, a nível de empresas e sectores.

O plenário, onde estiveram representadas 112 organizações sindicais, decidiu «desenvolver de imediato todos os esforços com vista a criar as condições para desencadear, a breve prazo, uma acção global do movimento sindical que dê uma resposta, de dimensão e profundidade adequadas, à ofensiva do Governo e do patronato e à necessidade de defender eficazmente os direitos e interesses dos trabalhadores». Nos termos da resolução, a direcção da CGTP ficou mandatada para «decidir as formas e o momento da concretização dessa acção, tendo presente as razões e objectivos da luta dos trabalhadores».

Depois de saudar as lutas de «milhares e milhares de trabalhadores» e toda a estrutura sindical pelo seu empenhamento, o plenário apela ao desenvolvimento da luta reivindicativa «em todas as empresas e sectores, dinamizando os processos reivindicativos e a contratação colectiva com o pleno envolvimento dos trabalhadores, tendo presente a sua particular incidência no início do ano».

O plenário de sindicatos da CGTP, que reuniu dia 22 em Lisboa, decidiu ainda «denunciar e combater todas as ameaças de despedimento ou encerramento de empresas», «continuar a lutar pelos

direitos sociais dos trabalhadores e, em particular, pela defesa dos sistemas de Segurança Social e Saúde, pela melhoria das pensões e prestações sociais», e «dinamizar o trabalho de esclareci-

mento e denúncia» das situações concretas de cada empresa e sector, «tendo em vista reforçar a coesão e a solidariedade entre todos os trabalhadores, de forma a valorizar a importância de

uma acção sindical cada vez mais conjugada e convergente, que viabilize acções de carácter mais global».

No plenário foi ainda aprovado o orçamento e plano geral de actividades da central para 1994 e foram eleitos o Conselho Fiscalizador e a Mesa do órgão máximo da CGTP entre congressos.



Calendário

O programa de actividades da CGTP para 1994, aprovado pelo plenário nacional de sindicatos no passado dia 22, dá especial realce às comemorações do 25 de Abril, do 1º de Maio e do aniversário da central (1 de Outubro).

A par de importantes linhas de acção que vão ser desenvolvidas ao longo do ano (sindicalização, organização e reestruturação sindical, negociação colectiva e acção reivindicativa, combate aos despedimentos e à desprotecção social), estão já agendadas actividades que preenchem o calendário da central e das suas estruturas intermédias (federações e uniões).

No dia 21 de Janeiro realiza-se uma conferência nacional sobre a defesa dos direitos individuais e colectivos dos trabalhadores.

A 3 de Março tem lugar um tribunal de opinião pública sobre os direitos das mulheres e a igualdade 20 anos depois de Abril.

Ainda em Março, serão assinalados o dia internacional da mulher (8) e o dia nacional da Juventude (28).

Durante o primeiro trimestre de 1994 representantes da CGTP participaram em Madrid na 2ª Cimeira Sindical Ibérica; a central organiza ainda neste período vários debates e encontros temáticos (sobre Segurança Social, saúde ocupacional, medicamentos e sua função social, água, questões comunitárias, emigração...).

Para o próximo ano estão convocados congressos de uniões de sindicatos dos distritos do Porto (4 e 5 de Fevereiro), Viseu (4 e 5 de Março), Setúbal (18 e 19 de Março), Aveiro (25 e 26 de Março), Vila Real (no primeiro trimestre) e Castelo Branco (em Junho), bem como das federações das Indústrias Eléctricas (25 e 26 de Fevereiro), das Indústrias de Celulose, Papel, Gráficas e Imprensa (11 e 12 de Março), da Construção, Madeiras e Mármore (12 e 13 de Março), do Comércio, Escritórios e Serviços (no segundo trimestre), da Hotelaria (em Maio), das Indústrias de Bebidas, Alimentação e Tabacos (no segundo trimestre) e dos Ferroviários (no segundo semestre).

FUNÇÃO PÚBLICA CONTRA PAULO MENDO

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública manifestou-se na semana passada «diametralmente contra» a intenção do novo ministro da Saúde de fazer com que a prestação de cuidados seja paga de acordo com os rendimentos dos cidadãos. Em conferência de imprensa dada dia 22, a FNSFP classificou tal proposta como «pelo menos, demagógica», contrapondo que os cidadãos já pagam os serviços públicos através dos impostos, «estes sim, e correctamente, proporcionais ao seu rendimento». «Se assim não é, o Governo terá de se preocupar em combater a fraude e a evasão fiscais», afirmou o dirigente sindical Nelson Raleiras, citado pela Lusa. Para a FNSFP, a Saúde não pode ser encarada como uma despesa, mas como um investimento social.

A federação recordou, na ocasião, que a população portuguesa já paga, directamente, 50 por cento dos custos da Saúde, valor que é o mais alto da CE, e que Portugal só gasta com a Saúde 4 por cento do Produto Interno Bruto (quando o valor médio na Comunidade é de 6 por cento). Para a FNSFP é preocupante que o ministro Paulo Mendo defenda o financiamento público para o sector privado da Saúde, embora advogue a existência deste e sua concorrência com o sector do Estado. A federação da Função Pública critica também a lei orgânica do Ministério da Saúde, pois «procede a uma efectiva centralização e governamentalização da Saúde a todos os níveis» e «afasta a população».

PORTUGUESES DISPENSADOS NAS LAJES

As Forças Armadas norte-americanas pretendem dispensar, nos próximos três anos, 200 dos cerca de 1500 portugueses que trabalham na Base das Lajes, informou na semana passada o comandante português da base. O brigadeiro Fernando Seabra disse que a decisão norte-americana será divulgada em breve por um responsável militar dos EUA, e adiantou que 160 trabalhadores serão dispensados «no termo da vida útil de trabalhadores». Segundo a agência Lusa, Fernando Seabra referiu que os norte-americanos apresentarão, como contrapartida dos despedimentos, a compra de serviços a empresas locais e a compra de produtos da Ilha Terceira, como leite, queijo e manteiga.

DESEMPREGADOS DA AVIAÇÃO CIVIL

Fardas de cada uma das companhias portuguesas de aviação foram entregues dia 22 no Ministério dos Transportes, marcando o início de uma vigília de desempregados da aviação civil, promovida pelo Sitava e o SNPAC no Terreiro do Paço, que com esta acção pretendem expressar o seu protesto pelos 3100 desempregados que a política de liberalização do transporte aéreo já provocou na Air Atlantis, na Air Sul, na LAR e na TAP. Segundo disse, à Lusa, António Monteiro, dirigente do Sitava, o desemprego nas companhias de aviação está a afectar sobretudo os jovens.

TAP

A administração da TAP anunciou na semana passada que retirou do seu plano estratégico de viabilização da empresa o projecto de segmentação da transportadora aérea nacional. No final de uma reunião, dia 23, com os sindicatos, Santos Martins

anunciou ainda, segundo a Lusa, que está garantido o alargamento até 1997 do período para redução do quadro em 2500 trabalhadores.

GREVE DESDE DIA 20 NA VIÚVA LAMEGO

O não pagamento de metade do 13º mês foi a gota de água que levou os trabalhadores da cerâmica «Viúva Lamego», na Abrunheira (Sintra), a entrar em greve no dia 20 de Dezembro. A paralisação manteve-se, sempre com elevada adesão (dos 120 trabalhadores não chegou a uma dezena o número dos que não aderiram à greve), durante uma semana. Num plenário realizado na passada segunda-feira foi aprovada uma proposta em que os trabalhadores manifestam a sua disponibilidade para retomar a laboração desde que seja pago até Fevereiro o restante do 13º mês, com um acréscimo percentual igual ao aplicado em 1993. Entre as reivindicações aprovadas no plenário estão ainda, entre outras, o pagamento dos dias de greve, a garantia de que os grevistas não serão prejudicados, e a actualização dos salários a partir de 1 de Janeiro em percentagem não inferior à de 1993.

ANO NOVO EM GREVE NA VIGILÂNCIA

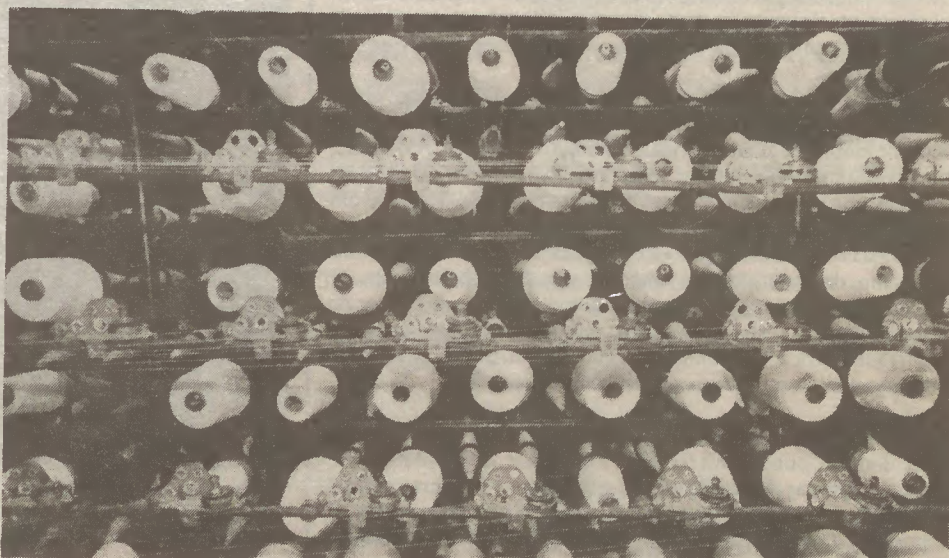
Os trabalhadores das empresas de prestação de serviços de vigilância e prevenção estarão em greve a nível nacional desde as zero horas de amanhã até às 24 horas de sábado. Convocada pelo sindicato do sector (Portaria, Vigilância e Limpeza), a paralisação é uma forma de luta contra os aumentos salariais de apenas 4 por cento avançados pelas associações patronais como «proposta última e definitiva que, a não ser aceite, implicaria o puro e simples termo do processo de diálogo», como denuncia um comunicado citado pela Lusa.

TRABALHADORES

Trabalhadores da indústria têxtil reclamam modernização urgente

Face à conclusão do acordo sobre comércio internacional (GATT), a reestruturação e modernização das indústrias têxtil, de vestuário e calçado devem urgentemente ser implementadas «com uma aplicação rigorosa e transparente de todos os meios financeiros». Esta exigência consta de uma resolução aprovada por trabalhadores daqueles sectores que, respondendo ao apelo da FESETE e dos sindicatos, se manifestaram no Porto frente às associações patronais e à delegação do Ministério do Emprego.

Nas concentrações, realizadas dois dias após a assinatura do GATT, os trabalhadores exigiram que o Governo informasse rapidamente as organizações sindicais acerca do conteúdo do *dossier* acordado e dos anunciados apoios financeiros, e manifestaram a sua preocupação pelas consequências do acordo para Portugal. A resolução que a FESETE fez chegar à nossa Redacção critica «a ausência de firmeza e a falta de sensibilidade da Comunidade Europeia e, em particular, do Governo português, com a sua aceitação de uns *tostões* em troca de medidas mais eficazes que salvaguardassem os têxteis, vestuário e calçado portugueses», o que «porá certamente em risco a



Em vez de continuar a apostar nos baixos salários, o Governo e o patronato têxtil deveriam avançar com uma verdadeira modernização, exigem os trabalhadores e as suas estruturas representativas

sobrevivência de um sector fundamental à economia do nosso país, de muitas dezenas de empresas, de milhares de famílias e de diversas regiões onde se concentram» aquelas indústrias.

Os trabalhadores protestaram ainda contra as posições que as associações patronais têm assumido nas negociações contratuais e que «visam tão-somente reduzir os já míseros salários, ao mesmo tempo que recusam reduzir o horário de trabalho semanal». As pretensões patronais, acusa-se na resolução de dia 17 de Dezembro, são demonstrativas de

uma *sede* de desregulamentar as condições de trabalho que só é comparável ao período anterior a 25 de Abril de 1974.

O Governo, através do Ministério do Emprego, não tem tido uma intervenção activa nos processos de conciliação, ou tem-se colocado numa posição mais próxima das associações patronais - denunciam os trabalhadores do têxtil, vestuário e calçado -, atitude que «não facilita a obtenção de uma saída negociada», pois arrasta o processo por muito tempo quando não o mete pura e simplesmente na gaveta.

«O desenvolvimento e o progresso social passam inquestionavelmente pela elevação das condições de vida e de trabalho e o respeito pelos direitos sociais e sindicais dos trabalhadores, e não pela manutenção da exploração de mão-de-obra barata e desqualificada, política que até aqui veio sendo seguida e que seguramente foi e é responsável, em grande parte, pelas dificuldades de centenas de empresas», sublinha a resolução, exigindo, a concluir, «a busca de factores de verdadeira competitividade».

Salário mínimo deve ter revalorização significativa

O Conselho Nacional da CGTP, reunido dia 21 em Lisboa, reclamou a discussão imediata dos valores do salário mínimo nacional, «por forma a que os mesmos sejam aprovados antes do final do ano, permitindo assim que passem a vigorar em 1 de Janeiro».

A CGTP exige ainda - informa uma nota do departamento de informação da central - que a partir daquela data o montante do salário mínimo nacional seja de 55 contos e que fique garantido o seu pagamento 14 vezes no ano, como acontece com a generalidade dos salários.

O salário mínimo deverá ter «uma revalorização significativa, atendendo à deterioração que ele tem vindo a sofrer», reclama a central, lembrando que «entre 1986 e 1993 o salário mínimo cresceu sempre menos que os salários em geral» (com excepção de 1989, ano em que houve uma revisão intercalar). «Temos assistido a uma subversão completa do princípio de que o salário mínimo deverá crescer a ritmos mais acentuados que as restantes remunerações, por imperativo de ordem social», protesta a CGTP, realçando que «este princípio foi aceite pelo Governo e o patronato, quando subscreveram o chamado Acordo Económico e Social» (para 1992).

Ao facto de o Governo ainda não ter desencadeado o processo de actualização do salário mínimo, o Conselho Nacional da *Inter* contrapõe a celeridade demonstrada em decretar os aumentos das rendas de casa (6,8 e 10,1 por cento).

O aumento do salário mínimo reivindicado pela CGTP «tem uma grande importância social, enquanto instrumento de garantia contra remunerações excessivamente baixas», o que não tem acontecido «por força de uma política que utiliza o salário mínimo como meio para travar o crescimento dos salários em geral» e em resultado da qual se acentuou nos últimos anos o fosso entre o salário mínimo e o salário médio. A central recorda que, em 1993, o salário mínimo foi actualizado em apenas 6,5 por cento, quando os preços no consumidor (com a habitação incluída) terão um aumento global superior.

Travar os despedimentos

Ao longo do ano de 1993 foram liquidados milhares de postos de trabalho. Já a terminar o ano, os despedimentos continuam, enquanto as organizações sindicais preparam novas lutas em defesa do emprego logo a abrir o ano de 1994.

Nos sectores da química, farmacêutica, petróleo e gás foram liquidados, durante o ano que agora termina, mais de 3 mil postos de trabalho, segundo uma estimativa da Fequifa divulgada na semana passada pelo seu Conselho Nacional. Num comunicado de imprensa a direcção da federação acusa as empresas de continuarem apostadas em reduzir o emprego, numa «ofensiva cerrada contra os direitos individuais e colectivos dos trabalhadores» que é acompanhada por «uma prática crescente de chantagem, ameaças e represálias, criando um clima de grande intimidação e insegurança» nos locais de trabalho. Assiste-se ainda, denuncia a federação, a uma «estratégica concertada de bloqueio à contratação colectiva» e à imposição do *tecto* salarial do Governo. A Fequifa decidiu convocar para Janeiro uma acção de luta pela defesa do emprego e dos

direitos, ao mesmo tempo que vai intensificar a luta reivindicativa nas empresas e convocar novas acções dos trabalhadores com contratação colectiva bloqueada.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Bebidas do Sul e Ilhas denunciou a intenção, anunciada pela administração da Unicer, de proceder ao despedimento colectivo de 7 trabalhadores. «Alegando a crise internacional e nacional, esquece os resultados que alcançou em 1992 (3 milhões de contos), bem como os resultados que prevê para 1993 (que se mantêm na ordem dos 3 milhões de contos, apesar dos factores que invoca para justificar a recessão do mercado de cerveja)», comenta o sindicato, para quem «não é o factor económico que pode ser invocado para justificar esta intenção de despedimento colectivo». O objectivo é antes «testar o comportamento dos tribunais em relação à aplicação, na prática, das novas leis laborais». Para discutir este problema e as medidas a tomar, foram convocados pela CT plenários de trabalhadores para 23, 28 e 29 de Dezembro.

Aveiro

Aumentos na votação

Na sua reunião de 22 de Dezembro, a Comissão Executiva da Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP analisou os resultados das eleições autárquicas. «Sem prejuízo de outras conclusões a tomar pela DORAV», a Comissão Executiva destacou alguns aspectos da análise feita, que tornou públicos em comunicado e de que hoje divulgamos as seguintes passagens:

A CDU atingiu um total de 13 246 votos para as Câmaras Municipais, número superior ao conseguido nas autárquicas de 1989, tendo registado aumentos de votação em 10 dos 19 concelhos do Distrito, destacando-se Águeda, Estarreja, Ílhavo e S. João da Madeira.

«Nas Assembleias Municipais a votação da CDU foi superior, tendo atingido 15 491 votos. O carácter vincadamente político da votação para as Assembleias Municipais permite a sua comparação com o resultado das eleições legislativas de 1991. A CDU consegue mais 5096 votos do que os averbados nas legislativas, o que indicia a chegada de novos eleitores à CDU e o regresso de muitos dos que tiveram outra opção em eleições anteriores.

«A votação para os órgãos municipais traduziu-se na obtenção de um vereador na Câmara Municipal de Espinho e na obtenção de dez mandatos directos em Assembleias Municipais (dois em Espinho e um nos concelhos de Santa Maria da Feira, Ovar, Estarreja, S. João da Madeira, Águeda, Ílhavo, Mealhada e Aveiro). Aos mandatos directos junta-se ainda um indirecto (Presidente de Junta) em Castelo de Paiva, Assembleia Municipal em que a CDU passa a estar presente.

«As votações para as Assembleias de Freguesia conduziram à obtenção de 30 mandatos da CDU em 20 das localidades em que a CDU apresentou lista. A Coligação Democrática Unitária ganhou as eleições na freguesia de Pedrido (Concelho de Castelo de Paiva) elegendo o seu presidente de Junta. Também tiveram vitória, com maioria absoluta, as duas listas de cidadãos eleitores que tiveram o apoio explícito da CDU e que incluem militantes do PCP e outros activistas da CDU — Paramos (Espinho) com cinco eleitos e Fiães (Santa Maria da Feira) com nove eleitos.

«Os votos conseguidos pela CDU, embora continuem a não corresponder à efectiva implantação do PCP junto dos

trabalhadores e da população do Distrito, demonstram uma força real que é necessário ter em conta no plano local. Os mandatos obtidos tornam possível a continuação da intervenção em grande número de órgãos do Poder Local do Distrito, em defesa dos interesses das populações respectivas.

«A votação da CDU assume ainda maior relevância por ter sido conseguida num quadro de bipolarização artificial da vida política que exerceu enorme pressão psicológica sobre muitos eleitores predispostos ao voto na CDU, levando alguns a duvidar da utilidade do seu voto. Para além da utilidade do voto da CDU se justificar sempre, nomeadamente pela possibilidade de eleger representantes para os diversos órgãos e pela afirmação de uma grande força nacional, os factos também comprovaram que não é a votação na CDU nem o reforço da CDU que impede o PS de melhorar a sua votação — as vitórias do PS em Ílhavo e em Estarreja foram acompanhadas por importantes subidas da CDU nesses mesmos concelhos.

«Ao consolidar, em 12 de Dezembro, a sua votação das autárquicas de 1989 e ao registar importante subida relativamente às legislativas de 1991 a CDU, no Distrito de Aveiro, tem razões para considerar tal resultado como globalmente positivo, encarando com confiança as próximas pugnas eleitorais, nomeadamente as eleições para o Parlamento Europeu no próximo ano.

«Os resultados conseguidos pelas restantes forças políticas nomeadamente a perda de cinco Câmaras pelo PSD a favor do PS e a quebra da votação no CDS correspondem, em termos gerais, a uma inflexão à esquerda do eleitorado do Distrito, que indicia melhores condições para o desenvolvimento da luta social contra a política do Governo PSD e pelo surgimento de uma alternativa democrática a tal política.

«No plano estritamente autárquico a CDU irá dar continuidade ao tipo de actuação que a caracteriza — dar o seu contributo para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos do nosso Distrito, propondo soluções, assumindo responsabilidades e trabalhando para resolver problemas. Nesta postura a CDU será igualmente exigente relativamente a todas as outras forças políticas do PS ao CDS procurando fazer cumprir todos os aspectos positivos dos programas de quem ganhou a maioria e opondo-se aos aspectos negativos das respectivas gestões».

Palmela

CDU subiu mil votos

A Comissão Concelhia de Palmela do PCP, que também reuniu para analisar os resultados das últimas eleições e fez o balanço da campanha eleitoral, publicou na semana passada um comunicado em que saúda os militantes e activistas da CDU no concelho, assim como os candidatos propostos, «pelo seu empenho dedicação e esforço demonstrado». Saudando igualmente a população «pela forma como rece-

beu e discutiu com os candidatos da CDU os projectos e propostas para o futuro do concelho», a Comissão Concelhia do PCP «concluiu que os resultados eleitorais do Concelho traduzem uma clara derrota nos propósitos e objectivos do PSD e do PS em conquistar a Presidência da Câmara de Palmela e traduzem uma clara vitória da CDU, das suas propostas e objectivos para o desenvolvimento do Concelho.

A CDU subiu 1000 votos em relação às Eleições Autárquicas realizadas em 1989 e aumentou a diferença entre o quarto vereador da CDU e o possível terceiro do PS em 140 votos, ao contrário dos 45 votos avançados por um órgão de comunicação Social do Concelho.

A Comissão Concelhia de Palmela do Partido Comunista Português reafirma a disposição dos eleitos da CDU em tudo fazer para que os seus programas eleitorais sejam concretizados em estreito e permanente diálogo com a população, Agentes Sociais, Agentes Económicos e Agentes Culturais do Concelho.

A Comissão Concelhia de Palmela do Partido Comunista Português reafirma a disposição, e dos seus eleitos e com as outras forças políticas e os eleitos destes em trabalhar e cooperar para encontrar as melhores soluções de trabalho nas Assembleias e Juntas de Freguesia.

«O Militante»

Na próxima semana é distribuído o primeiro número de «O Militante» deste ano.

Do seu sumário consta:

- Abertura — um ano de lutas decisivas
- Eleições autárquicas de 1993 — Êxito do PCP e da CDU
- Fortalecer a organização
- Ainda o (des)acordo social — José Ernesto Cartaxo
- O 20.º aniversário do 25 de Abril — depoimentos de Vasco Gonçalves, Alice Vieira e Manuel Carvalho da Silva
- OLP e Israel — A paz em andamento mas com armadilhas, José Goulão
- CEE — problemas actuais e as eleições de Junho, Joaquim Miranda
- O que é o PDR? — Lino de Carvalho
- A segurança global da Humanidade (uma reflexão sobre os problemas Norte/Sul) — Zillah Branco
- E ainda Notas e Comentários, Página Aberta, Documentos do Comité Central e o 3.º destacável de «Quadros da História de Portugal».



CAMARADAS FALECIDOS

DIAMANTINO DE SOUSA BARROS

Faleceu em Alverca do Ribatejo, na segunda quinzena de Dezembro, vítima de uma prolongada doença e com a idade de 85 anos, o camarada Diamantino de Barros, operário metalúrgico, membro do Partido desde 1929. Operário das OMGA, distinguiu-se nas lutas dos trabalhadores daquela empresa de construção e reparação de aviões militares em 34, tendo sido, num «balão» de 150 despedimentos, definitivamente não readmitido com alguns outros jovens operários, depois de uma concentração frente ao Comando exigindo melhores salários. A seguir, como operário da ex-CUF e resistente antifascista, participou activamente na organização clandestina do PCP na empresa, tendo sido despedido durante as grandes greves de Julho/Agosto de 1943. Forçado à emigração, trabalhou como operário de grande qualificação nas minas do Katanga, no antigo Congo, hoje Zaire, onde laborou com Sidónio Muralha e Alexandre Cabral. Regressado ao país, foi professor de mecânica das oficinas das Escolas Industriais de Vila Franca e Alverca. Elemento destacado da vida associativa local, foi presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Alverca, onde, para além de uma gestão qualificada, desenvolveu actividades de carácter cultural de massas com grande participação popular na terra que lhe foi berço. O PCP fez-se representar no funeral pelo camarada Dias Lourenço, do Comité Central.

ROGÉRIO BARREIROS

Faleceu no passado mês de Novembro, vítima de doença incurável, o camarada Rogério António Barreiros, de 74 anos de idade. Era membro do PCP desde o 25 de Abril e pertencia à Comissão Local da Maia, de Montemor-o-Novo.

CUSTÓDIO CALÇÃO

Com 60 anos de idade e depois de prolongada doença, faleceu no passado dia 1 de Novembro o camarada Custódio José Calção. Era membro do PCP desde o 25 de Abril e pertencia à Organização de Reformados de Montemor-o-Novo.

MARIA TRINDADE MONTEIRO

Militante do partido desde 1929, faleceu recentemente a camarada Maria Trindade Monteiro. Estava organizada na Freguesia de S. Jorge de Arroios, em Lisboa.

FRANCISCO PARREIRA

Faleceu recentemente o camarada Francisco Parreira, militante do Partido há cerca de 52 anos. O camarada pertencia à Organização do PCP no Zambujal, Loures.

FERNANDO TORRES

Faleceu no passado dia 23 de Dezembro o camarada Fernando da Silva Torres. Contava 80 anos de idade e pertencia à Organização do PCP em S. Julião do Tojal, Loures.

Saudações ao PCP

Conhecidos os resultados eleitorais das autárquicas, foram endereçadas várias saudações de felicitação pelo sucesso alcançado pelo PCP, por parte de partidos comunistas e organizações políticas, de que destacamos: Partido do Socialismo Democrático da Alemanha; Partido Comunista Alemão; Partido Comunista da Boémia e Moravia; Partido Comunista Francês; Partido Comunista da Grécia; Partido Comunista da Índia; Partido da Refundação Comunista, de Itália; Partido Africano da Independência de Cabo Verde e Bloco Nacionalista Galego.

Errata

O camarada Costa Feijão, autor do trabalho sobre o III Congresso do PCP, publicado na passada semana, solicitou ao «Avante!» a publicação da errata que se segue:

Pág. 18 — 2.ª coluna — 4.ª linha
onde se lê acontecimentos deverá ler-se acontecimento

Pág. 20 — 1.ª coluna — 2.ª linha
onde se lê ... para uma demonstração, sob a direcção...
deverá ler-se ... para uma demonstração da determinação política e organização da classe operária, sob a direcção...

Plenários em Cascais

Iniciativas do PCP no concelho de Cascais, para análise dos resultados eleitorais e medidas para o futuro:

- * Executivo da Concelhia — 29/12 — 19.30 — C. T. Cascais.
- * S. D. Rana — 4/Janeiro — 21 h. — C. T. Tires
- * Alcabideche — 5/1 — 21.30 h. — C. T. Alcabideche
- * Estoril — 6/1 — 21.30 h. — C. T. Cascais
- * Cascais — 7/1 — 21.30 h. — C. T. Parede
- * Parede — 8/1 — 15 h. — C. T. Parede

Pág. 21 — 3.ª coluna — 25.ª linha
onde se lê ... iniciava a recuperação, passando o refluxo...
deverá ler-se ... iniciativa a recuperação, passado o refluxo...

Pág. 21 — No quadro — Lista das presenças no III Congresso do PCP

Os pseudónimos e nomes de Alex até Pinheiro não devem ter (!). Não constam no original e permitem uma leitura incorrecta quanto à responsabilidade orgânica dos camaradas. Apenas Amílcar e Augusto eram do Sec. FJC.

Comité das Regiões na Comunidade

PCP propõe fórmula de representação

A designação dos doze representantes de Portugal no Comité das Regiões deve ser feita pelas regiões Autónomas dos Açores e Madeira, pelas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto e pelas Regiões Administrativas, defende o Grupo Parlamentar do PCP em projecto de lei entregue há dias na Mesa da Assembleia da República.

Ao preconizar que sejam aquelas entidades a designar os representantes do nosso País naquele Comité, previsto no Tratado da União Europeia, a formação comunista tem em vista prevenir a possibilidade de ser o Governo a proceder a tal nomeação, o que significaria a representatividade exclusiva da Administração Central do Estado.

Enquanto as Regiões Administrativas não forem instituídas, segundo o projecto, a designação dos nomes que lhe cabem será feita por representantes do Poder Local agrupados por cinco áreas (Norte, Centro, Vale do Tejo, Alentejo e Algarve).

O facto de ainda não existirem as Regiões Administrativas constitui, aliás, no entender dos deputados comunistas, uma "situação desconforme com a arquitectura constitucionalmente prevista para a administração do território", uma vez que a sua criação está prevista na Constituição da República como uma trave essencial do Estado de direito democrático.

O próprio Tratado da União Europeia, ao instituir o Comité das Regiões, reco-

nhece explicitamente a importância da participação dos poderes locais nas decisões comunitárias, circunstância que confere maior relevância à iniciativa da bancada comunista, porquanto se trata - e este é no fundo o seu objectivo central - de assegurar a representatividade regional no Comité das Regiões enquanto não se encontrarem instituídas as regiões administrativas.

Associação de Municípios «estupefacta» com silêncio do Governo

A Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) exigira anteriormente que o Governo defina rapidamente o critério de indigitação dos representantes nacionais para o Comité das Regiões.

Em comunicado a ANMP manifesta-se «estupefacta» por esta situação, já que «se prevê que o Comité realize a sua primeira sessão plenária a 13 e 14 de Janeiro de 94». No documento, a ANMP refere ainda que, «naquela reunião, serão eleitos o Presidente do Comité das Regiões, os vice-presidentes, o secretário e diversas comissões».

A não indigitação dos representantes nacionais até este momento, constitui, para a ANMP, uma situação «lesiva dos interesses das comunidades territoriais».

Para a Associação, a



O Governo nada diz sobre como pretende escolher os representantes portugueses no Comité das Regiões da Comunidade Europeia, cuja primeira reunião é já no próximo dia 13

representação a nível nacional deverá integrar um elemento de cada uma das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, um de cada Região Autónoma dos Açores e Madeira, bem como oito membros representativos do território continental.

O plenário do Comité das Regiões tem ainda previstas, na sua ordem de trabalhos, as questões da criação de uma rede europeia de comboios de grande velocidade, uma rede transeuropeia de transportes, a rede de distribuição de electricidade e gás natural, e ainda o programa «Europa contra a Sida».

O PCP apresentou, entretanto, uma iniciativa legislativa na Assembleia da República sobre esta matéria, tal como noticiamos nesta página do «Avante!».

Caso Ministério da Saúde Sentença a 17 de Janeiro

O Tribunal Colectivo, que julgou o caso de alegadas irregularidades no Ministério da Saúde, marcou para 17 de Janeiro a leitura da sentença que envolve, entre outros arguidos, o antigo secretário de Estado, Costa Freire. O Ministério Público pediu seis anos e meio de prisão pelos crimes de burla agravada, corrupção passiva e participação ilícita em negócio para Costa Freire.

José Manuel Beleza, irmão da antiga ministra, foi o segundo elemento para quem o procurador pediu pena elevada: quatro anos por burla agravada.

Para os restantes seis elementos - o procurador apenas pediu a absolvição de um - foram sugeridas penas de dois, oito anos e oito meses, um, cinco e um ano e cinco meses.

O julgamento terminou a semana passada com a réplica do Procurador da República, Luís Bonina, que respondeu a algumas

críticas dos advogados de defesa dos nove arguidos acusados neste caso.

A maior parte dos causídicos considerou que houve uma deficiente investigação, pois a prova produzida em audiência - na sua opinião - não foi convincente.

O advogado de Costa Freire, Francisco Cavaleiro Ferreira, acentuou que todos os empreendimentos efectuados pela PA Consultores, empresa de que o antigo secretário de Estado fora director antes de assumir o cargo governamental, foram feitos com a aprovação da ministra da Saúde, Leonor Beleza, num período de campanha eleitoral (1987), em o que se exigia era "celeridade".

O colectivo presidido pelo magistrado António Martins dará o veredicto final a 17 de Janeiro. O julgamento iniciou-se em 27 de Abril com um ritmo diário de sessões de manhã e de tarde, num total de 200, a um ritmo de oito horas de trabalho por cada uma.

O pessimismo dos números Dívidas por pagar à banca e empresários sem esperança

Os empresários da construção e obras públicas e do comércio estão pessimistas relativamente à actividade destes sectores, queixando-se da procura insuficiente e das elevadas taxas de juro, revelam os inquéritos de conjuntura do INE, relativos a Novembro.

O inquérito de conjuntura do Instituto Nacional de Estatística à construção e obras públicas mostra que em Novembro se acentuou a tendência descendente do indicador de confiança, devido ao comportamento mais negativo das perspectivas de emprego e da carteira de encomendas, esta com um saldo de respostas extremas de menos 68.

O número de empresas de construção que indicam obstáculos à sua actividade aumentou para 85 por cento, sendo as principais limitações a procura insuficiente (indicada por 74 por cento), o nível elevado de taxas de juro (apontado por 53 por cento) e as perspectivas de venda (referido por 46 por cento).

O subsector da construção de habitação é o que apresenta uma evolução mais desfavorável. Quanto ao comércio, o indicador «apreciação da actividade passada» apresentou o seu valor mais negativo desde o início da actual série, isto é, desde Janeiro de 1989, com acentuado pessimismo tanto no comércio por grosso como a retalho.

A apreciação quanto à evolução do volume de vendas foi também mais negativa em ambos os subsectores, apesar de as perspectivas de actividade futura terem uma evolução favorável, embora mantendo um saldo de respostas extremas negativo.

As expectativas sobre o aumento dos preços de vendas decresceram face ao registado em Outubro mas mantêm-se a

níveis claramente superiores aos do mês homólogo de 1992.

As perspectivas de encomendas a fornecedores mantêm saldos de respostas extremas francamente negativos e abaixo de mês homólogo de 1992.

Crédito malparado vai em 610 milhões

Os créditos de cobrança duvidosa atingiam em Agosto 610,08 milhões de contos - 5,2 por cento do crédito interno total e um aumento de 37,1 por cento em relação a Setembro de 1992 - segundo dados do Banco de Portugal.

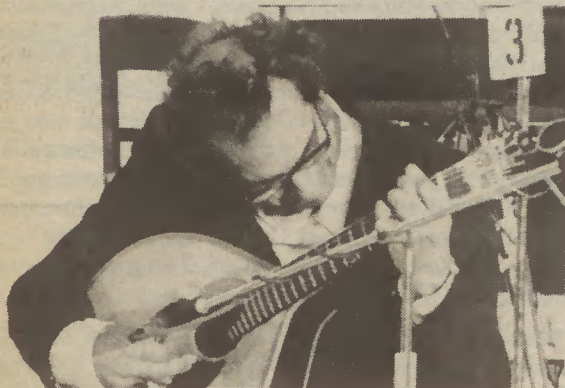
Em Setembro de 1992, o crédito malparado representava 444,87 milhões de contos, correspondentes a 4,0 por cento do crédito interno.

O crédito malparado na banca comercial ascendia em Agosto a 348,47 milhões de contos (4,9 por cento do crédito total), nos bancos de poupança representava 208,34 milhões de contos (6,1 por cento do crédito concedido).

Nos bancos de investimento, os créditos de cobrança duvidosa aproximavam-se em Agosto dos 53,15 milhões de contos, o que corresponde a 5,1 por cento do crédito concedido.

Foi nos bancos de investimento que mais aumentou o crédito malparado entre Setembro de 1992 e Agosto de 1993: mais 48,42 por cento.

No mesmo período, os créditos de cobrança duvidosa aumentaram 36,53 por cento na banca comercial e 35,55 por cento nos bancos de poupança.



Carlos Paredes internado em Santa Maria

O guitarrista português Carlos Paredes está internado no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, com uma paralisia dos membros inferiores provocada por mielopatia, segundo noticiou segunda-feira a agência LUSA, citando o agente do artista, António Pinho.

Carlos Paredes, 68 anos, deu entrada na unidade hospitalar há duas semanas e encontra-se actualmente «semiconsciente», afirmou um familiar do artista.

Depois de obter alta na passada quinta-feira, o seu estado de saúde agravou-se, com uma crise de diabetes, voltando a ser internado na unidade de neurocirurgia no dia seguinte, acrescentou a mesma fonte.

Continua por diagnosticar a origem da mielopatia - afecção da medula espinal - apesar dos vários exames a que o virtuoso executante de guitarra portuguesa foi submetido desde o primeiro internamento, há 15 dias.

«Apenas se sabe que é mielopatia, mas desconhece-se a sua origem», explicou o familiar.

Reunião de associações em Vila Real

Luta dos estudantes contra propinas recomeça já em Janeiro

A generalidade dos representantes dos estudantes continua disposta a manter luta contra a Lei das Propinas e em Janeiro vai realizar-se em Vila Real uma reunião de associações para decidir que processos irão seguir-se de combate às intenções do Governo. As novas formas de luta contra as propinas serão discutidas num encontro nacional de Associações de Estudantes, a realizar em Vila Real, nos dias 6, 7 e 8 de Janeiro. Estas posições foram reafirmadas depois de o Conselho de Ministros ter decidido apresentar na Assembleia da República, sob a forma de proposta de lei, o decreto-lei que regulamentava a Lei das Propinas, vetado por Mário Soares.

A decisão do Governo gerou uma nova onda de contestação, quer em relação à reafirmação do Executivo em impor as regras de pagamento das propinas sem ouvir os directamente interessados, quer em relação à crítica feita no comunicado

final da reunião dos membros do Governo, especialmente convocados para o efeito por Cavaco Silva, à actuação do Presidente da República.

Para o PCP, o Conselho de Ministros «volta a persistir, embora significativamente de forma velada, na contestação ao normal exercício das competências constitucionais» do Presidente da República. Os comunistas, através de um comunicado do seu gabinete de imprensa, reagiram assim ao que consideram ser «mais uma encenação de um Conselho de Ministros extraordinário» pois o diploma vetado pelo Presidente da República «estabelecia ilegítimamente sanções para o não pagamento das propinas». Mas para o PCP «nenhuma apreciação ou decisão sobre a constitucionalidade pode eludir o carácter injusto e iníquo da lei» pelo que perante a «teimosia do Governo na aplicação da Lei das propinas e ao seu anun-

ciado propósito de limitar o debate parlamentar a matéria constante do decreto vetado», o grupo parlamentar comunista «contrapõe um debate alargado e a exigência da revogação da lei das propinas».

O Partido Socialista condenou a atitude de «arrogância e teimosia» do Primeiro-Ministro e do Governo, face ao veto presidencial relativo às propinas e em declarações à Agência Lusa sobre a mesma matéria, o líder da Juventude Socialista acusou o Governo de estar «mais interessado na guerra com o Presidente da República do que em contribuir para a estabilidade das academias portuguesas».

A JCP, por seu lado, também condenou a atitude governamental e criticou o Tribunal Constitucional por não ter considerado inconstitucionais outros aspectos da Lei. Para os jovens comunistas «a exigência da revogação da Lei das Propinas ganha cada vez mais senti-

do» sendo «urgente uma nova política educativa que dê resposta aos interesses dos estudantes e outros agentes académicos e que contribua para o desenvolvimento do país».

A lei das propinas e a sua regulamentação (esta última a que foi vetada por Mário Soares) tem motivado um intenso conflito entre Ministério e estudantes. O conflito degenerou mesmo em violência quando a polícia carregou sobre os alunos que se concentraram frente à Assembleia da República, a 25 de Novembro passado.

Poucos dias depois, os estudantes voltaram às escadarias de S. Bento, em número ainda superior, estando na base da posterior demissão do ministro Couto dos Santos. Alegadamente criado para repor a «justiça social» e «moralizar» os custos do ensino superior, o diploma provocou os protestos estudantis desde que foi anunciado e depois do anúncio dos valores a pagar pelos



A maior manifestação de estudantes depois do 25 de Abril foi no passado dia 7 de Dezembro. Em Janeiro o processo de luta será relançado

alunos, em Maio de 1992, aprovados pelo Governo e posteriormente submetidos à Assembleia, os estudantes aumentaram as manifestações de descontentamento, com a recusa da grande maioria de pagar as propinas.

Vários reitores universitários, entre eles Rui Alarcão, de Coimbra, discordaram da aplicação do diploma e não aceitaram fixar o valor das verbas a pagar anualmente pelos estudantes.

Sete associações académicas e de estudantes rea-

firmaram a sua contestação à Lei das Propinas, depois de sancionada pelo Tribunal Constitucional, alegando que só a revogação do diploma permite ultrapassar a crise no Ensino Superior.

Esta posição foi anunciada em comunicado conjunto das associações académicas de Lisboa e Coimbra, das Universidades do Minho, Aveiro e Beira Interior e das associações de estudantes das Universidades do Algarve e de Évora.

Utentes da Linha de Sintra contra supressão de comboios nocturnos

A Comissão de Utentes da Linha de Sintra pôs a circular um abaixo-assinado que protesta pelas alterações dos horários nocturnos dos comboios daquela linha, que provocaram uma hora de intervalo entre duas composições, «em total desprezo pelos utentes que, por razões de ordem profissional, escolar ou outras, têm de utilizar aqueles comboios», lê-se no texto que está a recolher assinaturas.

A Comissão exige a reposição dos horários nocturnos que estavam em vigor em

1992, em que circulavam 12 comboios em vez dos escassos quatro que actualmente circulam.

O abaixo-assinado será entregue ao presidente da Assembleia da República, ao ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e ao presidente do Conselho de Administração da CP, a quem se solicita «que tomem as medidas adequadas no âmbito das respectivas competências, pela reposição dos horários nocturnos anteriormente em vigor na Linha de Sintra»

Depois de vitória CDU em Estremoz Cantina e centro para idosos encerrados por razões políticas

O provedor da Santa Casa da Misericórdia de Evoramonte, Estremoz, procedeu ao encerramento definitivo da cantina escolar e fechará o centro de dia para idosos da localidade, segundo denúncia feita pela CDU num comunicado, citado pela LUSA, onde se diz que a decisão foi tomada logo após as eleições autárquicas, porque «o provedor, que integrava a lista do PSD à câma-

ra de Estremoz, foi derrotado pela CDU».

A nota refere que o provedor anunciou a sua decisão em cartas enviadas aos pais dos alunos das escolas e aos utentes do centro de dia de Evoramonte e, de acordo com a coligação, a decisão do provedor estará realacionada com «razões exclusivamente políticas e de vingança».

Contactado pela agência Lusa, o provedor Pedro Bur-

bon negou as acusações da CDU e disse que o protocolo indicava como tempo de vigência o último mandato autárquico de quatro anos.

De acordo com Pedro Bourbon, «a Misericórdia decidiu não renovar o protocolo no final deste mandato». A Misericórdia anunciou que a cantina foi encerrada sexta-feira passada, enquanto o centro de dia é fechado no final deste mês.

Inconstitucionalidade de decreto «Verdes» contra extinção do Instituto Nacional do Ambiente

A declaração de inconstitucionalidade do diploma governamental que extingue o Instituto Nacional do Ambiente (INAMB) foi pedida pelos «Verdes» ao Provedor de Justiça que está a considerar a possibilidade de pedir uma apreciação da norma ao Tribunal Constitucional (TC). A posição de Meneres Pimentel foi assumida em resposta à exposição que lhe foi entregue pelos representantes do Partido Ecologista «Os Verdes» (PEV), que considera ter o Governo procedido à extinção do INAMB por decreto-lei quando «só podia fazê-lo através da apresentação de uma proposta de lei, ou se lhe tivesse sido concedida uma autorização legislativa para esse fim», ou seja, fazendo passar a questão pela Assembleia da República.

O decreto que consagra a nova orgânica do Ministério do Ambiente e Recursos Naturais cria o Instituto de Protecção Ambiental que, segundo o deputado ecologista André Martins, «aparece como uma Direcção-Geral, dependente do Ministro e perde a independência, que era muito importante para prosseguir os objectivos» do anterior INAMB.

O Provedor de Justiça referiu que, atendendo ao tempo que os processos demoram no TC, se houver fundamento para solicitar a declaração de inconstitucionalidade, intervirá «junto do Governo para que proceda à alteração da legislação», segundo disse à imprensa André Martins.

A intervenção junto do Provedor de Justiça surge após o PSD ter inviabilizado, na Assembleia da República, um pedido de ratificação do diploma que extingue o INAMB. No fundo da questão está o facto de através da extinção do INAMB, substituindo este organismo pelo Instituto de Protecção Ambiental (IPAMB), o executivo ter retirado a autonomia financeira a esta entidade.

Por outro lado, segundo o deputado do PEV, o Governo «transferiu os poderes de decisão» do Conselho Directivo - órgão que representava a sociedade civil (Universidades, Associações de Defesa do Ambiente, Patronais, Sindicais e Autarquias), para o presidente do instituto, que é nomeado directamente pelo executivo governamental.

Faltam órgãos para transplantes renais

Cento e oitenta dos mil e 800 insuficientes renais em lista de espera de operação poderão vir a morrer por falta de órgão para transplante, revelou a Sociedade Portuguesa de Transplantação em comunicado enviado à agência LUSA, onde se considera que a morte daqueles 180 doentes pode ocorrer por falta de órgão, já que - segundo dados revelados pela «Eurotransplant» - morrem anualmente, por aquele motivo, cerca de 10 por cento dos insuficientes renais inscritos em lista de espera.

Esta percentagem foi revelada numa reunião da «Eurotransplant», na Holanda, relativa ao risco de morte dos insuficientes renais por falta de órgão para transplante onde se disse que aquele valor é «semelhante» ao valor português, apesar de não haver uma quantificação rigorosa no nosso país.

Os transplantes renais começaram em Portugal em 1980 com oito transplantações, tendo atingido em 1992 o pico daquele tipo de intervenções com 364 operações nos vários hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra.

Em 1993, o número de transplantes renais foi, até Setembro, de 219, o que equivale a uma diminuição de 73 operações em relação a igual período do ano anterior.

A «Eurotransplant», uma organização que coordena a nível europeu a atribuição de órgãos na Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha e Áustria, tem uma lista de espera de 11 mil doentes que aguardam transplantação renal, tendo realizado desde a sua fundação, em 1967, cerca de 38 mil transplantes.

COMISSÃO EUROPEIA

Ajuda

A Comissão Europeia decidiu conceder uma ajuda de emergência, no valor de 500 000 ecu (97 500 contos), às vítimas das inundações ocorridas nos últimos dias na Bélgica, Alemanha, França, Luxemburgo e Holanda.

Segundo fontes da CE, a distribuição da ajuda fica a cargo da Cruz Vermelha Internacional e dos gabinetes da Comissão nos Estados-membros, sendo composta por espécies ou bens de primeira necessidade.

Automóveis

A exportação de veículos automóveis japoneses caiu em Novembro 22,5 por cento em termos anuais para um total de 330 633 unidades, anunciou a semana passada em Tóquio uma associação do sector.

Segundo aquela fonte, Novembro representou o segundo mês consecutivo em que a exportação baixou em mais de 20 por cento. O número de veículos exportados no mês passado representa o mais baixo valor desde Abril de 1979, altura em que o Japão exportou 324 470 veículos automóveis.

Em Novembro, as exportações para os EUA caíram 16,2 por cento, para os países da Comunidade Europeia baixaram 28,7 por cento e para a Ásia 12,3 por cento.

No respeitante a marcas, a Subaru foi a mais afectada, com uma quebra de 63,2 por cento, na sequência da redução na procura nos mercados norte-americano e europeu.

Inter Rail

A União Internacional dos Caminhos-de-Ferro (UIC), em concertação com o Conselho da Europa, adoptou um novo bilhete *Inter Rail* para jovens até 26 anos, a entrar em vigor a partir do próximo dia 1 de Janeiro. Com o objectivo de estimular a mobilidade dos jovens dos países da Europa Central e Oriental, as companhias ferroviárias comprometeram-se a reduzir em 15 por cento os preços dos bilhetes. Acontece porém que as condições não são iguais para todos, como recentemente alertou o eurodeputado Sérgio Ribeiro.

Segundo o deputado comunista, no caso concreto de Portugal, o novo esquema, dividindo os 29 países abrangidos em 7 zonas, impede os jovens portugueses de poderem aproveitar plenamente o *Inter Rail* dado, por um lado, Portugal ser um país periférico com fronteira só com a Espanha (zona 1), e, por outro lado, para se poderem deslocar a um país que não a Espanha necessitam de bilhete abrangendo duas zonas, cujo custo será de 50 mil escudos, o que para um jovem português é muito caro. Acresce que para utilizar um bilhete global um jovem português terá de dispendir 62 mil escudos, o que está longe do alcance da esmagadora maioria dos jovens.

Face a esta situação, Sérgio Ribeiro questionou a Comissão Europeia, no sentido de saber se esta não pode intervir, de forma a obter para os jovens dos países periféricos, como Portugal, uma situação equiparada à dos seus congéneres de outros países.

Bancários

Qual o papel reservado aos trabalhadores bancários no controlo das actividades de branqueamento de capitais provenientes de actividades ilegais, nomeadamente do tráfico de droga? Esta a questão colocada há algum tempo por Sérgio Ribeiro ao Conselho das Comunidades. Para o eurodeputado, tendo em conta a integração da directiva sobre branqueamento de capitais nas legislações nacionais, haveria que pelo menos "por princípio ou recomendação, beneficiar da consulta aos mesmos trabalhadores e suas organizações".

O Conselho não contraria aquela postura, mas como sucede com muitas outras coisas, remete a iniciativa para os governos nacionais. Respondendo à questão, recorda que "se uma directiva é vinculatória para os Estados-membros no que se refere ao resultado a alcançar, deixa às instâncias nacionais a escolha da forma e dos meios", não sendo da competência do Conselho "intervir no processo através do qual as instâncias nacionais a põem em prática".

Embora sem deixar de reconhecer que alguns artigos da directiva (6º, 8º e 9º) conferem "aos empregados dos estabelecimentos de crédito uma função na prevenção do branqueamento", considera o Conselho que cabe às autoridades nacionais e aos estabelecimentos em questão "zelar pela sensibilização das categorias profissionais implicadas no processo de detecção das práticas duvidosas". Aguardemos pois pela "sensibilização".

Salários

Segundo o Instituto de Estatísticas francês, citado pela Lusa, o salário horário dos operários franceses aumentou 0,7 por cento no terceiro trimestre deste ano, o que eleva para 2,6 por cento o seu aumento nos 12 meses terminados em Setembro. No mesmo período a inflação, sem tabaco, foi de 1,9 por cento.

De acordo com a mesma fonte, o índice do salário-base mensal do conjunto dos trabalhadores franceses aumentou 0,6 por cento no terceiro trimestre e 2,6 por cento nos 12 meses terminados em Setembro.



Em Portugal, como por toda a Comunidade, a defesa do emprego é motivo de luta

Desemprego na OCDE continua a aumentar

Oito por cento da população activa dos 24 países que integram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) estava no desemprego em Outubro. A informação, divulgada no início da semana em Paris, confirma que o desemprego continua a crescer: em Setembro, a taxa de desemprego era de 7,9 por cento e, em relação ao mesmo período do ano passado, o aumento foi de meio ponto percentual.

De acordo com os dados divulgados, a subida do desemprego entre Setembro e Outubro últimos deveu-se, sobretudo, a países como o Japão, Estados Unidos e Austrália, cujos índices de desempregados aumentaram para 2,7, 6,7 e 11,1 por cento, respectivamente.

Mas o panorama da Europa não é propriamente mais animador. A taxa média de desemprego manteve-se nos 10,9 por cento, tendo subido na Alemanha, França, Bélgica e Irlanda e diminuído na Finlândia, Suécia e Inglaterra.

As perspectivas na Alemanha, por outro lado, são cada vez mais negras. Segundo um inquérito do Instituto de Economia Alemã (IW), notícia a Lusa, divulgado terça-feira, trinta e cinco sectores em 41, na parte oeste, prevêem a supressão de empregos em 1994.

Um quarto das federações interrogadas (representando a indústria, construção, artesanato, comércio e empresas de serviços) estimam no entanto uma ligeira alta na produção para o próximo ano.

A referida subida incidirá, em particular, nos sectores da química, construção de máquinas e fábricas e indústria automóvel.

De salientar que o próprio Instituto de Economia Alemã considera que "tal (subida) não é suficiente para dar a volta ao mercado de trabalho".

Segundo o inquérito que vimos citando, os dirigentes das federações dos têxteis e das matérias-primas para a construção acham que o clima que se vive nas suas empresas oeste-alemãs é melhor do que no final de 1992, opinião que não é partilhada por outras 24 federações.

A maioria dos sectores inquiridos espera "um fim progressivo da recessão", mas não confia num relançamento decisivo para a conjuntura económica na Alemanha de oeste.

O IW concluiu ainda que os investimentos das empresas oeste-alemãs vão continuar a baixar no próximo ano.

Também o chanceler Helmut Kohl não está optimista.

Numa entrevista publicada segunda-feira no "Frankfurt Allgemeine Sonntagszeitung", Kohl afirmou que "devemos esperar em 1994 um elevado número de desempregados", e pôs em causa a eficácia da semana de trabalho de quatro dias para combater o desemprego. Segundo o chanceler, os acordos de empresa deverão constituir um encorajamento ao investimento, devendo a semana de quatro dias (como o recentemente acordado na Volkswagen e no sector mineiro) funcionar como um mecanismo "transitório".

É a realidade a sobrepor-se aos belos discursos da última cimeira europeia e a confirmação, como repetidamente o PCP tem alertado, de que as políticas de austeridade e rigor conduzidas pelos Estados-membros da Comunidade Europeia para satisfazer os critérios da União Europeia não têm resolvido mas antes agravado a recessão, o aumento do desemprego, os fenómenos de exclusão social, de pauperização, de racismo e de violência.

Racismo e xenofobia É preciso atacar as causas

O racismo e a xenofobia são os temas que vão estar em debate numa conferência a promover pelo Parlamento Europeu, em Março de 1994. A iniciativa, resultante de recente discussão do assunto no PE, é bem a expressão do alarme que se vive na Europa, face à dimensão crescente deste fenómeno anti-social e da sua expressão política.

Com o agravar da crise económica e do desemprego, as suas manifestações não têm parado de se intensificar. Por isso mesmo há que salientar o mérito da iniciativa, embora sobejem razões para temer a sua pouca eficácia.

Os eurodeputados comunistas no PE já alertaram para tal risco, defendendo que "há que evitar, na gravidade da situação e das

expectativas, uma postura de demagogia, de ataque aos sintomas enquanto se ignoram ou mesmo se estimulam as causas do 'mal', como quem dá aspirinas a um tuberculoso permitindo-se que o obriguem a trabalhos forçados".

Considerando que o "racismo e a xenofobia têm o seu caldo de cultura numa política económica que, numa cegueira monetarista, de acumulação de capital financeiro, põe em repouso recursos produtivos, cria desemprego, provoca exclusão social", os eurodeputados comunistas não hesitam em apoiar a Conferência de Março, "desde que não se fique pelos aspectos epidémicos e contribua para atacar as raízes desta doença social".

Crise preocupa algarvios e andaluzes

Membros da confederação de empresários da Andaluzia (CEA) e uma delegação da confederação de Empresários do Algarve (CEAL) reuniram-se em Sevilha para analisar e procurar soluções para os problemas dos respectivos sectores empresariais.

Segundo fontes da CEA, os participantes salientaram a necessidade de encontros deste tipo e o desejo de ambas as confederações encontrarem soluções para os problemas do sector.

Os empresários algarvios e andaluzes manifestaram preocupação pela crise económica que afecta Portugal e Espanha.

Os empresários de Portugal e Andaluzia reúnem-se anualmente num encontro denominado Andaluzia-Algarve, em que fazem o intercâmbio de experiências.

As duas regiões mantêm uma comunicação entre si, que aumentou desde que, em 1991, entrou em funcionamento a ponte internacional sobre o rio Guadiana que une Ayamonte a Vila Real de Santo António.

INTERNACIONAL

Espanha

As Comisiones Obreras e a União Geral do Trabalho marcaram para 17 de Janeiro a greve geral destinada a protestar contra a política económica e social do governo.

Paraguai

De 15 a 18 de Dezembro realizou-se em Assunção um seminário em parte consagrado à divulgação e conservação dos documentos da polícia de Stroessner, descobertos no fim do ano passado. Os documentos revelam (e confirmam) a participação nos crimes que foram prática corrente da ditadura, tanto dos serviços secretos americanos, como dos esquadrões da morte de diversos regimes militares da América do Sul e de antigos nazis.

Estas mesmas entidades, assim como vários partidos conservadores do continente americano, têm desenvolvido uma campanha no sentido da destruição dos documentos em causa. Simultaneamente um movimento muito amplo de democratas sul-americanos, agrupados nomeadamente em torno do Forum de São Paulo, defende que os arquivos sejam preservados e amplamente divulgados.

Polónia

A vitória da esquerda nas eleições legislativas teve repercussões no congresso da Associação Nacional de Médicos, reunido em Varsóvia, que decidiu alterar o texto do juramento dos seus membros. A partir de agora deverão passar apenas a jurar "servir a vida e a saúde dos homens", sem referir "desde a concepção". O artigo proibindo qualquer acto médico susceptível de levar à morte do feto foi riscado do Código médico.

Nuclear

Os Estados Unidos difundiram uma grande quantidade de elementos radioactivos na atmosfera, no decurso dos anos quarenta e cinquenta. Um programa de experiências militares secreto, destinado a "desenvolver uma arma que mataria o inimigo através das poeiras radioactivas", foi agora revelado por um relatório do Congresso norte-americano.

Essas emissões de produtos radioactivos em pleno ar livre foram efectuadas a apenas 145 quilómetros de Salt Lake City, no Tennessee. Outras experiências decorreram no norte do Novo México. Numa delas, fez-se explodir na atmosfera, perto de Los Alamos, uma bomba convencional contendo metal radioactivo de milhares de curies. Os inquéritos promovidos pelo Congresso detectaram a realização de uma dúzia de experiências deste género.

Por outro lado, o Ministério americano da Energia informou que os Estados Unidos realizaram mais 252 experiências nucleares do que as oficialmente reconhecidas: 204 no Nevada e 48 no Pacífico.

No total, e desde 1945, o número de ensaios nucleares por parte dos EUA foi de 1078. As últimas experiências secretas ocorreram em 1990.

Cuba

Jesse Jackson, dirigente norte-americano dos Direitos Cívicos, que se deslocou a Havana para uma visita de cinco dias à frente uma delegação que representa diversas etnias, afirmou o seu empenho em "renovar o diálogo entre os dois países".

"Chegou o tempo de fazer cair os muros e de construir pontes" entre os Estados Unidos e Cuba, afirmou Jesse Jackson, "devemos romper o círculo de 30 anos de ódio e de sofrimento. Isto requer uma política audaz".

Numa conferência de imprensa, em que também esteve presente o ministro cubano dos Negócios Estrangeiros, Roberto Robaina, Jesse Jackson condenou o embargo comercial decretado há três décadas pelos Estados Unidos contra Cuba.

Brasil

Quinto aniversário do assassinio de Chico Mendes, dirigente dos seringueiros brasileiros e destacado activista da luta contra a destruição da Amazônia, foi assinalado com uma petição reclamando a perseguição dos autores do crime.

Chico Mendes foi assassinado a 22 de Dezembro de 1988 por Darci Alves Pereira, a mando do pai, Darly Alves da Silva. Os dois foram condenados a 19 anos de prisão, mas fugiram em Fevereiro de uma cadeia do Rio Grande, na fronteira

Ingerência militar

A ilusão da eficácia

No início de um novo ano e no fecho de outro em que o direito de ingerência - mesmo militar - foi múltiplas vezes invocado como a solução possível, face a situações particularmente complexas e dramáticas, parece oportuno reproduzir aqui uma entrevista com o diplomata argelino Mohamed Sahnoun, retirada das páginas de "L'Humanité".

Mohamed Sahnoun foi encarregado pela ONU de tentar uma solução política para o conflito somali. Propósito entretanto cortado pela aposta numa solução de força. Foi demitido das suas funções antes da intervenção militar em Mogadíscio.

O actual quadro político mundial, marcado por múltiplos focos de conflito,

é comentado por Sahnoun nos seguintes termos:

Estes problemas não apareceram hoje. É preciso procurar as suas causas profundas. Seria necessário antes do mais falar da herança colonial. Na Europa, foram necessários séculos para que se formassem os Estados e se estabilizasse a situação de uns relativamente aos outros. Enquanto se exige aos países africanos, encerrados em fronteiras artificiais, que criem Estados-nações em dois ou três decénios.

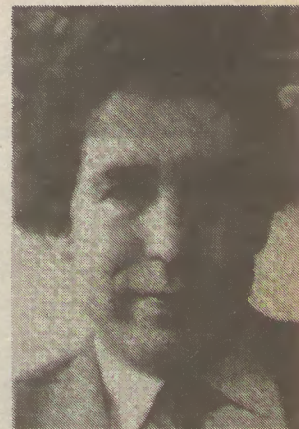
É também necessário lembrar a herança da guerra-fria. Ao longo de dezenas de anos, dispôs-se de povos e de Estados do terceiro-mundo como se de peões se tratasse. Não se quis saber o que pensavam os povos, e se

os respectivos governos agiam no interesse dos seus povos. Apoiaram-se e utilizaram-se as ditaduras, porque eram aliados objectivos no quadro da guerra fria. A isto há que juntar o peso da dívida e o desequilíbrio das trocas comerciais. Assim se impediu o curso normal das coisas. Agora, é claro, há crises, conflitos. E tudo isto vem hoje ao de cima.

Os modelos impostos pelo Norte não contribuíram também para a desastrosa situação actual?

A elite do terceiro mundo nem sempre esteve à altura de responder aos desafios sociológicos, económicos e políticos. O seu leque de escolhas foi limitado porque a história foi desviada do seu curso. Não se deu a possibilidade aos povos de encontrar, com os seus próprios meios, no quadro da sua cultura, formas de evolução que poderiam ter sido concretizadas, respeitando simultaneamente os princípios fundamentais da democracia. Teria sido necessário reforçar, desenvolver a sociedade civil, para levar à prática a participação das camadas populares. É necessário apoiar estas aspirações da base e não criar obstáculos. Ora, quando se encoraja a corrida aos armamentos, quando se estimula a compra de armas pelo terceiro-mundo - actualmente 60% das transferências de armas fazem-se em direcção ao terceiro-mundo -, não se pode resolver o mal, pelo contrário, contribui-se para o seu agravamento.

Não se tem vindo a tentar que a ingerência por parte das grandes potências seja aceite pela opinião



Mohamed Sahnoun

pública, invocando a democracia e a solidariedade?

Há momentos em que é necessário ajudar os outros. Não é a intervenção do rico em relação ao pobre, a do poderoso em relação ao fraco, é a necessidade de solidariedade. Mas, então, é preciso garantir que os que vão intervir em nome dessa solidariedade tenham as credenciais para tal, que para isso estejam de alguma forma mandatados, não apenas pelos governos, mas também pela opinião pública internacional que não deve ser bombardeada por uma campanha mediática dirigida. Os próprios interessados devem ter uma espécie de direito de veto. Actualmente, a intervenção externa é por vezes necessária, quando as sociedades são vítimas de uma opressão intolerável na sequência de uma total falência dos mecanismos de Estado, de uma grande fome como foi o caso da Somália. Mas é preciso intervir a tempo.

Se, na Somália, se tivesse intervenido mais cedo, não teria sido necessária qualquer intervenção militar. Penso que a intervenção militar deve ser sempre uma excepção. Na verdade, não passa de uma ilusão de eficácia. Não se conhece qualquer intervenção militar de envergadura que tenha resolvido de facto um problema. Isso não existe.

Palestina

Negociações-chave no Cairo

Negociações-chave entre Israel e os palestinianos tiveram início segunda-feira no Cairo, com as delegações chefiadas pelo dirigente da OLP, Mahmud Abbas, e o ministro israelita Shimon Peres.

São negociações cruciais para a aplicação da autonomia palestiniana na faixa de Gaza e na cidade de Jericó, na Cisjordânia ainda ocupada pelo exército israelita.

Algum optimismo marca esta fase das negociações. Um conselheiro político do dirigente palestiniano, Nabil Chaat, disse mesmo que "estas negociações do Cairo porão ponto final aos litígios entre palestinianos e israelitas que são um obstáculo à aplicação do acordo de autonomia".

Os problemas mais graves ainda por resolver são: a extensão do território da futura zona autónoma em Jericó, o controlo dos pontos fronteiriços com os países árabes vizinhos (Egipto e Jordânia) e a presença militar israelita nos colonatos judeus em Gaza.

A OLP denunciou entretanto "novas espoliações" de terras palestinianas nos territórios ocupados e acusou Israel de se ter "apropriado de milhares de hectares" situados a oeste de Ramallah e em volta de Jerusalém.

Num comunicado difundido dia 26 de Dezembro, o Comité Executivo da OLP, CE-OLP, afirma que as medidas adoptadas por Israel visam "estabelecer uma ligação territorial" entre as terras e os colonos judeus limitrofes.

A OLP denuncia igualmente as "acções provocatórias" dos colonos israelitas que colocaram os alicerces de dezenas de novas casas nos territórios "sem que o

Exército israelita tivesse intervenido para os deter".

"Estas acções provocatórias constituem uma violação flagrante" do acordo sobre a autonomia assinada entre o governo israelita e a OLP, e bem assim "uma escalada perigosa numa série de outras violações perpetradas pela parte israelita", adverte a CE-OLP.

O comunicado cita, nomeadamente, a ampliação dos colonatos judeus e a prossecução do bloqueio imposto ao sector de Jerusalém Oriental, actos que "diminuem a credibilidade do empenhamento da parte israelita no processo de paz".

PDS

Sucesso eleitoral em Brandenburg

Os resultados da segunda volta das eleições municipais no Estado Federal de Brandenburg, realizada em 19 de Dezembro passado, não só confirmam como reforçam os obtidos na primeira volta pelo Partido do Socialismo Democrático (PDS).

Todos os candidatos do PDS que, em 83 das 85 cidades e povoações, concorreram à segunda volta das eleições para a presidência da Câmara, obtiveram mais votos que na primeira volta.

Os resultados eleitorais na capital - Potsdam - foram alvo de particular disputa: 45,1% para o PDS e 54,9% para o actual presidente da Câmara (SPD - sociais-democratas). Sendo de destacar que, em apoio do candidato social-democrata, se formou uma aliança englobando todos os outros partidos, desde a Aliança 90/Verdes, SPD, Liberais Democratas até à CDU.

Nas duas semanas que medearam entre as duas voltas das eleições, foi implementada por esta aliança uma enorme campanha, que contou com o apoio de políticos de Bona

e de associações patronais, e fazia passar a mensagem de que a eleição de um presidente da Câmara "vermelho" teria consequências negativas no plano económico.

Neste contexto, pode-se considerar que os resultados obtidos pelo PDS em Potsdam representam um grande sucesso.

Em resultado das duas voltas das eleições em Brandenburg, o PDS detém a presidência da Câmara em 30 cidades e povoações. Ficou ainda com os maiores grupos de representantes nos parlamentos das duas maiores cidades - Potsdam e Frankfurt/Oder (37% e 35% dos lugares, respectivamente).

O PDS foi o único partido que registou uma subida de votação em termos absolutos, comparativamente às últimas eleições municipais, realizadas em 1990.

Segundo sondagens realizadas pelo conhecido Instituto Infas, os candidatos do PDS contaram com a maioria dos votos dos jovens dos 18 aos 24 anos, das pessoas com educação superior e dos desempregados.

África do Sul

Mensagem de Mandela

As razões da confiança

Uma imagem do passado

Este Natal é o último celebrado na África do Sul sob um governo minoritário branco e 1994 será o ano da libertação de todos os sul-africanos - afirmou Nelson Mandela numa mensagem de Natal e Ano Novo em que simultaneamente sublinha que, apesar deste horizonte de esperança, 1993 voltou a ser um ano de "muita dor e sofrimento" no país.

"Muitos perderam entes amados, pela violência criminosa que continua por reduzir. Muitos mais perderam as suas casas e todos os seus bens", frisou Mandela. "Milhões continuam a viver na pobreza abjecta que o apartheid e o governo do Partido Nacional nos legaram".

"Agora, pela primeira vez, o futuro contém a promessa de um amanhã mais brilhante", contrapôs. "Será o último Natal sob governo minoritário branco. Iniciamos 1994 com vigor, porque é o nosso ano de liberdade, mas também deve ser o ano em que todos, independentemente da raça, credo ou sexo, unamos mãos pelo fim da violência terrível que desfaz o país".

Após apelar para que "todos os democratas" trabalhem em conjunto para isolar a minoria que pretende fomentar o ódio racial e a violência, Mandela sublinhou que não lhe deve ser concedida a menor oportunidade de comprometer um futuro democrático pelo qual se trabalhou "tão duramente".

"As eleições de 27 de Abril (de 1994) devem resultar na eleição de um governo de todos os sul-africanos, cuja prioridade seja criar uma vida melhor para todos, criar trabalho, segurança e, acima de tudo, paz", sublinhou o presidente do ANC. "O desafio para todos nós é o de edificar a África do Sul não-racial e democrática dos nossos sonhos".

Na véspera da mensagem de Natal de Mandela, o Parlamento sul-africano aprovou, em clima de grande emoção, na Cidade do Cabo, por maioria de 237 contra 45 votos, uma nova Constituição provisória que estabelece pela primeira vez um Estado de direito não-racial no país, após 341 anos de domínio minoritário branco.

A votação, em sessão conjunta do Parlamento tricameral, registou os votos negativos (previsíveis) da bancada conservadora e de dois deputados do Inkatha da Liberdade.

Foi entretanto solicitado aos partidos Conservador e Inkatha que acatem a Constituição provisória e os resultados das primeiras eleições multirraciais, a realizar a 27 de Abril de 1994, e participem nas estruturas de transição, como o Conselho Executivo Transitório (TEC).

Em contrapartida o ANC e o governo comprometem-se a facilitar o avanço imediato de negociações sobre exigências da Aliança (que engloba

também estes dois partidos) relativas à garantia de poderes extensos exclusivos às regiões e autonomia a grupos étnicos (zulus e afrikaners) e/ou regiões específicas.

A Constituição vigorará na África do Sul durante cinco anos de governo de unidade nacional, até à realização de novas eleições gerais. Preconiza a existência de um presidente e um vice-presidente indicados pelo partido mais votado e vice-presidentes de todos os que reunirem mais de 20 por cento dos votos.

Ao abrigo do documento agora ratificado, o governo saído das eleições de Abril será formado por elementos de todos os partidos com pelo menos 5 por cento dos votos, com uma representatividade idêntica à proporção das escolhas do eleitorado.

Sobre as nove regiões a estabelecer no território sul-africano, presidirá uma Assembleia Nacional de 400 deputados, formada por 200 elementos eleitos nas listas nacionais e outros tantos de listas provinciais.

A par desta, funcionará ainda o Senado - formado por 10 representantes de cada região - ao qual, entre outras funções, caberá a responsabilidade de, em sessão conjunta com a Assembleia Nacional, elaborar a futura Constituição do país.

A formação de um Tribunal Constitucional, uma Carta de Direitos, um sistema judiciário independente, for-



ças policiais e armadas únicas, a inexistência de bantustões e um sistema de representação dos líderes tradicionais - são outros pontos em destaque na nova Constituição provisória.

Cronologia

Breve cronologia de acontecimentos marcantes do processo de liquidação do apartheid:

1989

Outubro - Libertação do secretário-geral do ANC, Walter Sisulu, e outros cinco membros do movimento anti-apartheid.

1990

2/Fevereiro - O Congresso Nacional Africano (ANC) é legalizado, assim como cerca de 30 outras organizações. Duas semanas depois é libertado Nelson Mandela.

2-4/Maio - O governo e o ANC realizam as suas primeiras conversações, concordando em trabalhar juntos para acabar com a violência no país e redigir nova Constituição.

7/Junho - No quadro do processo negocial em curso, De Klerk levanta o estado de emergência em vigor há quatro anos. No fim do mês, o Parlamento vota a abolição de uma série de leis anti-apartheid.

6/Agosto - O ANC decide suspender a luta armada, tendo como contrapartida a garantia de libertação dos prisioneiros políticos.

1991

Junho - São formalmente abolidas as principais leis do apartheid.

20/Dezembro - O governo, o ANC e outras 17 formações políticas iniciam negociações formais para a elaboração de uma nova Constituição.

1992

17/Junho - Massacre na cidade negra de Boipatong, a sul de Joanesburgo, provoca 42 mortos. O ANC acusa a polícia de ter ajudado no massacre.

23/Junho - O ANC abandona as negociações políticas em protesto contra os dramáticos acontecimentos de Boipatong.

1993

1/Abril - Recomeçam as conversações

10/Abril - O dirigente do ANC e do Partido Comunista Sul-Africano (SACP) Chris Hani é assassinado à porta de sua casa. São presos três activistas da extrema-direita.

2/Julho - Os negociadores escolhem o dia 27 de Abril de 1994 para a realização das primeiras eleições multirraciais. O Partido Inkatha (de base zulu) e os conservadores brancos pró-apartheid contestam.

23/Setembro - O Parlamento aprova o documento sobre a criação de um Conselho Executivo de Transição (TEC) que deverá participar na governação do país até às eleições.

15/Outubro - Mandela e De Klerk são agraciados com o prémio Nobel da Paz.

Novembro - É enviado ao Parlamento o projecto de nova Constituição.

7/Dezembro - Os negros sul-africanos assumem pela primeira vez capacidade de intervenção nas decisões do governo, quando o TEC se reúne na Cidade do Cabo.

22/Dezembro - O Parlamento, dominado pela minoria branca, ratifica a nova Constituição, reconhecendo, pela primeira vez, os mesmos direitos a negros e brancos.

Angola

A paz mais próxima

— diz representante de Butros Ghali

Em 5 de Janeiro, na capital da Zâmbia, deverá ter início nova ronda negocial para a paz em Angola. Uma pausa imposta pelo dirigente da Unita, Jonas Savimbi, que alegou a necessidade de contactar pessoalmente a sua delegação.

Entretanto, em conferência de imprensa em Lusaca, o representante especial do secretário-geral da ONU em Angola, Alioune Beye, considerou "globalmente positivas" as cinco semanas da primeira etapa do processo negocial em curso e confirmou que foram concluídas em Lusaca todas as questões militares que se prendem com o processo angolano.

São nomeadamente o restabelecimento do cessar-fogo, a retirada, aquartelamento e desmilitarização de todas as forças da Unita, desarmamento de toda a população civil e conclusão da formação das Forças Armadas Angolanas (FAA) incluindo a desmobilização.

Como ponto de partida para o início da ronda negocial, Beye disse que obteve a reafirmação da aceitação pelo governo angolano e pela Unita dos instrumentos jurídicos julgados pertinentes e que se prendem com os Acordos de paz e as resoluções do Conselho de Segurança. Ambas as partes aceitaram discutir na base da implementação dos Acordos de paz e na aceitação da conclusão dos trabalhos de Abidjan.

Beye anunciou ainda que a partir de 5 de Janeiro serão discutidos temas que se prendem fundamentalmente com a reconciliação nacional, com a reinstalação da adminis-

tração do Estado em todo o território e com as garantias de segurança a dar a todas as pessoas.

A formação da nova polícia, a conclusão do processo eleitoral, o mandato da ONU e o papel dos observadores no processo de paz e ainda a data e local de assinatura do protocolo de Lusaca fazem igualmente parte da próxima ronda negocial.

O representante de Butros Ghali em Angola afirmou que só iniciou esta ronda negocial porque foi possível inverter a opção militar vigente e afirmar uma política mais consentânea com o processo de paz.

Entretanto, o Comité Central do MPLA, num balanço dos efeitos da guerra neste último ano, classifica-a como a causa fundamental da grave situação socioeconómica que o país atravessa.

Em documento aprovado em reunião na véspera de Natal, o CC do MPLA encoraja as estruturas do governo a prosseguirem os esforços para a busca da paz, deplorando "a impossibilidade de reunir este ano toda a família angolana por causa da guerra lançada pela Unita".

No mesmo comunicado se afirma que, face à "difícil situação, o país está a viver particularmente de ajudas humanitárias".

A guerra causou "uma dependência do país da ajuda humanitária, uma alta generalizada de preços de bens de primeira necessidade e insuficiências dos serviços sociais", segundo o balanço da direcção do Movimento Popular de Libertação de Angola.

O desaire liberal (*)

■ Jacques Dimot

A partir de 1989, a aceleração nos antigos países socialistas da Europa é praticamente quotidiana. Se os esquemas de ontem se tornaram obsoletos, os de hoje, que foram montados após as mudanças políticas, mostram-se rapidamente capazes de tornar-se, também eles, obsoletos e ultrapassados.

Tanto as eleições como os movimentos sociais e os indicadores económicos permitem medir-lhes as evoluções. Na Lituânia, na Polónia, na Estónia e certamente a partir da Primavera na Hungria (onde o desemprego já subiu aos 10 por cento e o Orçamento apresenta um défice de 2 mil milhões de dólares), os antigos comunistas marcam pontos e retomam mesmo o poder. Mas tratar-se-á daqueles a que se chamava comunistas nesses países? E que significa esse retorno que alguns consideravam impensável há quatro anos atrás? É evidentemente necessário recolocar estes acontecimentos no novo contexto mundial saído, precisamente, destas revoluções políticas. Três fenómenos essenciais merecem atenção: as mudanças políticas nos países socialistas, a dissolução do Tratado de Varsóvia e a desintegração da URSS.

Tudo isto conduz, quase poderá dizer-se naturalmente, a um domínio acrescido do imperialismo e por essa via do imperialismo hoje dominante, o dos Estados Unidos. Apenas, no entanto, com uma nota: esse domínio acrescido do imperialismo no mundo não se processa sem dificuldades e contradições. As contradições interimperialistas, que lhe eram subjacentes mas se encontravam mascaradas pela divisão do mundo em blocos, reaparecem em força. Tal como se evidencia a dificuldade de o imperialismo, e mais ainda do imperialismo dominante, de gerir sozinho os problemas do mundo.

Ainda no que respeita à Europa, faremos notar que a derrota política dos regimes socialistas e o que ela consigo arrastou, gerou novos focos de tensão no velho continente. Globalmente, desde a construção do muro de Berlim em 1962 (que corresponde grosso-modo ao fim da guerra fria e ao início do desanuviamento) não havia mais conflitos na Europa, à excepção da Irlanda do Norte desde 1969, do Chipre com a ocupação turca do Norte da Ilha desde 1974 e da guerra do Kurdistão na Turquia.

A partir de 1989, pelo contrário, a lista dos conflitos cresce: guerra larvar na Transnistria (território povoado por russófonos na Moldávia), guerras do Cáucaso, confrontos armados em Moscovo, tensões entre a Ucrânia e a Rússia, cisão na Checoslováquia e, evidentemente, em todo o seu horror, as guerras jugoslavas. Por enquanto estes conflitos não "transbordam" das fronteiras saídas da Segunda Guerra Mundial. Não há guerras nem modificação de fronteiras entre uma antiga república da URSS ou da Federação jugoslava e um terceiro país. Nem a cisão checoslovaca modificou as fronteiras com um país terceiro. Resta naturalmente o problema da Alemanha, com a desaparecimento da RDA, mas aí também as fronteiras alemãs não sofreram alterações. Esta subida de tensões acima evocada tem uma causa: é o desequilíbrio brutal provocado pelo desaparecimento de uma aliança político-militar, enquanto que a aliança "inimiga" não apenas se mantém mas se reforça e quer ter um papel determinante nas questões mundiais.

Poder-se-á falar hoje de sociedades pós-comunistas? O uso do termo é naturalmente ambíguo. Remete para duas noções diferentes: uma é da sociedade política tal qual aparece após a derrota dos partidos comunistas e afins, mas tal quereria dizer que não pode conceber-se uma sociedade socialista senão dirigida por um partido comunista.

Os anos 70, período de estagnação

A segunda noção é usada para designar os partidos e formações políticas saídos dos partidos comunistas ou afins que se reclamam de uma oposição ao liberalismo. Como se vê, estas duas noções são contraditórias. Alguns preferem empregar a expressão "pós-stalinismo", como se toda a evolução dos países socialistas europeus depois da morte de Estaline em 1953 tivesse ficado afogada no mesmo molde.

Poder-se-á falar de insucesso da experiência dos países socialistas europeus ou antes de insucesso a partir de um dado momento? A fórmula de M. Gorbatchov, que falava do "período de estagnação" era interessante, porque tinha o mérito de mostrar que uma sociedade socialista havia podido desenvolver-se, prosperar até um dado ponto e que ela própria se bloqueara não se desenvolvendo mais. Esse bloqueamento era devido, no essencial, mas não apenas, à falta de democracia. Falta de democracia política e desrespeito das liberdades individuais mas também falta de reflexão e de democracia sobre as questões da gestão, da administração do território. Foram naturalmente estes bloqueamentos e as regressões sociais que consigo arrastaram, que conduziram às recções em cadeia que expusemos acima. Pode considerar-se que o período dos anos 70 foi crucial: é no meio desta década que tem início o período de estagnação, diferenciado em cada país.

Sobrevém após um período de intenso desenvolvimento que trouxe os seus frutos, nomeadamente na década de sessenta: desenvolvimento económico, industrial, social, elevação do nível de vida, democratização. Ao mesmo tempo, este desenvolvimento multifacetado faz-se acompanhar de um recrudescimento do nacionalismo que se exprime de maneiras diversas. Na Polónia, E. Gierek lança a ideia de uma segunda Polónia e só fala da unidade realizada da nação. (Na URSS de Brejnev, fala-se do partido de todo o povo.) Poder-se-ia naturalmente falar longamente da Roménia de Ceausescu ou da utilização feita pelos dirigentes húngaros da situação dos Magiares na Roménia para desenvolver o nacionalismo. O peso da dívida articula-se, nesse período de estagnação, com a utilização do nacionalismo.

Sem tornarmos às causas da derrota política dos Estados socialistas da Europa, é forçoso constatar que eles foram varridos por movimentos populares que se exprimam de variadas formas. As contradições vêm à superfície. No próprio período de revolução política é a unidade em torno de um objectivo que prevalece: derrubar o regime (seja por razões democráticas, seja por razões políticas ou ideológicas). Derrubado o regime, as correntes políticas tradicionais ou novas reaparecem, e a luta política toma outra forma. Iludidos pela vitória e pela relativa facilidade com que se encontraram de novo no poder, os partidários do ultraliberalismo irão conhecer rapidamente severas derrotas. É o caso na Lituânia, onde a política nacionalista e xenófoba de Landbergis é condenada sem apelo e onde o antigo primeiro secretário do Partido Comunista Lituano, Brazauskas, reconquista o poder. É o caso na Polónia, onde, em várias etapas, se exprime o desafecto às correntes dominantes (derrota num primeiro tempo de T. Mazowiecki e da sua corrente democrata-cristã, derrota num segundo tempo de Bielecki e da sua corrente liberal, derrota enfim num terceiro tempo das correntes democratas-cristãs e nacional-democratas) para acabar entregando de novo uma larga maioria parlamentar à esquerda polaca. Esquerda que é dupla: a que saiu dos partidos existentes sob o socialismo e a que saiu do Solidariedade. A coligação governamental que, há semanas, dirige a Polónia é formada por antigos membros do POUP e do Partido Agrário, com a esquerda saída do Solidariedade apoiando a coligação sem nela participar. (É de notar entretanto que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Olechowski, que não pertence aos partidos vencedores, se define a si próprio como um liberal, partidário da aproximação da Polónia à Europa Ocidental, devendo-se a sua nomeação a um compromisso com o presidente Walesa.)

Emergência de um movimento social

É o caso na Estónia onde, quando das presidenciais, o candidato mais votado na primeira volta, com 42 por cento dos sufrágios, era o antigo primeiro secretário do Partido Comunista Estoniano, Arnold Ruutel, e onde as eleições municipais consagraram uma vitória da esquerda no sentido lato do termo. No entanto, foi neste país que, em Junho de 1992, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros (cidadão sueco), declarou: "Sou antes de mais um empresário, o tipo de personagem de que mais se precisa nestes países do Báltico (...) Devemos transformar a Estónia numa economia de mercado, integrada política e economicamente na Europa Ocidental".

É o caso na Eslováquia e na República Checa, onde os comunistas obtiveram resultados apreciáveis, particularmente na Eslováquia, onde os partidários do liberalismo foram pura e simplesmente batidos. O filósofo francês Henri Hude, declarava no ano passado: "Depois da queda do comunismo, parece que a divisa da economia mundial se tornou abertamente esta: que o homem pereça, desde que o mercado funcione. Se isto é tudo quanto as sociedades livres têm a propor, os povos acabarão por ter saudades do comunismo". Um exemplo desta vontade de tudo reger dogmaticamente foi dado pela ministra búlgara da Cultura, Elka Constantinova, membro do Partido Radical Democrático (que pertence à Internacional liberal), quando a interrogaram sobre a sua missão: "Construir escolas, teatros, óperas, encorajando a iniciativa privada. Se possível sem o Estado, que deve contentar-se em ajudar as instituições. Entre nós, estou persuadida de que seria desejável suprimir o Ministério da Cultura". No entanto, também na Bulgária, a direita no poder esbarra com dificuldades, e os herdeiros do Partido Comunista, como acontece na Albânia, ultrapassam os 40 por cento dos sufrágios. Nos novos Lander da RFA, parece ir-se em direcção a uma estabilização ou mesmo a um progresso das posições eleitorais do PDS, herdeiro directo do SED: nota-se também a emergência de um novo movimento social específico à antiga RDA.

Os resultados eleitorais, tal como o desenvolvimento das greves e das manifestações, são devidos a uma série

de fenómenos. Em primeiro lugar, a dureza e brutalidade das transformações leva uma parte da população a lamentar a perda da segurança que o regime anterior dispensava (nomeadamente em matéria de emprego, segurança social, cultura). Depois, porque ao participarem no derrubamento dos regimes anteriores, as pessoas desejavam outra coisa que não o desemprego, a precarização de grande parte da sociedade ou mesmo a abertura de verdadeiras caças às bruxas. O balanço é de facto pesado. O exemplo mais significativo encontra-se na ex-RDA. Os alemães de Leste encontram-se numa situação bastante particular; noutros lados pode esperar-se uma mudança de governo (como a Polónia e a Lituânia acabam de mostrar).

Estratégia de desindustrialização dos novos Lander

Quaisquer que sejam os resultados das eleições nos novos Lander, a correlação de forças faz com que a antiga "pequena" RFA domine sempre a política alemã. No princípio do ano, a Treuhandanstalt, quer dizer, o consórcio encarregado de gerir as antigas empresas públicas da RDA só empregava 500 mil pessoas, contra os 4 milhões de 1991. Dos 3,5 milhões de assalariados "privatizados", apenas 1,4 milhões continuava a trabalhar. Esta estratégia de desindustrialização dos novos Lander, e portanto o apagar do passado socialista, pode encontrar-se também em outros domínios. No momento da unificação, Ortwin Lowack, porta-voz do grupo parlamentar CSU (cristãos-sociais da Bavária) para as questões da defesa e segurança, podia declarar: "Avançando para a unificação através do mecanismo do artigo 23, a RDA integrar-se-á no sistema político da nossa Constituição alemã ocidental. Isso significa a adopção de um regime liberal e federal, e a subscrição de todos os acordos internacionais subscritos nos últimos quarenta anos pela RFA. Qualquer neutralidade alemã está excluída(...)"

De uma penada riscavam-se quarenta anos de história de um Estado que também tinha assinado os seus acordos internacionais. Três anos mais tarde, o escritor alemão Gunter Grass, que era partidário de uma confederação de dois estados alemães, podia notar com razão: "Os novos Estados de Leste não são capazes de agir como estados federais simplesmente porque foram fundados por Bonna".

Estes partidos que ganharam eleições ou que progredem são simplesmente partidos comunistas ou são outra coisa? Que significam? A grande particularidade destes partidos e formações, sendo verdade que cada país é diferente na sua especificidade, é a de que não são nem estranhos nem simplesmente continuadores dos partidos de antigamente. Expressam a cada passo o sentimento de não apagar de uma penada as quatro ou cinco décadas passadas e, ao mesmo tempo, recusam o retorno ao modelo do socialismo estatal. Nos raros países socialistas europeus onde reinava *stricto sensu* o regime de partido único (Albânia, URSS, Roménia), o Partido, coluna vertebral do Estado, reflectia de facto, mesmo de maneira velada, as correntes políticas mais diversas. Era um pouco menos verdade nos países onde existia mais ou menos um pluralismo institucional (Polónia, Bulgária, RDA, Checoslováquia), mas mesmo assim, instituídos pelas constituições como partidos dirigentes, os partidos comunistas e afins reflectiam bastante os debates no seio da elite dirigente. O estilhaçar da estrutura partido-Estado permite retornar às fontes do socialismo, mesmo se for tacteando, travando, etc. Encontram-se mesmo, um pouco por toda a parte, fórmulas novas, através das alianças. É o caso na Polónia, com a Aliança da Esquerda Democrática, que agrupa, em torno do SDRP (partido saído do antigo POUP), sindicatos, movimentos sociais, nomeadamente de mulheres, partidos e grupos políticos que se reclamam do socialismo e do comunismo.

Trata-se, nestes países, de inventar uma nova forma de fazer política e de não renegar a sua própria história.

(*) Artigo publicado em "Revolution", nº 717, de 25 de Novembro de 1993. Tradução da Redacção do "Avante!".



Campanha autárquica da CDU: a limpeza em retrato (Setembro, comício na Chamusca com Álvaro Cunhal)

O grito de revolta dos pescadores continúa a vibrar, no País, a angústia da pesca perdida (Malo, Peniche, manifestação de pescadores)



Jorge Caria



Não é por acaso que o sistema de lentes das máquinas fotográficas se chama "objectiva": é através dele que a realidade, dita simultânea e fisicamente inabarcável na sua globalidade, se

cada momento que "pedaço de realidade" (chamemos-lhe assim) fica testemunhado em foto e transformado em facto.

Isto para encurtar razões e sem abrir caminho às sempre interessantes (mas,

Nós por cá,

transmuta em **objecto** parte-de-um-todo e, portanto, registável. Se esse registo dá, ou não, nota fidedigna dos acontecimentos que escolhe, é ponderabilidade a assacar à própria alquimia do processo, onde a subjectividade humana, espreitando pelo olho mágico da máquina, decide a

aqui, deslocadas) polémicas sobre a manipulação fotográfica do "real". Isto, sobretudo, para dizer que, parcelaridades à parte, a fotografia continua regularmente a testemunhar melhor que mil palavras e a ser um roteiro eficaz nos caminhos da memória.



Sérgio Morais



A pedagogia do chicote (Novembro, repressão policial da manifestação pacífica dos estudantes do Ensino Superior frente à Assembleia da República)



Um caudal de juventude num dos maiores comícios de sempre (Setembro, Festa do «Avante!»)

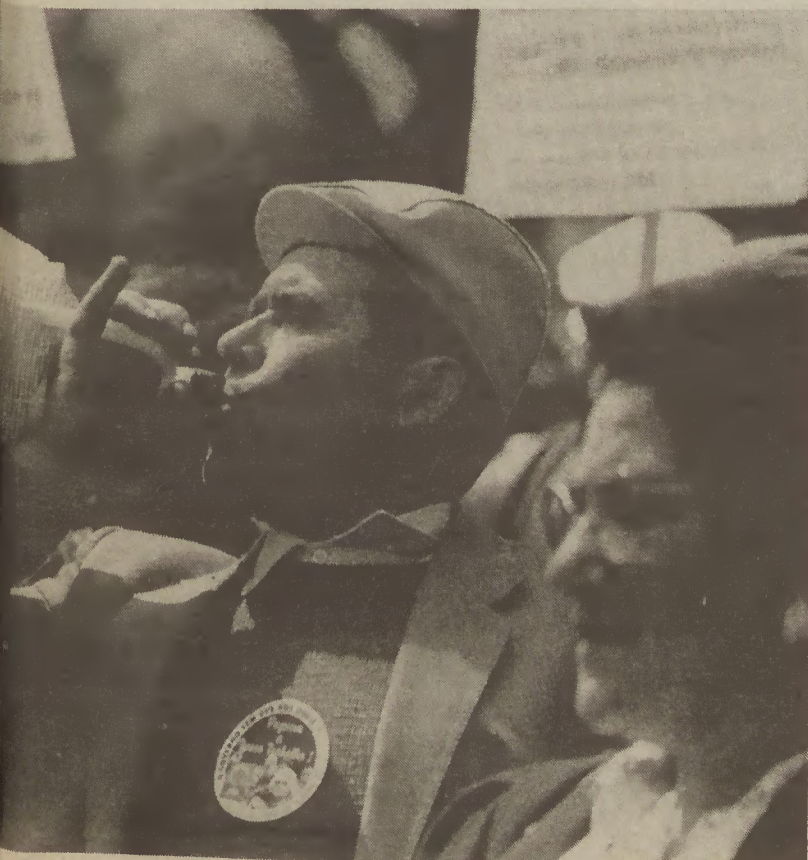
objectivamente

Viajemos, então, por este ano de 1993 que amanhã termina, recordando-o na objectividade das fotos que, nas páginas do «Avante!», registaram acontecimentos e organizaram testemunhos de situações importantes vividas no País. O que é também um ponto de vista.

Um olhar objectivamente construído, não atrás das câmaras fotográficas mas no meio da vida onde se ama, se luta, se constrói.

Na vida onde se intervém, até quando se recorda. Como agora, nesta espécie de resumo

fotográfico do ano de 1993 onde nós, comunistas, afirmamos pela escolha das imagens o que pensamos dos factos, o que queremos, pelo que lutamos. Olhos nos olhos, como sempre. Com a objectividade que se tem quando, por trás das câmaras fotográficas, se escolhe a realidade dos homens e não as ficções de quem os explora.



Era mentira que o vinho desse de comer a um milhão de portugueses; agora, com o desmantelamento da agricultura «negociado» pelo Governo com a CEE, é verdade que dá miséria a muitos milhares... (Abril, Lisboa, manifestação da CNA a exigir apoios à agricultura)



Carlos Nabais

O triunfo do porco (Março, exposição da abertura «semifechada» do Centro Cultural de Belém)

Irlanda do Norte

■ Manoel de Lencastre

Cessar-fogo inconcebível sem libertação dos presos

O gabinete inglês diz desejar o fim da guerra na Irlanda do Norte. O governo capitalista de Dublin diz o mesmo. Ambos, portanto, declaram que haverá democracia no Ulster se o IRA (Irish Liberation Army = Exército de Libertação da Irlanda) suspender as operações a que é usual chamar-se de terrorismo. Mas os protestantes e as suas forças paramilitares, mais terroristas do que os terroristas, já disseram que não aceitarão quaisquer acordos conducentes a uma verdadeira democracia em que os católicos adquiram os direitos que lhes têm, historicamente, sido recusados. O reverendo Paisley, fanático entre fanáticos, mas dirigentes democrático(?), ergue a sua rouca voz contra a Irlanda unida e livre, pretende a continuação da colonização inglesa, deseja a escravização da minoria católica do Ulster. Numa palavra: ninguém se entende.

Qual a verdadeira posição do governo britânico? Buscando uma impossível popularidade, o funcionário Major desejaria encontrar solução para o gravíssimo problema da Irlanda do Norte. Quanto não daria ele para poder dizer ao povo britânico: «Já não há guerra, não há que temer atentados, os nossos soldados regressarão às suas bases na Grã-Bretanha, a Irlanda, toda a Irlanda vive agora em paz.»

Entretanto, perdido nas habituais ilusões de governante de grande potência, Major pretenderia, igualmente, sair do Ulster na posição de vencedor havendo forçado o IRA a renunciar à força para sentar-se à mesa de conferências que os protestantes boicotariam. O IRA, entretanto, toda a gente o sabe, comprometer-se-ia a pôr fim à luta armada, mas com uma única condição: a da libertação dos presos que jazem nas prisões inglesas e da Irlanda do Norte. Mas esta é a prova máxima a que o gabinete de Londres não deseja submeter-se.

Não podem ser esquecidos

O destino dos homens e mulheres que os ingleses guardam atrás das grades porque lhes chamam terroristas assassinos mas que, na realidade, são prisioneiros de guerra, começou a discutir-se com amplitude em toda a Inglaterra. Pela primeira vez se aceitou como coisa compreensível que não poderá haver paz no Ulster sem que os presos sejam feitos regressar à liberdade. Quem são? Quantos são?

Na prisão de Maze, em Belfast, encontram-se mais de 300 voluntários do IRA, fechados a sete chaves e sujeitos à mais rigorosa das vigilâncias. São homens cujas posições políticas permanecem influentes em todo o movimento republicano. A Irlanda conhece-os como o «5.º batalhão», o que revela o respeito em que os conserva a hierarquia estratégica do IRA. No total, existem cerca de 500 homens e mulheres no interior das prisões do Ulster acerca dos quais o «Departamento de Prisioneiros de Guerra» do «Sinn Fein» (partido político republicano e católico) assim como todas as pessoas desapaixionadas que desejam a paz e a democracia verdadeiras na Irlanda do Norte manifestam o máximo interesse. Disse o partido dirigido por Gerry Adams: «Qualquer tratado de paz forjado sem o compromisso da amnistia será, para nós, inconcebível.»

Gerry Adams também já passou pelas galerias da prisão de Maze. Conhece muito bem os sacrifícios a que isso obriga e tem dado provas de não ser homem para deixar-se cair em manobras políticas próprias da histórica hipocrisia da classe dirigente inglesa. Nada fará, disso estamos confiantes, sem que a liberdade dos seus companheiros esteja assegurada.

Por outro lado, acham-se mais 29 prisioneiros noutras prisões em Inglaterra, 14 dos quais, dizem-nos, servindo



penas de prisão perpétua (life) enquanto em penitenciárias europeias, americanas e na República da Irlanda se contam 64 outros chamados terroristas. A paz na Irlanda, evidentemente, requer a libertação de todas estas pessoas que pegaram em armas para que a sua Pátria, a Irlanda mártir, se unificasse e conhecesse a verdadeira independência.

onde decorria a conferência do Partido conservador, em Brighton, no ano de 1984, em que por pouco perecia a primeira-ministra Margaret Thatcher.

Amnistia para todos

Entre os presos irlandeses em Inglaterra encontram-se os seguintes: Harry Duggan, Hugh Docherty, Edward Butler, Martin O'Connell, membros do chamado «Balcombe Steet Gang» responsáveis por uma campanha de ataques à bomba, em 1975, e que, após as respectivas condenações em 1977, admitiram ter estado envolvidos nos bombardeamentos dos «pubs» de Guildford e de Woolwich; Paul Kavanagh e Gilbert McNamee, condenados pela colocação do carro-armadilhado que explodiu junto aos conhecidos armazéns «Harrods»; Patrick Magee, responsável pelo bombardeamento do Hotel





Naturalmente, a amnistia a aplicar aos presos republicanos teria de abranger, igualmente, os chamados lealistas pró-ingleses, protestantes, membros das organizações terroristas UVF (Ulster Volunteer Force), UFF (Ulster Freedom Fighters) e UDA (Ulster Defence Association).

Um problema intratável que requer decisões políticas corajosas e muito difíceis para as quais o funcionário Major, como sabemos, não possui estatura. Mas a grave, dramática, interminável questão da Irlanda, apesar dos espectaculares desastres que continuam a caracterizá-la, não passa de um, só um, entre os vários que afligem os povos das Ilhas britânicas. Ofendidos, submetidos, estrangulados pelos cada vez mais tenazes e vingativos interesses do imperialismo, esses povos sofrem agora, como nunca, talvez, as consequências das ilusórias grandezas do ontem colonial e arrogante. Tardam em encontrar uma saída esclarecida para os gravíssimos problemas do hoje obscuro e de mínimas perspectivas enquanto o amanhã se lhes apresenta como uma interrogação assustadora e de monumentais proporções.

Está tudo dito nesta pequena canção que se entoava na região inglesa de Staffordshire, em fins do século passado, e que mostra o quanto a Grã-Bretanha permanece agarrada e dominada pelas mesmas forças:

*«Rags make paper,
Paper makes money,
Money makes Banks,
Banks make loans,
Loans make beggars,
Beggars make rags»*

*«De trapos faz-se papel
Do papel faz-se
dinheiro,
Com dinheiro erguem-
-se Bancos,
Os Bancos fazem
empréstimos,
Empréstimos fazem
mendigos,
Mendigos tornam-se
em trapos»*

Cedo ou tarde, todavia, os povos britânicos erguer-se-ão da paralisia a que os conduzem incógnitas que vêm de há séculos. E dará lições ao Mundo!

Emigrantes com problemas

Parte V

Não era das mais fáceis, no reportório do poeta Tadeu, a imitação do político português, Mário Soares. Mas, raspando a garganta, tossindo, esboçando um largo sorriso e abrindo os braços como quem desejasse chamar a si todos os presentes, começou:

«Meus amigos! Democracia e liberdade! Liberdade, Europa e democracia! Meus amigos! Portugal quer a Europa, a democracia e a liberdade!»

A assistência manifestou impaciência. E a Sãozinha que com os seus jovens amigos ocupava uma larga mesa de forma redonda ao fundo do restaurante, interveio:

«Santo Deus! Então ele só diz aquilo?»

Tadeu prosseguia: «Liberdade e democracia, meus amigos!» Mas já não se continham os convidados de Cipriano Guerreiro. E o Abreu, do Banco, logo secundado pelo Alves, da TAP, achou-se no direito de interromper o imitador perguntando:

«Atão é só isso, só Tadeu?», ao que Borges alfaiate deu apoio dizendo: «Tem toda a razão só Abreu. Atão o homem não diz mais nada?» Mas Tadeu não se detinha: «Liberdade e democracia.» E abria os braços de forma sempre mais abrangente enquanto repetia: «Democracia a liberdade.»

«E Europa, também, ó Tadeu, não te esqueças da Europa», interrompeu o Carvalhais da oficina de reparações de automóveis. Tadeu, todavia, continuava: «Meus amigos! Liberdade e democracia!»

Cipriano, cauteloso, resolveu suspender o insólito espectáculo que os seus amigos, evidentemente, pareciam não estar em condições de compreender. Interrompeu o imitador, subiu para o balcão e disse:

«Minhas senhoras e meus senhores! É bom que se faça justiça aqui ao nosso inimitável Tadeu que veio de Toronto para nos oferecer algumas demonstrações da sua arte. A mensagem dele parece-me clara e simples – o político Soares nada mais sabe, atão nunca se aperceberam disso?»

«Não compreendo, senhor Cipriano» interrompeu D. Glória, «atão um homem daqueles não sabe mais nada?»

«Não, dona Glória, não sabe mais nada. Infelizmente...» E com todos os amigos muito atentos e interessados nas suas palavras, Cipriano Guerreiro, esclareceu: «Atão os portugueses comem democracia e liberdade? Comem a Europa?»

A atmosfera tornou-se mais compreensiva para a mensagem do poeta de Toronto. Entendeu-se, enfim, que as pessoas não vivem de palavrosas expressões de propaganda política, de chavões ilusórios. Carecem, isso sim, de muitas outras coisas da mais fundamental importância, que as liberdades e as democracias raramente oferecem. A democracia dos votos, provavelmente, não passa de uma simples fase, talvez já estratificada, talvez apocalíptica, no desenvolvimento político dos povos.

Agora, o fumo dos cigarros envolvia todo o restaurante. Falava-se em voz alta e animada. Tos-

sia-se. Sucediavam-se os jarros de vinho sobre as mesas. Travessas com gordos e loirinhos pastéis de bacalhau. Mas era quase meia-noite, fazia frio, em fins de Outubro, as pessoas preparavam-se para sair porque no dia seguinte todos tinham as suas obrigações. E no meio de múltiplos cumprimentos de despedida ninguém se esquecia de agradecer ao casal Guerreiro aquela noite de ambiente português.

«Muitas felicidades, só Guerreiro. Isto, nos negócios, o que é preciso é sorte», disse o Carvalhais exprimindo o sincero sentir de todos os outros. E abraçavam-se, longamente.

Lá fora, a rua que dava para o Boulevard achava-se quase deserta, eram raros os automóveis que circulavam, Montreal em breve adormeceria e os emigrantes portugueses, que ajudavam a fazer o Canadá mas não esqueciam a sua terra, começavam a dispersar.

«Que horas são agora, em Portugal?», perguntou alguém.

«Cinco da manhã», disse o Alves da TAP.

«Oh, a vida de Lisboa às cinco da manhã...», suspirou o Freitas do consulado

«Cale-se, homem. É uma hora de vazio. Nada é já o que foi.

«Nada ainda é o que está para ser. Já se viveu a noite. Ainda não se viu o dia. As cinco da manhã, só Freitas, são coisa levada dos diabos.»

Alves, da TAP, tinha-se como um tanto filósofo, mas outro, o Suspiro, proprietário de «A Flor do Minho» parecia saber um pouco mais, em certas matérias.

«Você sabe o que se podia fazer em Lisboa às cinco da manhã?» Sem ver reacções, respondeu a si próprio, com malícia: «Comer a Europa!»

«Ou ser comido por ela, só Suspiro», gritou Cipriano que se preparava para fechar a porta do restaurante. E todos se afastaram.

Na noite de Montreal, então, descendo o Boulevard, sossegadamente, alguns daqueles portugueses amigos de Cipriano, dando-se os braços, cantavam baixinho, só para si, mas com toda a alma, certas pequenas-grandes coisas que lhes viviam no coração e a que era preciso dar livre curso de quando em vez:

*«Oh, Baleizão, Baleizão,
Oh, terra baleizoeira,
Eu hei-de casar contigo
Queira o teu pai ou não queira!»*

E enquanto isso, Cipriano que, com Carlos Maganão, Aristides e o restante pessoal, se afadigava na limpeza do restaurante cuja abertura ao público teria lugar às 11 da manhã, cantava também, a plenos pulmões, dirigindo-se à mulher, Mariana Guerreiro:

*«Ao romper da aurora,
Vamos lá seguindo,
Por esses campos fora,
A manhã vem vindo...»*

Mas o destino de um empreendimento comercial como o restaurante «A Pérola do Atlântico» não poderia fugir aos problemas do seu tempo. Cipriano, apesar das suas grandes esperanças, tinha algumas surpresas para enfrentar.



Emigração e Família

■ Zillah Branco

Ao serem analisados os graves problemas que hoje ameaçam desagregar os laços de união da humanidade — a perda dos valores morais que serviam de referência, a desagregação da estrutura familiar, o abandono da preocupação com as gerações futuras, com a conservação do ambiente e do património social, o individualismo feroz e o desprezo pela solidariedade — verificamos que os emigrantes são indefesos e ficam à mercê dessa tendência que prolifera sobretudo nos países mais ricos. Impõe-se a necessidade urgente de alertar os responsáveis pela promoção da emigração para os efeitos desencadeados de modo a prevenir situações negativas irreversíveis.

Ilusões criminosas

A propaganda das vantagens da emigração destaca apenas os aspectos positivos relacionados com o desenvolvimento económico individual ou, pelo menos, a melhoria das condições de sobrevivência, e a evolução cultural propiciada pelo contacto com outros povos. Não se pretende negar a sua veracidade. De facto, num país em que não é possível oferecer condições de emprego, de habitação, de segurança social e de formação a toda a população, os indi-

Presenciei em algumas casas cenas familiares de acolhimento, onde era visível o sentimento de contrariedade que se somava ao do dever de solidariedade com o parente recentemente emigrado. Em outras situações, quando o emigrante possui uma pequena empresa, é comum assistir-se ao acolhimento seguido de formas de exploração do trabalho mantido na clandestinidade.

Evidentemente, com a multiplicação de tais situações, o próprio sentimento fraterno e de solidariedade nacional tende a desaparecer como já ocorreu com outros povos. E não se pode responsabilizar os emigrantes por mais essa crise de identidade, pois todos são vítimas de um processo desagregador que deriva da sociedade em que vive.

Clandestinidade, um produto da crise do sistema

O conceito de clandestinidade que sempre esteve ligado à acção política dos que se opõem ao poder constituído hoje nada tem a ver com isto. Deriva da condição do sistema de trabalho clandestino ou informal que domina o Terceiro Mundo e cresce

abalo que se repercute no convívio social, nas escolas dos filhos, na autoconfiança. É preciso ter presente que, para o emigrante, mais que para qualquer outro trabalhador, a queda na escala social põe em causa toda uma vida de sacrifícios longe da terra e da família. Parece-lhe ser um fracasso de toda a sua história.

Os abalos no seio da família, que afectam a autoconfiança dos pais, repercutem fatalmente no respeito dos mais jovens e do(a) próprio(a) parceiro(a). Raros e honrosos casos têm sido excepção, mesmo porque toda a filosofia de vida que impulsiona o emigrante está enraizada na valorização do *status* social e económico. Esta é uma questão que deve ser analisada com objectividade e não com críticas moralistas derivadas de velhos preconceitos.

Imagens do emigrante em Portugal

As imagens estereotipadas, tal como os preconceitos raciais, nascem em função da competição entre os que se sentem como «donos» do lugar e os que «vêm de fora». Quando o «estrangeiro» traz benefícios, é promovido a benfeitor; quando não, é um usurpador.

Durante muito tempo, os emigrantes que vinham passar férias em Portugal exibindo os seus grandes carros e um elevado nível financeiro, foram tratados como «emigrantes de sucesso». Tornaram-se verdadeiros animadores da vida económica das aldeias e vilas, construindo casa e pondo o comércio a funcionar nos escassos meses de férias. O Governo incentivou esta imagem com a valorização das remessas dos emigrantes como a principal parcela dos rendimentos nacionais. Era um preconceito «simpático» que, ao mesmo tempo que lhes criticava o mau gosto arquitectónico e o exibicionismo de novos-ricos, reconhecia que tinham êxito no modelo de sociedade moderna que se pretendia para Portugal.

Nos últimos anos a situação mudou. Com a crise e a insegurança que enfrentam no resto da Europa vêm passar férias com maior modéstia. Em algumas localidades já se fala no fim dos investimentos dos emigrantes e o comércio local deixou de contar com o seu estímulo. A antiga simpatia interesseira foi substituída por uma visível animosidade. Exemplos vários são relatados, como o de uma jovem, nascida em Paris, que trouxe os amigos para conhecerem a terra dos seus pais. Numa agência de viagens, no Algarve, foi maltratada pela funcionária que, preferindo falar em francês procurou no grupo «um francês de verdade» como interlocutor. As experiências negativas proliferam a ponto de se tornar comum o desgosto do emigrante por ser tratado como estrangeiro no seu país.

O problema cultural

Todas as frustrações e inseguranças produzidas pela sociedade moderna tornam o emigrante um alvo fácil das depressões e dos conflitos que vão pesar fundamentalmente sobre a estrutura familiar. Mais frágeis ainda por estarem isolados dos parentes que ficaram na terra, dos amigos de infância com quem se indentificavam, de uma história de vida que foi substituída pela competição desenfreada que faz da sociedade uma selva.

Para completar o resultado de todas essas mudanças que ocorreram num espaço de tempo muito curto, a alteração dos costumes e do comportamento social foi tão drástica que separou por uma poderosa barreira a geração que hoje tem 40 anos ou mais da dos seus filhos com 20 ou menos anos. As tradições foram banidas com todos os seus valores éticos como um traste envelhecido. Em sua substituição surgiram as expressões de uma «ciência de mercado», com a autoridade das citações livrescas e com o peso conferido pela divulgação nos órgãos de comunicação social.

Esmagados pela noção da própria ignorância dessa «ciência» prestigiada, as gerações mais velhas tiveram medo de continuar a defender os seus valores. Tornaram-se passivas diante da educação que a sociedade impôs aos seus filhos entrando pela casa a dentro por meio de livros, revistas, filmes e programas de televisão. Os governos ainda não demonstraram qualquer intenção e capacidade para ajudar os pais e educadores a não se deixarem engolir pela formação massificada que tem por base o egoísmo e a violência.

Sem encarar de frente os múltiplos problemas que a modernidade cria, multiplicam-se os discursos morais que não oferecem saída mas prometem condenações. Sem vencer as formas de ignorância intimidam as pessoas e reforçam a própria autoridade. Dessa maneira reforçam a barreira que separa as gerações.

Um exemplo recente é a condenação, nos Estados Unidos e na Inglaterra, das mães solteiras ou divorciadas como responsáveis pelo aumento da violência e criminalidade nas camadas jovens. Propõe o cancelamento de todo e qualquer subsídio de habitação, alimentação, saúde e educação para crianças sem pai e mãe com o pretexto de que assim será forçosa uma «moralização» com base na recuperação da família. Não se preocuparam em discutir as razões que, antecipadamente, condenaram as mães a enfrentarem sozinhas o encargo familiar.

As mentalidades mudaram, mas assim como há aspectos negativos há conquistas que contribuíram para uma melhor formação do ser humano. O nosso dever é saber separar o joio do trigo e não deitar fora a criança com a água do banho.



víduos permanecem abafados no atraso cultural e nas carências económicas que impedem o seu pleno desenvolvimento. Ao sair para um país mais desenvolvido ou que lhe dá meios para alterar a situação socioeconómica em que vive, tem uma oportunidade de evoluir. No entanto, corre riscos para os quais deve ser prevenido, pois tudo dependerá da possibilidade de legalização da sua condição de emigrante no estrangeiro para poder contar com os benefícios da sociedade mais desenvolvida que o acolhe e do apoio dos serviços consulares quando houver necessidade.

Em contacto com emigrantes portugueses na França, na Alemanha e na Suíça, e com organizações religiosas ou leigas que os apoiam, recolhi depoimentos predominantemente críticos em relação «às ilusões criadas com o novo estatuto de cidadão comunitário que mascara a dura realidade do emigrante sem garantias». Sem a necessidade de passaporte e do contrato de emprego para poder entrar nos países da União Europeia, o emigrante tornou-se um turista sem recursos. Sendo obrigado a procurar emprego e habitação para sobreviver, descobre-se na clandestinidade, sujeito a ofertas salariais reduzidas e sem quaisquer garantias, desvinculado dos benefícios sociais que o atraíram. Sente-se preso numa armadilha, com menos recursos com que partira de casa, sem ânimo de voltar a enfrentar as carências que o expulsaram do seu meio e o escárnio dos que ficaram. Recentes casos de suicídio foram relatados em Paris, para além de acidentés fatais em trabalhos sem protecção. O desespero gera as suas vítimas.

A indignação de um português nascido em Goa, que aos 60 anos pretendeu viver em França e acabou na situação de marginal que dorme no Metro com 6 graus negativos, sensibilizou o Serviço Nacional da Pastoral dos Migrantes que se reconhece impotente para resolver tais casos. Ele reivindicava os seus direitos de cidadão comunitário sem encontrar qualquer forma de apoio efectivo. Não foi capaz de compreender que a sua ingenuidade levaria-o a acreditar na fantasia que irresponsavelmente é animada pela propaganda governamental.

A solidariedade que tende a desaparecer

Entre os 200 mil SDF, que não têm habitação em França, raros serão os de origem portuguesa. Mas isto se deve à característica cultural de solidariedade nacional que ainda sobrevive com dificuldades cada vez mais flagrantes no meio emigrante português.

na Europa. À medida que a privatização de grandes sectores estatais se expande, inclusive em áreas como a da educação, da saúde e da previdência social, reduz-se o Estado ao mínimo e fortalece-se o poder económico empresarial. Desaparece a preocupação com os cidadãos a favor dos objectivos de aumento de produtividade e de lucro.

Neste contexto, e quando se revela a crise crescente do sistema incapaz de resolver os problemas de fome e miséria que dos países subdesenvolvidos emigra para as sociedades mais ricas, desencadeia-se um reajustamento da situação dos trabalhadores e das suas famílias retirando-lhes os benefícios alcançados através de uma luta sindical: estabilidade no emprego, evolução salarial, segurança social. A acompanhar o crescente desemprego surgem os contratos a prazo, os salários reduzidos, o trabalho clandestino ou informal. O trabalhador é o único prejudicado deixando uma mais elevada mais-valia nas empresas.

Um estudo na França indicou que, ao contrário do que se pensava, o maior número de trabalhadores clandestinos é de franceses, portanto um novo sistema nacional de emprego para a população. Em cada 10 clandestinos só 3 são imigrantes e, destes, 0,3 não têm os papéis de residência. Avaliava-se em Novembro de 93 a existência de mais de 100 mil trabalhadores clandestinos no país.

De acordo com o depoimento recolhido junto ao Serviço Nacional da Pastoral dos Migrantes, a nova onda de jovens emigrantes, portugueses e espanhóis, confiantes no seu estatuto de «comunitário» entra facilmente neste sistema de sobre-exploração da mão-de-obra chegando a trabalhar toda a semana sem descanso cerca de 12 horas por dia pela metade do salário oficial. Para isso terá de viver em casa de parentes ou amigos e contrariar os princípios fraternos da solidariedade sindical. Tornase, ele próprio, um elemento desagregador da sociedade que o cerca.

Instabilidade e desagregação

Não é necessário investigar muito para se estabelecer a relação entre a instabilidade no trabalho e a desagregação psicológica do indivíduo e da família. Aumentam os índices de alcoolismo, de droga, de violência. Mesmo nos casos em que após a queda de *status* social e económico provocada pelo despedimento, o trabalhador enfrenta com maiores sacrifícios outro emprego com menor remuneração, a família sofre um profundo



Partido Comunista da Federação Russa optimista com os resultados obtidos

— *Vice-Presidente Valentin Kuptzov responde a Miguel Urbano Rodrigues*

No dia 15 de Dezembro, quando a contagem oficial dos votos atribuiu à lista do Partido Comunista da Federação Russa uma percentagem superior a 13%, o seu vice-presidente, Valentin Kuptzov, recebeu o nosso camarada Miguel Urbano Rodrigues que, na qualidade de observador internacional às eleições, se havia avistado já com dirigentes dos principais partidos. Publicamos a seguir uma síntese das respostas que o dirigente do PCFR deu às perguntas formuladas pelo deputado comunista português.

MUR — Um assessor do Presidente Ieltsin, Filatov, anunciou ao país a aprovação da Constituição no referendo, por cerca de 70% dos votantes. A notícia suscitou polémica porque a abertura das urnas se verificara minutos antes. Qual a sua opinião sobre os resultados do referendo sobre a Constituição?

Kuptzov — Na realidade, o projecto ieltsiano da Constituição não passou. Oficialmente foi aprovado. Mas houve fraude. O grande atraso na contagem ajudou a montar essa fraude. O Governo fez tudo o que estava a seu alcance para fazer passar a sua Constituição. Posso dizer-lhe que as Repúblicas Autónomas, especialmente, se pronunciaram contra a Constituição.

Mas o referendo, mesmo segundo os números oficiais, é esclarecedor sobre a perda de popularidade de Ieltsin. Na primeira consulta eleitoral em que se apresentou, obteve 41 milhões de votos; na segunda 36 milhões; e agora, não conseguiu para a sua Constituição mais de 29 milhões.

É muito pouco — mesmo não tomando em conta as irregularidades — num universo eleitoral de 107 milhões de cidadãos.

— Qual a primeira apreciação do PCFR sobre os resultados já conhecidos?

— A contagem está atrasada. Mas a tendência conhecida confirma as nossas análises. Um ponderável sector da população manifestou a sua confiança no Partido apesar da virulência da campanha anticomunista. Isso aconteceu em toda a Federação nas mais diferentes camadas da população russa.

Pensamos que a tensão existente entre o Poder Central e as Regiões e as Repúblicas se expressou na baixa votação da «Opção da Rússia», muito inferior ao que esperavam os seus dirigentes. A «Opção da Rússia» foi derrotada e nessa derrota identificamos uma clara rejeição da política do governo. Ficou demonstrado que era falsa a afirmativa, exhaustivamente difundida, de que o Presidente contava com o apoio popular. Mentia ao país.

— Logo após a abertura das urnas, a televisão e a rádio apresentaram Jirinovski como grande vencedor das eleições...

— Jirinovski não ganhou. Nem o seu partido. Mas a forte votação que obteve nas listas partidárias traduziu sobretudo a recusa da política económica e social do governo. Jirinovski beneficiou muito do protesto popular.

— E o Partido Comunista da Federação Russa?

— Foi a primeira vez que tivemos a oportunidade de nos apresentarmos oficialmente ao sufrágio do povo. E estamos satisfeitos. Esperamos obter entre 13 e 14% da

votação, o que é muito nas condições difíceis em que pudemos participar no processo. O governo fez tudo para criar uma atmosfera de histeria anticomunista. Houve manobras de intimidação. Muitos eleitores foram influenciados por esse clima. Não é exagero falar em medo. Eles pretendiam demonstrar que os comunistas deixaram praticamente de existir como força política. E os resultados provam, contrário. Se atingirmos os 14%, talvez possamos eleger mais de 35 deputados pela lista do partido. Se considerarmos as candidaturas individuais de comunistas na outra parcela da Duma (metade dos 450 lugares da futura Câmara baixa) poderemos conquistar outras 35 cadeiras. Não é impossível assim que a nossa bancada supere as 70 cadeiras ou atinja mesmo as 80. Admito que Jirinovski não ultrapasse esse total, porque vai eleger pouca gente sua nos círculos onde as candidaturas são individuais.

— Que efeito imediato produzirá o funcionamento de novo Parlamento na vida do PCFR?

— O Partido, em consequência da dramática situação vivida no país, não está praticamente organizado. Nele manifestam-se várias tendências, o que é natural nas actuais circunstâncias. Pretendemos chegar ao nosso Congresso, que se realizará provavelmente em Abril, como um partido bem organizado. Um partido armado com uma teoria e capaz de desenvolver uma prática que seja a tradução correcta e necessária da ideologia. Temos também de nos preparar para as próximas as eleições presidenciais.

— Voltando a Jirinovski. Ele e o seu partido eram quase desconhecidos no estrangeiro. Qual, na vossa opinião, a implantação real deste político entre o povo russo?

— O partido dito «Liberal Democrata» foi criado há uns quatro anos. Os seus contornos eram indefinidos. Mas não se lhe pode negar o mérito de se ter preparado bem para estas eleições. Começou a desenvolver actividade intensa no período pré-eleitoral. Mas já tinha passado o primeiro exame na eleições presidenciais. Recebeu então mais de 6 milhões de votos; agora obterá entre 12 e 13 milhões.

Jirinovski apoiou desde o início o projecto de Constituição de Ieltsin. O governo deu instruções para não o

hostilizar e mesmo, em certas circunstâncias, para que o apoiassem. Da televisão recebeu um tratamento muito favorável, contrariamente ao que se passou connosco. O governo absteve-se, no fundamental, de criticar as teses de Jirinovski. Não lhe deram atenção. Foi recompensado por apoiar a Constituição. Creio que ninguém, fora do leque dos partidos oficiais, trabalhou tanto como ele que o projecto da Constituição fosse aprovado.

Simultaneamente, Jirinovski soube explorar o descontentamento popular. E jogou muito com o efeito de slogans que tiveram receptividade popular, slogans que fabricavam votos como o da «Rússia Unida nas suas fronteiras». Defendeu também as minorias russófonas das antigas repúblicas federadas e procurou captar o apoio do corpo de oficiais. Fez muitas promessas demagógicas ao Exército, como a de garantir um apartamento a cada um dos 200 000 oficiais que hoje não têm casa e o direito a uma alimentação decente.

— Que tipo de relacionamento mantém o PCFR com Jirinovski?

— É uma pergunta oportuna. O governo e os seus aliados estão a desenvolver esforços para estabelecer imaginárias pontes entre o nosso Partido e Jirinovski. Uma campanha insidiosa que visa persuadir a *intelligentsia* estrangeira, os observadores que nos visitam e as antigas Repúblicas Federadas de que existe algum tipo de ligação entre nós e Jirinovski. É uma falsidade e uma calúnia perigosa. No momento ainda não procedemos a qualquer análise elaborada dos resultados eleitorais, até porque a contagem está muito atrasada.

Há forças políticas de que nos sentimos próximos. Mas não é o caso do partido de Jirinovski. A nossa ideia é a de traçar para o nosso Partido, no futuro próximo, uma política independente e não uma política subordinada à actuação de blocos.

— No futuro imediato, que posições vai assumir o PCFR?

— Repito que a nossa primeira prioridade será a organização do Partido de modo a dar-lhe eficácia, unidade, coesão. E os resultados que obtivemos reforçaram a nossa confiança.

— Relativamente a Portugal...

— Ficamos contentes por haver portugueses entre os observadores que acompanharam as eleições russas do dia 12. Noutra ocasião, terei muito prazer em falar das relações entre os nossos povos. Hoje direi apenas que, no nosso Partido, a autoridade moral do PCP é muito grande. O seu partido tem muito prestígio entre os comunistas russos e é nossa intenção desenvolver as relações com o PCP, dando continuidade a uma amizade fraternal, com raízes históricas, entre os comunistas russos e os portugueses.

Um
livro
por
quinzena

Cumprir o anticomunismo

■ Pedro Ramos de Almeida

1. *A ascensão e consolidação do poder de direita – conservador, neo-liberal, antidemocrático e promonopolista, cúmplice e futor da política de desmantelamento da soberania e identidade nacionais – protagonizado por Aníbal Cavaco Silva (ACS) é uma directa consequência da presença capitalista e do domínio imperialista sobre Portugal. É com eles, sob eles e para seu benefício, que é também gerada a tradicional obsessão anticomunista e contra o socialismo, que ataca e fere a liberdade e a independência da comunidade humana portuguesa – uma obsessão em que claramente se exprime a insegurança com que os grupos sociais dominantes abordam o presente e preparam o futuro.*

2. *Em 19.V.85, no XII Congresso do PSD (Figueira da Foz), em pleno Governo do Bloco Central (aliança PS/PSD), chefiado por Mário Soares, Aníbal Cavaco Silva assumirá a presidência do PSD. Quinze dias depois, a 4.VI, dá-se a ruptura daquele Bloco, para a qual terão*

mesmo» a maioria de votos e deputados» (!); o PRD conseguirá eleger 45 deputados, e o PCP e os seus aliados na APU, «embora perdendo 130 000 votos e 6 deputados, mantiveram a forte posição de 38 deputados». Mas o anticomunismo, a tradicional barreira divisionista e arma repressiva do antagonismo opressivo de classe, inutilizará, uma vez mais, qualquer esclarecimento e avanço democrático. Será neste quadro que, não explorando o Presidente Eanes «a possibilidade de formação de um Governo maioritário dos partidos democráticos», o PRD irá viabilizar a formação de um governo minoritário do PSD – um governo que «tanto o PRD como o PS» irão apoiar objectivamente «durante largos períodos». (!)

Em 15.XII.85, nas eleições autárquicas, «a tentativa de assalto da direita ao poder local democrático (...) sofreu pesada derrota. (...) O PSD e o CDS em conjunto perderam 50 000 votos». (!)

Nas eleições presidenciais, de 16.II.86, o candidato da direita, Freitas do Amaral (46% de votos na 1.ª volta) é finalmente derrotado por Mário Soares (25% na 1.ª volta, contra 21% de Salgado Zenha e 8% de Maria de Lourdes Pintasilgo); na fase final, ele beneficia tanto da firme oposição comunista ao avanço antidemocrático, como da acção de uma larga frente democrática, que anulam a tentativa, por parte da direita conser-

vadora, de se apoderar da totalidade dos órgãos soberanos da República Portuguesa («Um Governo, uma maioria, um Presidente»).

Em 3.IV.87, o Governo Cavaco, de maioria relativa, é derrotado na Assembleia da República pela «iniciativa individual» (!) do PRD, que contra ele apresentara uma moção de censura.

Dissolvida a AR por iniciativa do Presidente da República, Mário Soares, «contra a opinião expressa de todos os partidos democráticos» (!) – ainda que o PS não tenha assumido «com suficiente energia, decisão e confiança» a «possibilidade real (...) de formação de um governo na base dos partidos democráticos na Assembleia» – foram ainda convocadas eleições antecipadas» (!); tudo isto enquanto o Governo do PSD era mantido em funções, permitindo-se

assim que ele pudesse utilizar «em seu benefício directo, os meios do Poder e a comunicação social» (!), sem falar de outras condições ultrafavoráveis (queda do preço do petróleo, desvalorização do dólar, baixa internacional da taxa de juro, etc.), que se traduziriam, repentinamente, para o Estado Português e o seu Governo, em receitas não orçamentadas de centenas de milhões de contos.

Todo este panorama de ofensiva da direita, com todas as suas desastrosas consequências para a liberdade e as transformações revolucionárias de Abril é, em todo o caso, muito menos a expressão do seu poder de iniciativa, do que a quase inevitável consequência das repetidas divisões, a par de transigências e capitulações, entre forças políticas democráticas e órgãos soberanos da República Portuguesa. São essas opções antiunitárias, anti-socialistas e anticomunistas, tal como muitas quebras políticas cívicas e republicanas, que acabarão por moldar e tornar possível o desenlace retrógrado das eleições parlamentares de 19.VII.87, em que a direita organizada no PSD alcançará, com ACS e sob o seu poder pessoal, «a maioria absoluta dos votos (50,1%) e de deputados (aumento de 88 para 148)». (!)

Por seu lado, «o PS, com 23,3% de votos, apenas recuperará 59 000 votos dos 844 000 que perdera em 1985», e 3 deputados dos 44 com que deixara de contar.

O PRD, por seu turno, perderá 73,1% dos votos e passará de 45 para 7 deputados.

A CDU terá 12,2% dos votos (15,5% em 1985) e 31 deputados (em lugar de 38).

A divisão e enfraquecimento da resistência e oposição democráticas favoreciam e insuflavam o sucesso do Governo do PSD como instrumento antipopular e pro-monopolista.

3. *O que sobretudo impressiona, tanto na personalidade como na prática governativa de ACS é a sua fraca qualidade ideológica e a debilidade humanista da sua formação e intervenção; e com ela, como sentido único da sua política, como beco sem saída para a Nação portuguesa, a continuada e crescente acção discriminatória, anti-produtiva, antioperária e anti-marxista por ele praticada, a nível nacional e internacional.*

Estas características e limites são notoriamente evidentes em «Cumprir a Esperança» (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 470 pp., XII.89), a colecção de intervenções escritas ou proferidas por ACS durante a vigência do X Governo Constitucional (6.XI.85/3.IV.87), o primeiro por ele encabeçado. Desde logo, e destacadamente, em tudo o que mais directamente toca à teorização (?) e à prática, insistente e básica, de um anticomunismo de clara feição antidemocrática, que até assume conteúdos e formas típicas do salazarismo.

Para ACS, o PCP não se insere na «área democrática»... Pelo menos é o que ele sublinha frequentemente: no 1.º aniversário deste seu Governo; no encerramento do debate relativo à moção de confiança, em 26.VI.86; no jantar em honra do presidente Delors, em 10.IV.86, etc., etc.

Cada vez que fala em «partidos democráticos», já se sabe que não é para defender a democracia, é para excluir os comunistas. Para aqueles que estranhem que ACS fale hoje tanto em democracia (mesmo prati-

cando-a tão pouco...), embora sob o salazarismo/caetanismo – até ao 25 de Abril, em que tinha 35 anos – a luta pela liberdade não tivesse conseguido conhecê-lo, a resposta é a mesma que ele deu perante o Senado de Berlim, em 16.IV.86: «(...) a lição de Berlim tem um particular significado. Portugal viveu em ditadura cerca de meio século e sabe por isso dar valor à liberdade». Mas, mas... «Liberdade que, importa acentuar, é ainda mais flagrantemente posta em causa nos sistemas de tipo soviético que nos regimes autoritários de direita». É a arte de dizer aos dirigentes alemães, 40 anos passados sobre a derrota de Hitler, que os «horrores da RDA» são «realmente totalitários», politizando «a própria vida privada das pessoas» (!), e bem mais graves que a benigna ditadura salazarista, que «apenas» violava «as liberdades públicas»... Ou – como ainda decorre do mesmo discurso – que os soviéticos e o próprio Estaline que, de facto, derrotaram a Alemanha nazi, à custa de 20 milhões de mortos entre os seus habitantes, contribuindo primordialmente para a paz, a liberdade e o progresso mundiais, eram afinal bem mais terríveis que Hitler e o seu «regime autoritário de direita». Não será este tipo de análise um clamoroso erro histórico e uma via errada para o futuro? Não acabará ele por contribuir para dar razão àqueles que hoje admitem que o hegemonismo e o nacionalismo alemães podem estar a vencer a III guerra mundial – e também na União Europeia – sem terem dado um tiro?

Como é característico nos anticomunistas mais assanhados, a sua insegurança por carência de lógica social cedo acaba por revelar a sua natureza puramente antidemocrática. É afinal o que se passa com ACS, quando afirma, no discurso de apresentação da moção de confiança na Assembleia da República, em Junho de 1986: O PCP é «um partido em declínio (...). Um partido que teima em pôr-se em bicos de pés e esbraceja desesperadamente»; ou, ainda mais expressivamente: um partido que «vem afirmando, com o despudor habitual, existir uma alternativa ao Governo no actual quadro parlamentar e que a sua participação nesse Governo é indispensável para a resolução dos problemas do País!» Manias!

Como adiante salientará, enfática e contraditoriamente: «Compreendemos a posição comunista. É clara, racional e os seus objectivos são óbvios. O PC está contra a estabilidade e contra o progresso e modernização do País, contra a livre iniciativa dos indivíduos, contra a presença de Portugal na CEE e na NATO!» ACS até já se esqueceu do artigo 7.º da Constituição da República Portuguesa.

Como veremos daqui a uma quinzena, concluindo a apreciação deste livro, para Aníbal Cavaco Silva, como aliás é natural, o anti-socialismo e o anticomunismo são na actualidade, e no essencial, uma forma de alimentar e encapotar o combate à união e à luta populares, à democracia participativa e representativa, ao avanço e defesa da liberdade, da identidade e soberania nacionais.

(!) *Intervenção de abertura do XII Congresso do PCP, de Álvaro Cunhal (Porto, 14.XII.1988) – «Com o PCP, por uma democracia avançada no limiar do séc. XXI», Ed. Avante!, pp. 38-40.*



contribuído: conflitos entre aqueles dois partidos; a «grande e demagógica operação do PSD para se desresponsabilizar da acção do Governo de que era co-responsável» (!) e, determinadamente, o crescendo da luta popular de massas, no quadro de «grandes movimentações sociais». (!)

Nas eleições legislativas de 6.X.85, ainda que o PSD venha a ser o partido mais votado (29,8% dos votos), a soma dos seus votos com os do CDS continuará a ser minoritária. Apesar da grande derrota sofrida pelo PS (perda de cerca de 850 000 votos e de 44 deputados), os partidos mais votados, em conjunto, serão aqueles que se opõem, ou pelo menos se diferenciam da direita (PCP, PS e PRD), que alcançaram

Gazetilha

Uma cárie

Ao nada donde veio regressou. E talvez mais nada do que era. Creio que não chegou ainda a sua vez de ver a triste sina da serpentina que mal o entrudo acabado se varre para o lado.

Para tudo dizer: não há pior fadário que ser Macário e gostar de o ser.

O discurso dele

«Portugueses! Feliz hoje estou. De verdade foi um ano para todo o país de tranquilidade.

Com paz e com amor
Com o coração aos saltos
e sem problemas de maior
sem sobressaltos...»

... Desisto. Tenho a vocação falhada.
Eu vim aqui
contar uma piada
e ninguém ri...

Chegou a hora

Eis Outubro e Novembro. São dois meses. Sim, está bem. E depois? Que se passou com os dois de algum interesse para os portugueses?

Garante uma estatística subtil que o Capital em crise ergue o chanfalho e mais dez mil portugueses lá ficam sem trabalho.

Cavaco, ó meu:
não é boa altura de ficares sem o teu?

Ora retoma!

O professor já nova esperança soma. Uma esperança? Mais, uma certeza: a economia que tem estado presa, às janelas larguíssimas assoma.

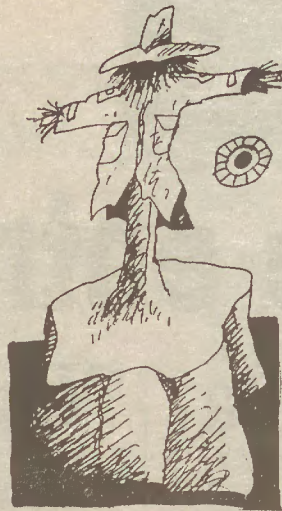
No ano que está quase a crise toma o alento que dá força à natureza: aquilo que na gíria de uma empresa se conhece pelo nome de retoma.

Há já retoma na exportação.
A retoma haverá na produção
a retoma aí está no azevinho.

Mas contra esta retoma tal e tanta sabiamente um «toma» se levanta:
o «toma» colossal do Zé Povinho.

■ IGNOTUS SUM

PONTOS CARDEAIS

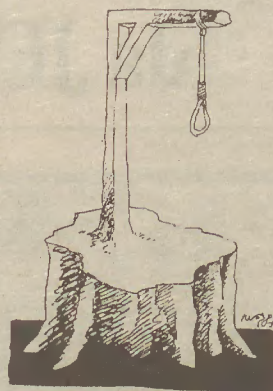


Caindo

O Instituto Nacional de Estatística (INE) começou a semana com a divulgação de dados sobre a "saúde" da nossa produção industrial. O mais que se pode dizer é que a dita está doente. Vejamos: entre Janeiro e Setembro a queda foi de 5,7, em comparação a igual período do ano passado. No âmbito da indústria transformadora - cuja variação homóloga acumulada negativa foi de 6,3 por cento - os têxteis foram os mais afectados com uma quebra de 15,4 por cento, seguidos de perto pelo material de transporte, com menos 15,3 por cento. Os sectores de construção de máquinas, aparelhos, utensílios e outro material electrónico registaram uma descida de 10 por cento; a fabricação de produtos metálicos menos 7 por cento; a indústria extractiva menos 11,7 por cento; os bens de consumo menos 4,1 por cento; os bens intermédios menos 6,8 e os bens de investimento menos 10,3 por cento. De acordo com o INE, só as indústrias da alimentação apresentaram uma evolução positiva de 3,5 por cento em relação ao ano passado. O pessoal ainda come. Por certo ainda haverá por aí muita gente que se lembra do discurso de Cavaco Silva sobre os "catastrofistas" do país, que insistem - sem motivo - em falar de crise e exigir medidas para a mesma. Se esta é a "recuperação" de que fala o Governo, é caso para dizer que passámos do oásis à miragem, enquanto corremos o risco de crescer tanto para baixo que nos confundamos com o deserto.

Fácil, fácil

Entretanto, o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, foi às Caldas da Rainha inaugurar o novo Centro Empresarial do Oeste, um pavilhão de exposições que custou 600 mil contos e demorou oito anos a fazer. Mira Amaral considerou-o "mais um bom exemplo da feliz conjugação de esforços entre o Governo, a autarquia e a associação empresarial", esperando agora a sua rentabilização. É que, como disse, "o mais fácil foi arranjar financiamentos e construir o edifício". Pois é, difícil tem sido, no distrito de Leiria, criar indústrias, e com o

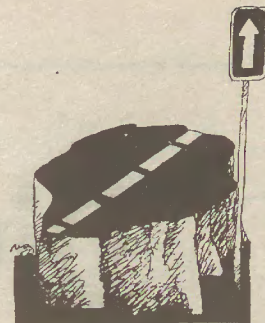


encerramento de empresas, como tem vindo a suceder por exemplo na Marinha Grande, o Centro ainda acaba em museu das que já houve e foram liquidadas.



À caça

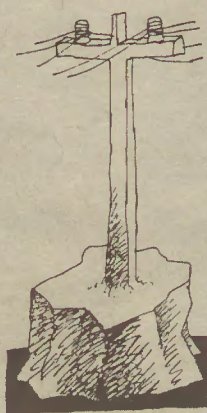
Segundo a imprensa, o presidente da distrital do Porto do PSD, Luís Filipe Menezes, enviou no dia 15 uma carta aos presidentes das secções do partido em todo o distrito, pedindo informações "muito urgentes" sobre os "traidores" que concorreram em listas de outros partidos ou que



tenham tomado atitudes "anti-PSD". Tal como Valentim Loureiro, também Menezes perfiha a ideia de que quem não trabalha deve deixar trabalhar os outros e ter a coragem de sair do partido. Infere-se, com a iniciativa da carta, que quem for menos "corajoso" será devidamente ajudado, sendo posto fora. Só para ajudar os amigos, claro, que no PSD a liberdade de acção continua a ser o primeiro mandamento a respeitar.

As contas

Jorge Lacão, dirigente do PS, está a precisar urgentemente que alguém lhe dê umas explicações de matemática. Então não é que o preclaro político descobriu, numa entrevista recente, que o PS não pode juntar-se com o PCP porque isso faz perder votos ao PS? Não estivesse o exemplo de Lisboa tão recente, tão vivo e tão crescentemente aumentado pelas últimas eleições, e a gente até era capaz de pensar que o homem sabe coisas que não conta a ninguém. O problema é que o mal-da matemática - parece ser comum lá para as bandas do Rato. Guterres anda a somar os votos de Lisboa às vitórias socialistas e Lacão a abatê-las à aliança com os comunistas. Entre o mais e o menos, não haverá quem explique o problema?



frases da Semana

«Dirijo a maior multinacional do planeta»

(João Havelange, Presidente da FIFA - «Público», 27.12.93)

«(Isaltino Moraes) é um homem dinâmico, empreendedor, que gosta de resolver problemas e sabe como resolvê-los.»

(José António Saraiva, «Política à Portuguesa» - «Expresso», 24.12.93)

«O título da minha autobiografia poderia ser "Uma Força da Natureza»

(Macário Correia - «Diário de Notícias», 19.12.93)

«O MRPP teve uma fase inicial vagamente espontaneísta, protagonizada por Arnaldo Matos, que depois se leniniza e absorve o maoísmo não na sua vertente europeia, radical, mas na marxista-leninista.»

(José Lamego, ex-maoísta, actual dirigente do PS - «Expresso», 24.12.93)

«Sejamos claros: enquanto a orientação política do PCP for o que é (quanto à União Europeia, às reformas necessárias para modernizar o "Estado providência"; à dimensão e ao papel do Estado na vida económica; à própria reforma do sistema político e eleitoral) não é viável a construção credível de uma plataforma política governativa que envolva o PCP.»

(Joaquim Pina Moura - «Público», 26.12.93)


«Neste sentido, a construção desta plataforma política para uma nova maioria tem de partir mais de grandes consensos positivos já verificados do que de pequenos consensos negativos arduamente negociados.»

(idem)

«Derrubar Cavaco é possível mas impõe o abandono de concepções idealistas. (...) É a excepcionalidade da empresa que aponta para que nenhuma garantia de segurança para atingir o objectivo em escopo deva ser de antemão arredada, incluindo o entendimento entre o PS e o PCP.»

(Sebastião Lima Rego - «Público», 26.12.93)




Agenda

Divirta-se entre amigos

em **Setúbal**

no Edifício
Arrábida

**Passagem
de Ano
do PCP**

em **Almada**

na
Cooperativa
Pragalense

**Réveillon
da JCP**

no **Porto**

no CT da
R. Barão de
S. Cosme

**Passagem
de Ano
da JCP**

na **Marinha
Grande**

no CT
do PCP

**Passagem
de Ano
do PCP**



No Fim do Ano - Ano Novo

Avante! Agenda Televisão

Quinta, 30

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.30 Culinária
11.55 Lotaria de Natal
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Forças Especiais
14.30 Viajante no Espaço
15.20 Os Marx no Farwest
17.20 Agora Escolha!
18.25 Caderno Diário
18.35 Roda da Sorte
19.15 Verão Quente
20.00 Telegiornal
20.30 RTP - Financial Times
20.50 O Dono do Mundo
21.40 Isto... Só Vídeo!
22.20 Ralos e Coriscos
23.15 Vietnam
00.10 24 Horas

- 11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.50 Safaris do Mundo
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto

Sexta, 31

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.00 Competições Fantásticas
14.35 Viajante no Tempo
15.25 Os Matucos do Ski
17.20 Agora Escolha!
18.25 Caderno Diário
18.40 Roda da Sorte
19.15 Verão Quente
20.00 Telegiornal
20.45 O Dono do Mundo
21.40 Nico d'Obra
22.10 Parabéns (Especial Passagem de Ano)
00.30 Grandes Batalhas em Camas Fofas

- 11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.45 Safaris do Mundo
13.35 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Os Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
15.45 Vida Animal

Sábado, 1

- 08.00 Programa Infantil e Juvenil
11.30 Luta Livre Americana
12.30 Isto é Magia
13.00 Notícias
13.10 Moviola - John Barry
13.35 Clube Disney
13.50 Circo Real
15.20 1941, Ano Louco em Hollywood
18.10 Beverly Hills 90210
19.00 Palavra Puxa Palavra
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.30 Mensagem de Ano Novo do Presidente da República
20.45 Os Simpsons
21.15 Despedida de Solteiro
21.20 Passa Por Mim no Rossio
21.25 Que Paródia de Férias II: Perigo, Americanos na Europa!

- 08.00 Caminhos
08.25 Novos Horizontes
09.00 Charlie Chaplin: Médias Metragens
11.00 Missa
12.00 Sequim de Ouro
13.30 Errie Indiana
14.00 Juntos pelas Nossas Crianças
15.45 TV2 Desporto
20.30 Concerto de Ano Novo
22.40 Aconteceu no Oeste
01.15 Principal Suspeito
02.10 O Herém de Arquimedes

- 09.00 Programa Infantil/Juvenil
10.30 Melody
12.30 Wrestling
13.30 Classe de 96
14.30 Bandolero
16.30 Raven
17.30 Grandes Planos
18.00 Portugal Radical
18.30 Melrose
19.30 Notícias
19.45 Sex Sells
20.45 Jornal da Noite
21.30 Encontros Imediatos
22.10 Modelo Europeu 1993
23.25 Experiências Hipnóticas de Andrew Newton
23.50 Último Jornal
00.15 Diários Eróticos
00.45 Boxe
01.25 MTV

- 09.50 Consultório do Accionista
10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
12.15 Missa
13.30 Animação
14.40 Circo Sobre o Gelo
15.50 Um Americano em Paris
17.35 Lauro António apresenta... «Walt Disney»
18.30 Circo da Mongília
19.30 Informação Quatro
20.05 Mensagem do Presidente da República
20.20 Prémios EMMY 1993
21.50 Cegos, Surdos e Loucos
23.20 Informação
23.40 Alice



Clara Joana é uma das intérpretes de «Oito Mulheres», uma peça de teatro, segunda à noite na TV 2

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.15 Meteorologia
14.20 Uma Casa na Pradaria
15.45 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Filme Português
21.50 Momentos de Glória
00.15 Encontro Inesquecível

Domingo, 2

- 08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.00 Sem Limites
12.30 Desenhos Animados
13.00 Notícias
13.10 Top +
14.00 Domingo Gordo
14.05 Marrés Vivas
15.10 Rencontro de Amor
18.45 Dinossauros
19.15 Câmara do Cândido
20.00 Jornal de Domingo
20.30 Casa Cheia
21.00 Despedida de Solteiro
22.05 Os Bonecos da Bola
22.35 O Ladrão Que Veio para Jantar

- 08.00 À Mão de Semear
08.25 Crime, Disse Ela
09.15 Regiões
10.30 70 x 7
11.00 Missa
11.50 Forum Musical
12.35 Realce
13.00 Musical: «U2 em Sidney»
15.00 TV2 Desporto
21.00 Ladrão e Melo
22.35 Desenhos Animados
22.50 Ideias com História
00.05 O Quarto de Buster Keaton

- 09.00 Programa Infantil/Juvenil
10.30 A Primeira Festa
12.30 Portugal Radical
13.00 Wrestling
13.30 O Prazer da Condução
13.55 National Geographic



«Canções do Século» por Lena d'Água, Helena Vieira e Rita Guerra: Fim de Ano na TV 2

- 14.30 Enquanto Há Guerra Há Esperança
18.30 Circo da Mongília
19.30 Informação Quatro
20.05 Mensagem do Presidente da República
20.20 Prémios EMMY 1993
21.50 Cegos, Surdos e Loucos
23.20 Informação
23.40 Alice

- 09.50 Consultório do Accionista
10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
11.35 Informação Religiosa
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
13.30 Forum
14.10 Queridos Inimigos
15.30 Rosa Baiana
15.45 Animação
17.00 Tio Carlos
18.30 O Novo Caminho das Estrelas
19.30 Informação Quatro
20.05 Na Mira do Crime
20.50 Duque de Ouros
22.00 Delinquente e Detective
23.45 Informação
00.05 Taggart

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Prisão Perpétua
23.50 Ponto Final
00.10 Desporto

Segunda, 3

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.00 Sarilhos Com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.30 Os Maus Encontros
17.05 Agora Escolha!
18.15 Marina, Marina
18.40 Isto é Magia
19.15 Verão Quente
20.00 Telegiornal
20.30 RTP - Financial Times
20.40 O Dono do Mundo
21.35 Concurso «Entre Famílias»
23.30 Querido John
23.55 24 Horas
00.35 Uma Mulher e o seu Passado

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.45 Q.E.D.
14.20 Sem Legendas
15.55 Crónicas Nômadeas
16.55 Infantil
17.55 Magazine: «Cinema»
18.25 Vamp
19.25 Um, Dó, Li, Tá
20.20 Ouvir e Falar
21.30 TV2 Jornal
22.15 Deus nos Acuda
23.15 Remate
23.25 Teatro: «Oito Mulheres»

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro



«Passa por mim no Rossio»: sábado à noite no Canal 1

- 18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
22.00 A Brincar, a Brincar
22.30 Terça à Noite
23.50 Amor e Guerra
00.20 A Bolsa e a Vida
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.10 Internacional Sic
01.40 MTV

- 17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Um Homem para a Eternidade
23.45 Ponto Final
00.05 Prova dos Nove
00.45 Hunter

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Prisão Perpétua
23.50 Ponto Final
00.10 Desporto

Terça, 4

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Sarilhos Com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.10 Um Casamento na Galileia
17.05 Agora Escolha!
18.15 Marina, Marina
18.45 Isto é Magia
19.15 Verão Quente
20.00 Telegiornal
20.40 O Dono do Mundo
21.40 Os Inocentes
22.10 Nico d'Obra
22.40 Lace
23.30 Programa de Informação
00.30 24 Horas
01.10 Ameaça Total

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.45 Q.E.D.
14.20 Sem Legendas
15.55 Para Além do Ano 2000
16.55 Infantil
17.55 Magazine: «Teatro»
18.25 Vamp
19.25 Um, Dó, Li, Tá
20.15 Rotações
20.30 Os Trintões
21.20 Financial Times
21.30 TV2 Jornal
22.15 Deus Nos Acuda
23.15 Remate
23.25 Sequestrado em Beirute

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Ora Bolas, Marina
22.00 A Brincar, a Brincar
22.30 Terça à Noite
23.50 Amor e Guerra
00.20 A Bolsa e a Vida
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.10 Internacional Sic
01.40 MTV

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.25 Consultório do Accionista
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação

«Passa por mim no Rossio»: sábado à noite no Canal 1

- 17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Um Homem para a Eternidade
23.45 Ponto Final
00.05 Prova dos Nove
00.45 Hunter

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Prisão Perpétua
23.50 Ponto Final
00.10 Desporto

Quarta, 5

- 08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.05 Sarilhos Com Elas
14.30 Ponto por Ponto
15.25 Clamor de Vingança
17.05 Agora Escolha!
18.15 Marina, Marina
18.45 Isto é Magia
19.15 Verão Quente
20.00 Telegiornal
20.40 Vamos Jogar no Totobola
20.55 O Dono do Mundo
21.50 Sozinhos em Casa
22.50 O Caçador
01.15 24 Horas
01.55 O Despertar dos Inocentes

- 12.00 Infantil
12.55 Intensamente Maria
13.35 Flash Moda
14.20 Universidade Aberta
14.50 Sem Legendas
16.00 O Oitavo Dia
16.55 Infantil
17.55 Magazine «Artes Visuais»
18.25 Vamp
19.25 Um, Dó, Li, Tá
20.15 Igreja Católica em Portugal
21.20 RTP/Financial Times
21.30 TV2 Jornal
22.15 Deus Nos Acuda
23.15 Remate
23.25 Ideias com História
00.30 Sarajevo - Um Tributo à Sobrevivência

- 16.30 Notícias
16.40 Assuntos de Família
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Moda Lisboa 93
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.40 Falas Tu ou Falo Eu
22.40 O Pecado Mora Aqui
23.40 Histórias Inéditas do FBI
00.10 Último Jornal
00.35 Os Donos da Bola
00.45 Os Filhos do Dragão
01.45 MTV

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.20 Consultório do Accionista

«Passa por mim no Rossio»: sábado à noite no Canal 1

- 17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.55 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Um Homem para a Eternidade
23.45 Ponto Final
00.05 Prova dos Nove
00.45 Hunter

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.35 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 California Dreams
21.40 Prisão Perpétua
23.50 Ponto Final
00.10 Desporto



A festa de Fim de Ano que a Câmara promove no Terreiro do Paço: também na SIC em directo

- 16.00 Força Bruta
16.50 As Aventuras de He Man
17.05 Temas e Teimas
18.00 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Magazine «Viver com Saúde»
20.20 Futebol: Boavista-F.C.Porto
21.20 Desenhos Animados
22.30 TV2 Jornal
23.00 RTP - Financial Times
23.15 Remate
24.00 Deus nos Acuda
00.55 O Vigilante da Estrada

- 16.40 As Aventuras de He Man
17.10 Temas e Teimas
17.55 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Outras Margens
20.25 José Rodrigues, Construtores de Histórias
20.25 Artes e Letras: «Toni Morrison»
21.15 Desenhos Animados
21.25 Deus nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.15 Remate
23.25 Canções do Século

- 11.00 IBM: Virtuoso Askenazy
12.00 Tracey Ullman
13.00 Retrato de Mulher
14.00 Portugal Radical
14.15 O Mestre Chantagista
16.00 Notícias
16.10 Wrestling
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.40 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.40 Minas e Armadilhas
22.20 Casos de Polícia
23.20 Cuidado com as Aparências
23.55 Último Jornal
00.20 Os Donos da Bola
00.30 Os Filhos do Dragão
01.20 MTV

- 11.00 IBM: Virtuoso Isaac Stern
12.00 Tracey Ullman
13.00 Retrato de Mulher
14.00 Portugal Radical
14.15 Sayonara
16.00 Notícias
16.10 Wrestling
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.40 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Rugrats
22.10 Chuva de Estrelas
23.10 Especial Fim de Ano
01.00 Prova de Bala

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.20 Rica Saúde
15.40 Consultório do Accionista
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
18.30 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 Parker Lewis
21.40 Telemotor
22.10 Nada em Comum
00.15 Ponto Final
00.30 Meteorologia

- 08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório do Accionista
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.15 Meteorologia
14.20 Uma Casa na Pradaria
15.45 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Filme Português
21.50 Momentos de Glória
00.15 Encontro Inesquecível

Filmes na TV

QUINTA, 30

Sherlock Holmes - O Mestre Chantagista

«Sherlock Holmes - The Master Blackmailer» (Gr.Br./1993). Real.: Peter Hammond. Int.: Jeremy Brett, Edward Hardwicke. Cor, 100 min. *Telefilme*. (14.15, SIC)

Os Marx no Farwest

«Go West» (EUA/1940). Real.: Edward Buzzell. Int.: Groucho Marx, Chico Marx, Harpo Marx, John Carroll, Diana Lewis. P/B, 79 min. *Ver Destaque*. (15.25, Canal 1)

Nada em Comum

«Nothing in Common» (EUA/1986). Real.: Gary Marshall. Int.: Tom Hanks, Jackie Gleason, Eva Marie Saint, Hector Elizondo. Cor, 118 min. *Drama*. (22.10, Quatro)

SEXTA, 31

Sayonara

«Sayonara» (EUA/1957). Real.: Joshua Logan. Int.: Marlon Brando, Ricardo Montalban, Miko Taka, Red Buttons, Martha Scott. Cor, 147 min. *Ver Destaque*. (14.15, SIC)

Os Malucos do Ski

«Ski School» (Can./1991). Real.: Damian Lee. Int.: Dean Cameron, Tom Breznahan, Patrick Labyorteaux, Mark Thomas Miller. Cor, 86 min. *Comédia*. (15.25, Canal 1)

Encontro Inesquecível

«Blind Date» (EUA/1987). Real.: Blake Edwards. Int.: Kim Basinger, Bruce Willis, John Larroquette, William Daniels. Cor, 93 min. *Comédia*. (00.15, Quatro)

Grandes Batalhas em Camas Fofas

«Soft Beds, Hard Battles» / «Undercovers Hero» (Gr.Br./1973). Real.: Roy Boulting. Int.: Peter Sellers, Lila Kedrova, Curt Jurgens, Beatrice Romand. Cor, 91 min. *Ver Destaque*. (00.30, Canal 1)

SÁBADO, 1

Charlie Chaplin

«Work» / «A Night in the Show» / «One A. M.» / «Mable and the Wheel» (EUA/1914/1916). Real.: Mack Sennett. Int.: Charlie Chaplin, Chester Conklin, Harry McCoy, Mabel Normand. P/B, 101 min. *Ver Destaque*. (09.00, TV 2)

Melody

«Melody» (Gr.Br./1971). Real.: Waris Hussein. Int.: Jack Wild, Mark Lester, Tracy Hyde, Sheila Steafel, Kate Williams. Cor, 103 min. *Ver Destaque*. (10.30, SIC)

Bandolero!

«Bandolero!» (EUA/1968). Real.: Andrew V. McLaglen. Int.: James Stewart, Dean Martin, Raquel Welch, Georges Kennedy. Cor, 106 min. *Ver Destaque*. (14.30, SIC)

1941 - Ano Louco Em Hollywood

«1941» (EUA/1979). Real.: Steven Spielberg. Int.: Dan Akyroyd, Ned Beatty, John Belushi, Lorraine Gary, Murray Hamilton, Christopher Lee, Toshiro Mifune, Robert Stack. Cor, 114 min. *Ver Destaque*. (16.20, Canal 1)

Um Americano em Paris

«An American in Paris» (EUA/1951). Real.: Vincent Minnelli. Int.: Gene Kelly, Leslie Caron, Oscar Levant, Georges Guétary. Cor, 114 min. *Ver Destaque*. (15.50, Quatro)

Cegos, Surdos e Loucos

«See No Evil, Hear No Evil» (EUA/1989). Real.: Arthur Hiller. Int.: Richard Pryor, Gene Wilder, Joan Severance, Kevin Spacey. Cor, 103 min. *Comédia*. (21.50, Quatro)

Aconteceu no Oeste

«C'era Uma Volta Il West» (It./1986). Real.: Sergio Leone. Int.: Henry Fonda, Claudia Cardinale, Jason Robards, Charles Bronson. Cor, 153 min. *Ver Destaque*. (22.40, TV 2)

Alice

«Alice» (EUA/1990). Real.: Woody Allen. Int.: Alec Baldwin, Judy Davis, William Hurt, Mia Farrow, Cybill Shepherd, Joe Mantegna. Cor, 106 min. *Ver Destaque*. (23.40, Quatro)

O Harém de Arquimedes

«Le Thé au Harem d' Archimède» (Fr./1985). Real.: Mehdi Charef. Int.: Rémi Martin, Kader Boukhabed, Laure Duthilleul. Cor, 107 min. *Ver Destaque*. (02.10, TV 2)

Que Paródia de Férias II: Perigo, Americanos na Europa!

«National Lampoon's European Vacation» (EUA/1985). Real.: Amy Heckerling. Int.: Chevy Chase, Beverly D' Angelo, Jason Lively. Cor, 91 min. *Comédia*. (01.25, Canal 1)

DOMINGO, 2

A Primeira Festa

«La Boum» (Fr./1980). Real.: Claude Pinoteau. Int.: Claude Brasseur, Brigitte Fossey, Sophie Marce-

au, Denise Grey. Cor, 110 min. *Comédia Dramática*. (10.30, SIC)

Reencontro de Amor

«Falling in Love Again» (EUA/1980). Real.: Steven Paul. Int.: Elliot Gould, Susannah York, Stuart Paul, Michelle Pfeiffer, Kay Ballard, Robert Hackman. Cor, 95 min. *Comédia Romântica*. (a partir das 14.00, Canal 1)

Enquanto Há Guerra Há Esperança

«Finché C'è Guerra C'è Speranza» (It./1974). Real.: Alberto Sordi. Int.: Alberto Sordi, Silvia Monti. Cor, 112 min. *Comédia*. (14.30, SIC)

Ladrão e Meio

«Breaking In» (EUA/1989). Real.: Bill Forsyth. Int.: Burt Reynolds, Casey Siemaszko, Sheila Kelley, Lorraine Toussaint. Cor, 90 min. *Comédia*. (21.00, TV 2)

Comando

«Commando» (EUA/1985). Real.: Mark L. Lester. Int.: Arnold Schwarzenegger, Rae Dawn Chong, Dan Hedaya, Vernon Wells. Cor, 88 min. *Ação*. (21.30, SIC)

Delinquente e Detective

«Burglar» (EUA/1987). Real.: Hugh Wilson. Int.: Whoopi Goldberg, Bob Goldthwait, G. W. Bailey, James Handy, Ann DeSalvo. Cor, 102 min. *Comédia*. (22.00, Quatro)

O Ladrão Que Veio Para Jantar

«The Thief Who Came to Dinner» (EUA/1973). Real.: Bud Yorkin. Int.: Ryan O'Neal, Jacqueline Bisset, Warren Oates. Cor, 101 min. *Comédia*. (22.35, Canal 1)

O Quarto de Buster Keaton

«Buster's Bedroom» (Al./Can./Port./1991). Real.: Rebecca Horn. Int.: Donald Sutherland, Geraldine Chaplin, Valentine Cortese. Cor, 100 min. *Ver Destaque*. (00.05, TV 2)

SEGUNDA, 3

Os Maus Encontros

«Les Mauvais Rencontres» (Fr./1955). Real.: Alexandre Astruc. Int.: Jean-Claude Pascal, Anouk Aimée, Gaby Sylvia, Philippe Lemaire, Claude Dauphin, Yves Robert, Michel Piccoli. P/B, 80 min. *Ver Destaque*. (15.30, Canal 1)

SOS, Vizinhos ao Ataque

«The 'burbs» (EUA/1989). Real.: Joe Dante. Int.: Tom Hanks, Bruce Dern, Carrie Fisher, Rick Ducommun, Corey Feldman. Cor, 103. *Comédia*. (21.30, SIC)

Prisão Perpétua

«Doing Life» (EUA/1986). Real.: Gene Reynolds. Int.: Tony Danza, John De Vries, Alvin Eostein, Mitchell Jason, Lisa Langlois, Rocco Sisto. Cor, 100 min. *Ver Destaque*. (21.40, Quatro)

Uma Mulher e o seu Passado

«Woman With a Past» (EUA/1992). Real.: Mimi Leder. Int.: Pamela Reed, Dwight Schultz, Richard Lineback, Carrie Snodgrass. Cor, 95 min. *Telefilme*. (00.35, Canal 1)

TERÇA, 4

Casamento na Galileia

«Noces en Galilée» (Fr./Bélg./1987). Real.: Michel Kleifi. Int.: Ali Mohammed El-Akili, Buchra Karaman, Makram Kohuri. Cor, 112 min. *Ver Destaque*. (15.10, Canal 1)

Ameaça Total

«Time bomb» / «Nameless» (EUA/1990). Real.: Avi Nesher. Int.: Michael Biehn, Tracy Scopins, Robert Culp, Raymond Saint-Jacques. Cor, 87 min. *Thriller político*. (01.10, Canal 1)

Um Homem para a Eternidade

«A Man For All Seasons» (Gr.Br./1966). Real.: Fred Zinnemann. Int.: Paul Scofield, Wendy Hiller, Leo McKern, Robert Shaw, Orson Wells, Susannah York. Cor, 117 min. *Ver Destaque*. (21.40, Quatro)

Sequestrado em Beirute

«Hors La Vie» (Fr./It./Bélg./1991). Real.: Maroun Bagdadi. Int.: Hippolyte Girardot, Rafic Ali Ahmad, Hussein Sbeity, Habib Hammoud. Cor, 94 min. *Ver Destaque*. (23.25, TV 2)

QUARTA, 5

Clamor de Vingança

«Windom's Way» (Gr.Br./1957). Real.: Ronald Neame. Int.: Peter Finch, Mary Urem, Natasha Parry, Robert Fleming, Michael Hordern. Cor, 104 min. *Drama*. (15.25, Canal 1)

O Caçador

«The Deer Hunter» (EUA/1978). Real.: Michael Cimino. Int.: Robert De Niro, John Cazale, John Savage, Christopher Walken, Meryl Streep, George Dzundza, Chuck Aspegren. Cor, 175 min. *Ver Destaque*. (22.20, Canal 1)
Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

— Por isto e por aquilo... —

Os Marx no Farwest

(Quinta, 15.25, Canal 1)

Depois de terem feito as suas tropelias na ópera, nas corridas de cavalos e no circo (gozando, ao mesmo tempo, com os vários géneros que iam visitando), aqui temos os Irmãos Marx agora deslocando-se em direcção ao Oeste transformados em pesquisadores de ouro e envolvendo-se em ferozes disputas de terras. Do filme ficaram, para além da paródia desbragada aos clichés do western, uma espectacular fuga final em comboio, absolutamente delirante, em que os Marx ainda aproveitam para fazer inúmeras citações de John Ford ou de Buster Keaton. A não perder.

Sayonara

(Sexta, 14.15, SIC)

Fortíssimo melodrama, com acção desenrolando-se durante a Guerra da Coreia e com Marlon Brando no papel de um oficial da aviação norte-americana a apaixonar-se perdidamente por uma japonesa - tudo tornado ainda mais intenso e dramático pela proibição dos casamentos inter-raciais no Japão. Mas o Óscar para o Melhor Actor iria, nesse ano, para o «secundário» desta fita, o excelente Red Buttons, também ele envolvido num romancé semelhante. O conhecido tema musical que dá ainda mais emoção a isto tudo é de Irving Berlin. Está tudo dito.

Grandes Batalhas em Camas Fofas

(Sexta, 00.30, Canal 1)

O destaque aqui fica, apenas para avisar os incautos (justamente atraídos pelos talentos histriónicos de Peter Sellers) de que esta comédia, com uma história que se desenrola durante a II Guerra Mundial - e em que o actor desempenha seis papéis, entre os quais o de Hitler -, é um disparate total, de insuportável mau gosto, pelo que não vale sequer a pena perder o tempo a ver os primeiros minutos.

Charlie Chaplin

(Sábado, 09.00, TV 2)

Rodados entre 1914 e 1916, os quatro pequenos filmes que a TV 2 hoje transmite com o título genérico *Charlie Chaplin* são algumas das primeiras preciosas «comédias mudas» do grande mestre nos deixou. Na primeira, «Work», Charlot trabalha como ajudante de um pintor e colador de papel de parede, mas os sarilhos em que se envolve ao arrastar a asa a uma empregada doméstica transformam a sua presença numa fonte de problemas e sarilhos. Na segunda, «A Night in the Show», Charlot vai a um espectáculo musical, mas os problemas em que se envolve não são menores, já que chega bêbado ao teatro (Chaplin tem, aqui, dois excelentes papéis). O álcool ataca também o nosso Charlot no terceiro episódio, «One A. M.», com cenas hilariantes quando ele tenta entrar no quarto onde vive (desta vez, Chaplin está sozinho frente à câmara). O último pequeno filme, «Mabel at the Wheel» (o único a ser realizado, não por Chaplin mas pelo grande Mack Sennett) tem a actriz Mabel Normand a acompanhá-lo numa louca comédia que gira à volta de uma corrida de automóveis. É indispensável levantar cedo para ver estas preciosidades.

Melody

(Sábado, 10.30, SIC)

Típico filme sobre os problemas dos adolescentes, *Melody* conta a história da amizade entre dois jovens (excelentemente interpretados por Mark Lester e Jack Wild) e aborda as difíceis relações de ambos face às convenções do mundo mais adulto, particularmente quando um deles se apaixonou por uma rapariga com quem pretende casar para não mais se separarem. Contado com grande sensibilidade (não isenta de delicada ironia) o filme foi um êxito tremendo e tem, ainda, na banda sonora, a música dos *Bee Gees*. Para a malta nova.

Bandolero!

(Sábado, 14.30, SIC)

Não é um western absolutamente indispensável, mas possui a habitual espectacularidade das filmagens em grandes espaços livres. Espaços por onde evoluem James Stewart e Dean Martin, nas figuras de dois pistoleiros chefes de um bando em fuga à Justiça para além da fronteira do México e que levam consigo, como refém, nada menos do que Raquel Welch. O surgimento dos índios (um «problema» suplementar a juntar-se aos já mencionados) vem provocar uma batalha assaz violenta - o que cai sempre bem no género.

1941 - Ano Louco Em Hollywood

(Sábado, 16.20, Canal 1)

Já transmitido pela Quatro em Fevereiro passado, o Canal 1 apresenta-o agora, em época de reposições. Esta comédia absolutamente louca (tal como o título sugere) insere-se no habitual «sentido de oportunidade» de Steven Spielberg e destina-se a agradar a todos. Partindo de um argumento escrito por Robert Zemeckis, o realizador encena com o exacerbado «virtuosismo» a que nos habituou e alguns excelentes momentos de cinema uma verdadeira paródia centrada num imaginário ambiente de pânico que se apodera de Los Angeles no seguimento do ataque japonês a Pearl Harbour durante a II Guerra Mundial. Não é dos melhores exemplares «spielbergianos», mas é mais do que indicado para divertir.

Um Americano em Paris

(Sábado, 15.50, Quatro)

Aqui estamos perante uma das obras de culto do cinema musical norte-americano, que não é de mais rever pela enésima vez. Como por vezes acontece, mesmo nos mais bem acabados exemplares do género, a história é um tanto canhestra (os cambiantes inverosímeis que rodeiam a paixão que um artista de music-hall e um pintor americano nutrem pela mesma mulher, sem o saberem, são mais do que forçados). Mas o excelente bom gosto da produção, a música de George Gershwin e os bailados congeniados por Gene Kelly (e maravilhosamente dançados por ele na companhia de Leslie Caron) tornam a visão deste filme um prazer sempre renovado.



Aconteceu no Oeste

(Sábado, 22.40, TV 2)

Não deixa de ser interessante constatar, ao rever este filme, que o seu argumento se tornou dos mais «clássicos» da história do western (um enredo que gira à volta de um «ponto de água» que é o centro das atenções para o qual convergem cinco personagens - todas, por motivos diversos, a ele ligadas). O que é surpreendente é ter ele nascido de um cineasta, não americano, mas... italiano. Trata-se, como é natural, de Sergio Leone, que nos acostumámos a etiquetar de «especialista» do western-spaghetti mas que aqui encena (ou não lhe estivesse na massa do sangue...) um autêntico western-Opera. Como sempre impressionantes na sua cinematografia são, sem dúvida, o tempo cinematográfico que Leone cria nas sequências que filma (como que dando ainda mais força à história e à caracterização psicológica das personagens envolvidas) ou, ainda, em geral, o hieratismo dos seus intérpretes (que o realizador vai de início buscar, em grande parte, à série B norte americana ou à inesgotável galeria dos eternos «secundários» de Hollywood). Mas, neste filme, Leone tem à sua disposição nada menos do que Henry Fonda, Jason Robards, Charles Bronson, Claudia Cardinale ou, ainda, nas figuras dos implacáveis «matadores», dois desses espantosos «secundários», como são Jack Elam (aqui, na cena de antologia que é a sua tensa e demorada relação conflituosa com... a mosca que o importuna) ou Woody Strode - o que garante um autêntico espectáculo de representação. De referir, ainda, algumas sequências ou planos que constituem como que citações da obra de John Ford ou Peckinpah, sendo o final do filme (na feliz referência de Jean Tulard) uma clara evocação deste último: o Oeste está morto; o caminho-de-ferro introduz a civilização; o cowboy deixa o seu lugar ao operário explorado. Claro que poderíamos também falar do estudado enquadramento dos planos por que prima Leone. Mas não há bela sem senão: segundo foi já claro nos spots que anunciam a transmissão do filme, esses planos são completamente assassinados pelo famigerado pan & scan. Se o espectador não agir, pelos vistos de nada valem os protestos da crítica em relação aos operadores de televisão...

Claro que poderíamos também falar do estudado enquadramento dos planos por que prima Leone. Mas não há bela sem senão: segundo foi já claro nos spots que anunciam a transmissão do filme, esses planos são completamente assassinados pelo famigerado pan & scan. Se o espectador não agir, pelos vistos de nada valem os protestos da crítica em relação aos operadores de televisão...

Alice

(Sábado, 23.40, Quatro)

Casada há dezasseis anos com um conhecido homem de negócios, Alice está farta das frivolidades que ocupam o seu dia-a-dia. E eis que começa a imaginar o que seriam as suas relações amorosas com um homem divorciado, que conhece, certamente bem mais interessantes do que a vida artificial a que o casamento a levou. É, claro, um filme de Woody Allen - ainda por cima, um dos que mais êxito colheu nos últimos anos junto do público - com sequências verdadeiramente divertidas e servidas pela participação de um naipe de intérpretes de excepção.

O Harém de Arquimedes

(Sábado, 02.10, TV 2)

Crónica urbana desenrolando-se nos meios miseráveis de um bairro periférico de Paris, *O Harém de Arquimedes* é um filme realizado, em França, por um cineasta argelino - Mehdi Charef - que soube pôr de pé uma obra que, constituindo a denúncia do racismo, desenvolve a história da amizade sem preconceitos entre dois adolescentes marginais, um francês e um árabe, ambos vítimas de um ambiente hostil. Um primeiro filme, caloroso, de um realizador que adapta ao cinema o próprio romance homónimo de que é autor e que, com esta película, alcançou em 1985 o Prémio Jean Vigo.

O Quarto de Buster Keaton

(Domingo, 00.05, TV 2)

Filmado em grande parte no nosso país, este filme é uma co-produção entre o Canadá, a Alemanha e Portugal e conta a história de um asilo de doentes mentais dirigido por eles próprios. As referências apontam-lhe o principal interesse de constituir um estudo implacável



Charlot, ajudante de pintor, em «Work», no Canal 1

Uma cena do último bailado de «Um Americano em Paris», de Vincent Minnelli

das circunstâncias em que as personagens evoluem, destacando-se entre os seus principais intérpretes Donald Sutherland e Geraldine Chaplin. A fotografia, superlativa, é de mestre Sven Nykvist. Mas o spot de promoção deixou-nos de pé atrás...

Os Maus Encontros

(Segunda, 15.30, Canal 1)

«Crítico o excesso e a superabundância dos movimentos da câmara, os enquadramentos demasiado rebuscados, os bonitinhos. Há, em tudo isto, qualquer coisa de envelhecido e de pueril.» Foi, assim, nestes termos autocríticos, que o próprio Alexandre Astruc deu conta à revista *Cinéma 62* da sua decepção perante o resultado final de *Maus Encontros*, um filme falhado que realizou em 1955 tendo como pano de fundo a história de uma jovem jornalista que vagueia, desorientada, por entre uma série de maus encontros. Um filme que, para além das próprias reservas do seu autor, padece da narrativa excessivamente literária contada em voz off, mas que já foi transmitido pelo mesmo Canal 1 há apenas quatro meses...

Prisão Perpétua

(Segunda, 21.40, Quatro)

Embora sendo um telefilme, as referências apontam-lhe qualidades acima da média. A história, baseada, aliás, em factos da vida real, promete: trata-se de uma abordagem intensamente dramática e violenta do quotidiano de uma prisão de máxima segurança de Nova Iorque, da qual emerge a figura de um prisioneiro - Jerry Rosenberg - que escapa à cadeia eléctrica porque decide ocupar o seu tempo aprofundando os seus estudos, tornando-se o primeiro «condenado à morte» norte-americano a formar-se em Direito, e desempenhando um papel fundamental como porta-voz nomeado pelos presos durante uma revolta.

Casamento na Galileia

(Terça, 15.10, Canal 1)

Tudo se passa na Galileia à volta do casamento de um jovem palestino, para o qual o seu pai, autarca da localidade, tem de pedir autorização às autoridades israelitas. Filme extremamente recheado de simbolismos, *Casamento na Galileia* é considerado pelas principais referências como uma obra intensamente bela (apelando à paz e reconciliação entre judeus e palestinos) e talvez a que melhor transmite as terríveis contradições do conflito israelo-árabe, sendo entretanto muito mais do que apenas um filme «político». A confirmar.

Um Homem para a Eternidade

(Terça, 21.40, Quatro)

Membro do concelho do rei, Thomas More opõe-se a Henrique VIII - que pretende obter o divórcio do seu casamento com Catarina de Aragão para desposar Ana Bolena - chegando a recusar o pedido do cardeal Wolsey para interceder no mesmo sentido junto do Papa, valendo-lhe essa atitude (considerada alta traição ao reino) a morte pela decapitação. Um filme realizado com grande meios e maturidade cinematográfica - embora padecendo de alguma teatralidade e excesso de duração - pelo realizador americano, de origem austríaca, Fred Zinnemann, a partir do romance homónimo de Robert Bolt, e que traz a primeira plano a contradição entre a consciência dos valores assumidos e o poder absoluto.

Sequestrado em Beirute

(Terça, 23.25, TV 2)

Tendo como pano de fundo a trágica realidade libanesa, o filme constitui a adaptação de um livro com o mesmo título escrito por Roger Auque e foi realizado pelo realizador libanês Maroun Bagdadi, sendo inédito entre nós. Segundo as referências, o cerne da história é a reconstrução do cativo do fotógrafo francês Patrick Perrault sequestrado por um grupo árabe em Beirute durante a guerra do Líbano e é, ao mesmo tempo, uma reflexão impressionantemente realista sobre o brutal quotidiano de um povo sujeito a um conflito tremendo e alucinante. Prémio do Júri do Festival de Cannes de 1991.

O Caçador

(Quarta, 22.20, Canal 1)

Crítico por uns por dar uma visão da Guerra do Vietname, em que a alegoria e o simbolismo funcionam como elementos que se substituem à realidade; e exaltado por outros porque, não sendo alegadamente «um filme sobre o Vietname» ou «sequer uma reflexão sobre a guerra», se trataria de uma obra em que «o que define e faz evoluir as personagens é a experiência do conflito e não o conflito em si» (como o faz o *Boletim de Programas da RTP*) - *O Caçador* é um filme nitidamente populista, destinado a desviar o espectador das questões centrais que estão na raiz do interessantíssimo tema que aborda, para privilegiar o pressuposto de que a experiência traumática

ca do Vietname mais não foi do que uma empresa que (exclusivamente pelos seus resultados desastrosos) envergonhou o povo americano. Ou seja, não por se tratar de uma brutal e desumana guerra de agressão e ingerência num país terceiro soberano, mas porque os ressentimentos que nele se expressam face ao seu desfecho final (paradigmáticamente expressos na sequência do suicídio pela «roleta russa» de uma das personagens - Nick - imediatamente associado às «imagens de actualidades» da apressada partida de Saigão) constituem o escamotear das razões profundas da própria derrota (ou da vitória do outro), para propiciar ao espectador, sobretudo o espectador americano, uma forma afinal nada ambígua de renovar a coesão patriótica e o ferido orgulho no inabalável poderio nacional - o que, em última análise, lhe confere um carácter reaccionário.

Cinema

	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Aladino	-	-	★★★★
B Idade da Inocência	-	-	★★★★★
C Um Mundo Perfeito	-	-	★★★★
D Parque Jurássico	★★★	-	★★★★

Classificação de ★ a ★★★★★

- A - Real. John Musker e Ron Clements - *Alfa/2 e Mundial/1* (14.15, 16.45, 19.15, 21.45); *Amoreiras/2* (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30); *Fonte Nova/2* (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); *King Triplex/1* (13.00, 14.45, 16.30, 18.30, 20.30, 22.15); *Quarteto/4* (14.30, 16.15, 18.00, 19.45); *S. Jorge/2* (14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00) - Lisboa.
- B - Real. Martin Scorsese - *Monumental/3* (13.15, 16.00, 18.45, 21.30, 00.15); *Quarteto/3* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) - Lisboa.
- C - Real. Clint Eastwood - *Alfa Clube* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); *Amoreiras/6* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); *Fonte Nova/1* (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) - Lisboa.
- D - Real. Steven Spielberg - *Amoreiras/5* (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) - Lisboa.

Teatro

AUDITÓRIO DE BENFICA

Lisboa, Junta de Freguesia de Benfica, Av. Gomes Pereira, 17. Tel. 7154565. 6ª e sáb. às 21.30, dom. às 18.00. **FRAGMENTOS KAFKIANOS**, adaptação de textos de Kafka, encenação de Carlos Rocha e Ione de Medeiros, pela Companhia Absurda.

CLUBE ESTEFÂNIA

Lisboa, R. Alexandre Braga, 24-A. Tel. 542249. De 3ª a sáb. às 22.00, dom. às 17.00. **FREI LUÍS DE SOUSA**, de Almeida Garrett, encenação de José António Pires.

TEATRO ABERTO

Lisboa, Praça de Espanha. Tel. 7970969. **O TEMPO E O QUARTO**, de Botho Strauss, encenação de João Lourenço.

TEATRO CINEARTE

Lisboa, Lg. de Santos, 2. Tel. 3965360. De 4ª a sáb. às 21.45, dom. às 17.00. **RINOCERONTE**, de Ionesco, encenação de Helder Costa.

TEATRO DA GRAÇA

Lisboa, Trav. S. Vicente, 11. Tel. 8755626. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. **O CONSTRUTOR**, de Ibsen, encenação de Graça Corêa.

TEATRO MALAPOSTA

Loures, R. de Angola (Olival Basto). Tel. 9373299. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **A ESCOLA DAS MULHERES**, de Molière, encenação de José Peixoto.

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Almada. Tel. 2752175. De 3ª a dom. às 21.30, dom. às 16.00. **DIAS FELIZES**, de Beckett, encenação de Julio Castronuovo, pela Companhia de Teatro de Almada.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

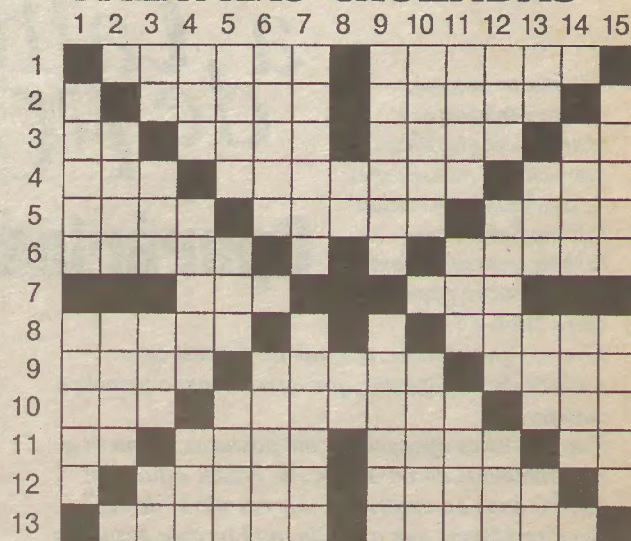
Lisboa, Rossio. Tel. 3422210. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **O LEQUE DE LADY WINDERMERE**, de Oscar Wilde, encenação de Carlos Avilez.

Tempo

Períodos de chuva fraca, especialmente nas regiões do Norte e Centro. Vento moderado de Sudoeste. Pequena descida nos valores da temperatura.



PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Envergonhada (fig.); desonesto. 2 — Moradia nobre; simples. 3 — Atmosfera; adição; fileiras; isolado. 4 — Lírio; que têm muitos ramos; tinta de pintar. 5 — Nome de homem; grave; saco de viagem. 6 — Esmagas; pequeno povoado. 7 — Emissão de voz; cintura. 8 — Osso par da face; planta rasteira, cultivada em hortas e jardins. 9 — Cóleras; arrieiro acolchoado que se cinge ao lombo das cavalgadas para que nele se assente o cavaleiro (pl.); cantiga. 10 — Laços apertados; relativos ou pertencentes à antiga Roma; áqueles. 11 — Carta de jogar; alforge; aves corredoras; nota musical. 12 — Ramificação; caules. 13 — Dirigira-se (fig.); guarnecer de arame.

VERTICAIS: 1 — Temperatura elevada; galerias subterrâneas. 2 — Poema; argolas. 3 — Ósmio (s.q.); tempero; pêlos de certos animais; Ruténio (s.q.). 4 — Letra grega (pl.); cheias; o tio americano. 5 — Estímulo; ribeira portuguesa; ramada. 6 — Mulheres nobres; esmurrar. 7 — Ferro distendido (pl.); fécula alimentícia, feita de farinha de arroz e que serve para caldos e sopas. 8 — Suf. de agente; nota musical. 9 — Concubinato; pena para escrever. 10 — Fruto do meloeiro; adicionar. 11 — Discursas; filtra; compartimento. 12 — Pano de arrás; dinheiro (pop.); ruído. 13 — Arsénio (s.q.); cabelos brancos; altar cristão; apelido. 14 — Planta do pé; lavra. 15 — Ciência dos bons costumes; lugar aprazível (fig.)

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 — Fortuna; riqueza. 2 — Só; nó; Ru; vê. 3 — Lua; vãs; cla. 4 — Ás; bisem; ar. 5 — Namorada; âmbito. 6 — Avisava; criavam. 7 — Tal; lagares; olé. 8 — Inodoro; assinas. 9 — Caruso; aviareis. 10 — Os; seroa; aa. 11 — Fio; Iis; Ana. 12 — Fedro; avião. 13 — Razoado; atearam.

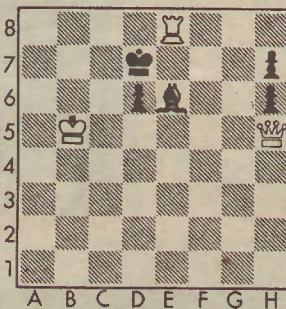
VERTICAIS: 1 — Fanáticos. 2 — Os; savanas; fá. 3 — Rol; Milor; Fez. 4 — Usos; duvido. 5 — Una; ralos; ora. 6 — Nô; bávaros; od. 7 — Vidago; el. 8 — Casa; ária. 9 — Sé; cravos. 10 — Ir; maresia; At. 11 — Que; missa; avé. 12 — Loba; ironia; 13 — Eva; Ivone; aar. 14 — Zé; atalaia; oa. 15 — Promessas.

XADREZ

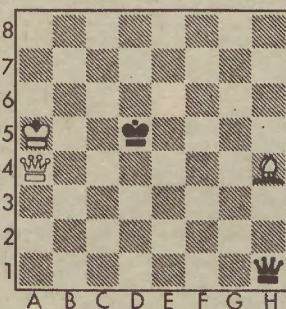
CDXLIII - 30 de Dezembro de 1993

PROPOSIÇÃO Nº 1993X103
Por: VITALY HALBERSTADT
1º Prémio São Paulo, 1955/56

Pr.: [5]: P5d6, Pr6-h7-Be6-Rd7
Br.: [3]: T68-Dh5-R1-5



Mate em 5 lances
PROPOSIÇÃO Nº 1993X104
Por: MIROSLAV HAVEL
1º Prémio Schach in URSS, 1926
Pr.: [2]: Dh1-Rd5
Br.: [3]: Bh4-Da4-Ra5



Branças jogam e ganham
SOLUÇÕES DO Nº CDXLIII

Nº 1993X103 [V.II.]: 1. Ra5!, Bd5; 2. Ra6, Bc4+; 3. R1-6, Bd5; 4. Tf8, R6; 5. D6+; 6. Dg7+, R6; 3. D6+Rf5; 4. Df6+, Rg4; 5. Dg5+ e ganha.
Se: 1. ..., Rç4; 2. Db5+, Rd4; 3. Bf2+, Rç3; 4. B61+!, Rd4; 5. Db2+, Rç5; 6. Db6+, Rç4; 7. Db4+, Rd3; 8. Dç3+, R6; 9. Dd2+ e ganha.

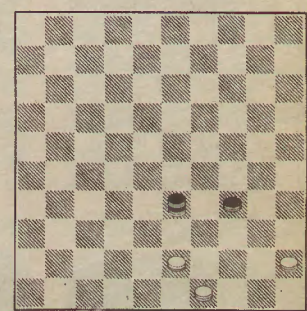
A. de M. M.

DAMAS

CDXLIII - 30 de Dezembro de 1993

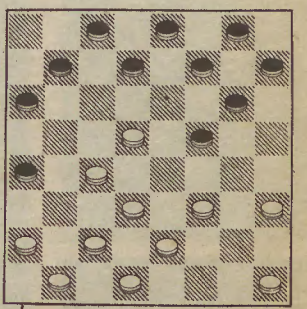
PROPOSIÇÃO Nº 1993D103
Por: HENRI CHILAND
Secrets et merveilles du Jeu de Dames, Paris, 1958

Pr.: [2]: (33)-34
Br.: [4]: 6-43-45-49



Branças jogam e ganham
PROPOSIÇÃO Nº 1993D104
Golpe Nº 51/93
Por: AMADEU DE ALMEIDA
PORTO, 21.IV.1942

1. 11-14, 22-18; 2. 6-11, 23-20; 3. 12-15, 20-15; 4. 2-6, 28-23; 5. 14-19, 23-14; 6. 10-19, 32-28; 7. 5-10 DIA-GRAMA



Pretas jogam e ganham
SOLUÇÕES DO Nº CDXLIII
Nº 1993D103 [II. Ch.]: 1. 43-39!, (33x50*); 2. 45-40!, (34x45); 3. 6-1=D, (50-39...), 4. 49-44, (...39x50); 5. 1-6+
Nº 1993D104 [A. da A.]: 7...., 18-14; 8. 11-18, 21-5; 9. 1-10, 16-12; 10. 7-16, 24-20; 11. 16-32=D, 31-28; 12. 32-23, (27-2)=+

A. de M. M.

a talhe de FOICE

Operários

São muito antigos, estes operários que Maria Keil glorificou num estudo para painel de azulejos na Avenida Infante Santo, em Lisboa, executado em guache sobre papel entre 1956 e 1958.

Têm, ao que se sabe, a idade de dez mil anos.

A idade da civilização, que nasceu com a primeira cidade.

Não que estes operários, com posturas, técnicas e equipamentos do nosso século, hajam estado há 10 000 anos na construção das muralhas de Jericó - tão formidáveis que a Bíblia, no Livro de Josué, as reergue da memória mítica dos homens para, sete milénios depois, as abater ao som terrível da trombeta divina.

Tal como não foram estes operários que, de há oito mil anos para cá, se multiplicaram pelo Crescente Fértil, na charneira da Europa, África e Ásia, para erguer com os seus fios de prumo e colheres de pedreiro a cidade neolítica de Çatal Hoyuk, na Anatólia, as urbes mesopotâmicas de Hassuna, Samarra e Ubaid ou as lendárias Luoyang e Xianyang, na China dos Reinos Combatentes. Ainda foi gente como eles que tudo concretizou, num trabalho contínuo e imparável: a criação de

excedentes, a multiplicação das riquezas, a invenção das cidades, a domesticação dos territórios, a organização dos Estados, a construção do incomensurável prodígio que é a civilização humana. Não fazendo tudo, sem eles nada se fez: à existência de Tebas-a-das-cem-portas ou do laboratório espacial Hubble, indispensáveis foram as mãos, talento e energia dos seus construtores.

Mas sendo muito antigos, também são eternos.

Têm a eternidade da civilização humana.

Não que estes operários, com posturas, técnicas e equipamentos que até já no nosso século estão desactualizados, venham a construir o que quer que seja nos séculos e milénios vindouros.

Nem que o seu fio de prumo e colher de pedreiro resistam mais, no advento de outras tecnologias, recursos e organizações do trabalho, que o tijolo cru das muralhas de Jericó ou os maços de madeira do Egipto Antigo.

Pode até ser que a fábrica e o estaleiro cedam o lugar a laboratórios onde prodigiosa alquimia ergue

cidades, desenha paisagens e cria engenhos que tudo manobram. Nessa altura, os grandes construtores não andarão de broca em punho nem sequer estarão amarrados, um a um, a consolas de computador. Nem se chamarão operários, como durante milénios o não foram chamados.

Todavia estarão lá na mesma, indispensáveis e diligentes como sempre, incomensuravelmente mais cultos e apetrechados, a velar para que tudo aconteça e o milagre da civilização se repita pelos séculos dos séculos.

Daqui até lá povoarão novas Mesopotâmias, inventarão outras escritas, desempenharão ofícios desconhecidos, erguerão diferentes cidades, expandirão fantásticos poderes.

Farão o que sempre fizeram desde que domesticaram o primeiro carneiro, seleccionaram a primeira espiga, moldaram a primeira cerâmica, utilizaram o primeiro metal, amassaram o primeiro tijolo, talharam a primeira pedra, abriram a primeira oficina, animaram a primeira fábrica, atiraram o primeiro engenho à Lua.

Estarão, como sempre estiveram, operando o milagre da vida com a energia do seu trabalho.

Sendo, como sempre foram, operários em construção. Estes mesmos que Maria Keil glorificou em guache sobre papel entre 1956 e 1958.

■ HC

